

EDIÇÃO 37
TRIMESTRAL
OUTUBRO 2014
ISSN 2238-1287
R\$ 18,00

ANO
10

ideia

S U S T E N T Á V E L

Observatório de Tendências em Sustentabilidade



ESTUDO NEXT

**7 desafios de saúde
e sustentabilidade**

MOVI MENTO natura

O desejo por um mundo mais justo e inclusivo ganha voz. Ganha vozes. Em todo o país, muitas iniciativas já estão sendo colocadas em prática e precisam de colaboração. Pequenas ações concretas que, juntas, podem alcançar uma força que nunca se viu. O Movimento Natura conecta essas iniciativas e facilita o encontro entre quem tem projetos transformadores e pessoas que querem colaborar com eles, fazendo o que sabem e o que gostam de fazer. Novos encontros. Muitas transformações. Saiba mais e participe em movimentonatura.com.br

Mariana Fontenele,

fornecedora da Natura em São Paulo, é consultora para projetos culturais e sempre quis contribuir com a inclusão cultural de jovens.

Faltava eles se encontrarem.

A close-up photograph of a man with dark hair, wearing a light blue button-down shirt, looking down and smiling at a woman whose dark, curly hair is visible on the left side of the frame. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting an outdoor setting. A large, semi-transparent blue circle is overlaid on the lower-left portion of the image, containing text.

Gledson Brito,

consultor Natura em Fortaleza, conscientiza jovens por meio do teatro e precisava de um produtor cultural para ajudar na profissionalização do seu projeto.

em. Agora não falta mais.



Revista Ideia Sustentável

Ano 10 Edição 37

Foto/capa: iStockphoto

Esta publicação é uma marca idealizada, concebida e produzida por **Ofício Plus Comunicação e Editora Ltda.**, que edita estudos temáticos elaborados pelo NEXT – Observatório de Tendências em Sustentabilidade, da consultoria Ideia Sustentável: Estratégia e Inteligência em Sustentabilidade.

Direção geral

Ricardo Voltolini (ricardo@ideiasustentavel.com.br)

Edição

Fábio Congiu (fabio@ideiasustentavel.com.br)

Pesquisa

Rosicler Rodriguez (rosicler@ideiasustentavel.com.br)

Marília Ferreira (marilia@ideiasustentavel.com.br)

Herbert Santo de Lima (herbert@ideiasustentavel.com.br)

Marketing e vendas

Andressa Batelochio (andressa@ideiasustentavel.com.br)

Direção de Arte e Diagramação

Cesar Mangiacavalli

Ilustrações

Aline Amarante (aline@ideiasustentavel.com.br)

iStock.com

Colaboraram nesta edição

Adélia Chaves, Alberto Ogata, Evangelina Vormittag, Gerson Nogueira, Istvan Camargo, Joe Flower, Luiz Coelho (Opinião); Aileen Ionescu-Somers, John Elkington (Livre Pensar)

Editoração eletrônica

Studio52

Impressão e acabamento

Vox

Periodicidade

Trimestral

Ideia Sustentável online

www.ideiasustentavel.com.br

Assinaturas corporativas, edições anteriores e reprints

ana@ideiasustentavel.com.br

55 (11) 5579-8012

A revista **Ideia Sustentável** tem tiragem de 7 mil exemplares e distribuição dirigida a lideranças de empresas socioambientalmente responsáveis, de organizações de terceiro setor e dos governos federal, estadual e municipal.

A publicação não se responsabiliza pelas opiniões emitidas por seus articulistas, colunistas e entrevistados. A reprodução do conteúdo editorial desta revista, assim como de sua versão online, só será permitida com a autorização da editora ou com a citação da fonte.

Esta revista foi impressa em papel couché (115 g no miolo e 230 g na capa) certificado pelo FSC, que garante a procedência sustentável do produto.

Redação e Administração – redacao@ideiasustentavel.com.br

Rua Bagé, 269 – São Paulo – SP – Brasil – CEP 04012-140

Fone: 55 (11) 5579-8012

Impressão
VOX
Especialista em fazer Revistas



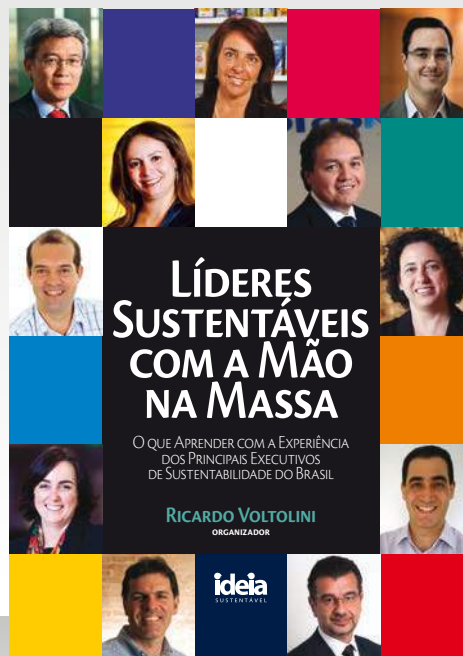
Empresas e organizações assinantes de Ideia Sustentável

Ao adquirir uma assinatura corporativa, essas empresas apoiam **Ideia Sustentável**, contribuindo para a disseminação de informações qualificadas sobre sustentabilidade empresarial e, também, para a sustentabilidade da revista.



PREFEITURA DE
CAMPINAS
Um novo tempo
para nossa cidade.

Seja você também um assinante corporativo.
Veja como no site www.ideiasustentavel.com.br



Para adquirir, acesse:
www.ideiasustentavel.com.br/lideres

IDEIA SUSTENTÁVEL

◆ EDUCAÇÃO ◆

PARA SABER MAIS
E MELHOR

SE VOCÊ QUER TREINAR OS LÍDERES E COLABORADORES DE
SUA EMPRESA EM SUSTENTABILIDADE, CONTRATE NOSSOS

CURSOS, WORKSHOPS E PALESTRAS:

aline@ideiasustentavel.com.br

(11) 5579.8012



Estudo NEXT: 7 desafios de saúde e sustentabilidade



10
Panorama da Saúde
Situação no mundo e no Brasil



12
Abertura
Mentes, empresas e políticas sãs em um sistema sã



18
Desafio 1
Responsabilidade individual



26
Desafio 2
Visão integral da saúde

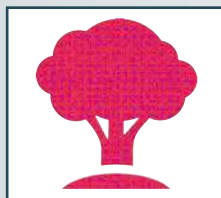


77 Plataforma Liderança Sustentável

Novos vídeos da *Plataforma Liderança Sustentável* – Executivos atingem 120 mil visualizações. Confira alguns dos principais resultados do movimento.

82 Dica de Leitura

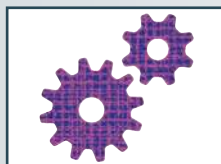
Saiba tudo sobre o livro *Sustainability for Healthcare Management: A Leadership Imperative*, de Carrie Rich, Knox Singleton e Seema Wadhwa, que apresenta de forma didática e sintética uma proposta de transformação organizacional nas instituições de saúde a partir do poder de decisão dos líderes.



34
Desafio 3
Meio ambiente como causa e cura de doenças



42
Desafio 4
Saúde como estratégia de sustentabilidade das empresas



50
Desafio 5
Gestão de impactos



58
Desafio 6
Tecnologias mais acessíveis



66
Desafio 7
Novos produtos e serviços

Opinião

74 Os desafios pelos especialistas
Especialistas nacionais e internacionais escrevem artigos exclusivos sobre os desafios apresentados pelo estudo de *Ideia Sustentável* para complementar os conteúdos e provocar reflexões no leitor.

80 Livre Pensar

Aileen Ionescu-Somers (IMD) descreve os desafios e oportunidades das grandes farmacêuticas na busca pela gestão sustentável, e John Elkington (Volans) reflete sobre a relação entre os aspectos ambientais, sociais e econômicos da agenda da saúde.

SUSTENTÁVEL

IDEIA SUSTENTÁVEL ◆ AKADEMIA ◆

PARA LIDERAR UMA
NOVA ECONOMIA

SE VOCÊ QUER DESENVOLVER LÍDERES SUSTENTÁVEIS QUE VÃO FAZER

A DIFERENÇA, CONTRATE OS NOSSOS PROGRAMAS

LÍDER SUSTENTÁVEL – JOVENS

E LÍDER SUSTENTÁVEL – GESTORES PÚBLICOS:

poliana@ideiasustentavel.com.br

(11) 5579.8012

**ideia**
SUSTENTÁVEL



O que sustentabilidade tem a ver com saúde?

Esta edição registra uma síntese dos **7 Desafios de Saúde e Sustentabilidade**, terceiro estudo do **NEXT – Observatório de Tendências em Sustentabilidade**, instrumento com o qual a consultoria **Ideia Sustentável** realiza pesquisas aplicadas para a gestão de conhecimento em sustentabilidade. A principal diferença para as duas edições anteriores (**Recursos Humanos** e **Pequenas e Microempresas**) é que, nesta, o leitor terá uma versão resumida do material que compõe o estudo, podendo acessar a íntegra no site www.ideiasustentavel.com.br. Vale ressaltar a novidade: tanto os textos explicativos de cada um dos sete desafios quanto as opiniões de experts (*Palavras de Especialistas*), o relato de *cases* nacionais e internacionais (*No Radar*) e ainda as recomendações práticas (*Caminho das Pedras*) trazem mais detalhes na versão virtual.

Outra boa novidade merece menção: além da **Fundação Espaço ECO®**, apoiadora principal do **NEXT**, este estudo conta com dois importantes apoiadores pontuais, organizações sérias e comprometidas com a discussão do tema da sustentabilidade: **Hospital Sírio-Libanês** e **Unimed**. E ainda o apoio institucional do **Instituto Saúde e Sustentabilidade**, por meio do evento **Virada da Saúde**, da **Associação Brasileira de Qualidade de Vida (ABQV)** e da **Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma)**.

Para elaborar **7 Desafios de Saúde e Sustentabilidade** — no caso desta pesquisa, em especial, preferimos chamar os achados de “desafios”, dado o fato de que alguns deles se enquadram em tendências mais gerais conhecidas no mundo da saúde —, os pesquisadores **Rosicler Rodriguez**, **Herbert Santo de Lima** e **Marília Ferreira** contataram **43** organizações internacionais, **27** organizações nacionais, **24** especialistas nacionais e **41**

especialistas internacionais. Além disso, aprofundaram-se no estudo de **60** fontes — entre livros, pesquisas e conferências —, das quais recolheram os dados que contextualizam os desafios. Nesse esforço, contaram com o apoio do jornalista **Fábio Congiu**, editor do **NEXT**, e as ilustrações de **Aline Amarante**, além da minha coordenação pessoal.

MAS O QUE TEM A VER SAÚDE E SUSTENTABILIDADE?

A resposta é: tudo, embora a relação não se apresente tão óbvia à primeira vista. Em reforço a minha afirmação, reproduzo aqui o que ouvi, em almoço recente no Hospital Sírio-Libanês, de **Gro Harlem Brundtland**, ex-primeira ministra da Noruega e coordenadora do famoso relatório *Nosso Futuro Comum* (1987), primeiro documento da ONU a cunhar a expressão desenvolvimento sustentável: “Se desenvolvimento sustentável é aquele que garante as melhores condições de vida das gerações futuras, ele simplesmente não acontecerá se nossos netos e bisnetos tiverem sua saúde prejudicada por efeitos da escassez de recursos e das mudanças climáticas.”

Não é nenhuma novidade que o atual modelo de desenvolvimento econômico, o chamado *business as usual*, emite mais gases de efeito estufa do que a Terra é capaz de absorver, degrada os ambientes naturais em ritmo acelerado, lança poluentes tóxicos no ar, desgasta a fertilidade do solo e reduz a qualidade e disponibilidade de água, entre outras graves externalidades que aumentam exponencialmente o risco de doenças e os prejuízos à qualidade de vida das pessoas.

O dilema do aquecimento global mostra-se ainda mais preocupante se considerarmos que **1/4** da população global de **7 bilhões** de pessoas compõe-se de indivíduos muito pobres, exatamente aqueles que têm mais dificuldade de

acesso a saneamento básico, água potável e saúde pública — a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que as mudanças climáticas impactem de **20 a 30** vezes mais os países em desenvolvimento do que os desenvolvidos.

A saúde das pessoas depende, portanto, da saúde do planeta; pressupõe não apenas a dimensão física, mas também a ambiental, a mental e a emocional. Decorre de uma maior interação do homem com a natureza e seus elementos. Envolve responsabilidades compartilhadas em uma cadeia de valor muito fragmentada. Impõe o desafio de melhorar o acesso, de reduzir custos, de incluir pessoas. Implica uma nova visão de valor compartilhado entre os diferentes *players* do sistema de saúde, e não — como afirma a médica Ana Maria Malik — uma “competição de soma zero”, em que todos “lutam para dividir o valor gerado, não para aumentá-lo.” Em um tempo marcado pela interdependência, escolhas individuais, políticas públicas e decisões empresariais impactam não apenas a saúde do indivíduo, mas das sociedades e do planeta.

UM RECORTE DA REALIDADE, RELATIVO COMO TODO RECORTE

A esta altura, o leitor deve estar se perguntando o que leva uma consultoria de sustentabilidade — e não uma empresa ligada ao setor de saúde — a realizar um estudo correlacionando sustentabilidade e saúde. São duas as respostas. A primeira baseia-se na constatação de que são escassos estudos com esse foco no mundo. A segunda diz respeito a um propósito de **Ideia Sustentável** de oferecer um novo olhar sobre o tema, “de fora para dentro”, da perspectiva não especializada de quem regularmente observa os mais diversos cenários tendo como eixo o conceito da sustentabilidade.

Com este estudo, o **NEXT** não tem nenhuma pretensão de aprofundamento

em tema que é de domínio técnico dos diversos atores da saúde: o seu habitat é o da pesquisa aplicada, feita com base em imersão pontual de três meses, por especialistas em sustentabilidade, não em saúde. Não prospecta futuros, apenas mapeia e identifica tendências/desafios, organiza-os e sistematiza-os sob análise de profissionais da área para convertê-los em conhecimento útil. Não pretende ser mera referência bibliográfica para pesquisadores, mas material de trabalho e gestão de conhecimento para públicos interessados em sustentabilidade. Obviamente, não tem a menor ambição de esgotar assunto tão vasto, muito menos apresentar uma visão absoluta. Teremos cumprido nossa missão se o recorte específico proposto por este estudo provocar boas reflexões.

A RELAÇÃO DOS DESAFIOS COM INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE

Para fazer uma conexão direta entre os desafios e o conceito de sustentabilidade — como já disse, não tão óbvia em alguns casos — os textos explicativos vêm precedidos por um gráfico (*Impactos no Triple Bottom Line*) que registra alguns impactos econômicos, sociais e ambientais. Ainda com a mesma intenção, o leitor terá, em cada um dos sete desafios, um quadro (*Indicadores correlatos*) relacionando-os com indicadores do **Global Reporting Initiative (GRI)**, **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)** e os **Princípios do Pacto Global**.

Como o leitor verá, há um desafio denominado Zero — o do valor compartilhado — discutido no texto de abertura. O número não significa menor importância, muito pelo contrário: ampliar o acesso a uma saúde de qualidade por meio da gestão focada em valor compartilhado é um desafio tão importante — apesar de complexo e quase utópico, na visão de muitos entrevistados — que vem antes de todos e, de certo modo, os permeia.

Apoio



HOSPITAL
SÍRIO-LIBANÊS
RESPONSABILIDADE SOCIAL



Apoio institucional



BOA REPERCUSSÃO DO NEXT

O primeiro *Estudo NEXT – 10 Tendências de Sustentabilidade para RH* foi apresentado duas vezes, no último dia 18 de agosto, no 40º CO-NARH – Congresso Nacional sobre Gestão de Pessoas, o maior evento do setor na América Latina. Ricardo Voltolini, diretor-presidente de Ideia Sustentável, apresentou as tendências para 200 profissionais em painel de abertura do congresso. Representando a Fundação Espaço ECO®, principal apoiadora do NEXT, o consultor Vitor Seravalli e Camila Daniele falou sobre os achados do estudo para 100 pessoas, em espaço denominado Cine ABRH.

Já o segundo *Estudo NEXT – 8 Tendências de Sustentabilidade para Pequenas e Microempresas* foi apresentado no 4º Seminário Sebrae



de Sustentabilidade, em Cuiabá (MT), entre os dias 29 e 31 de julho.

No último dia 26 de setembro, o mesmo estudo foi objeto de palestra de Voltolini para 120 fornecedores da cadeia de valor da AES Brasil — este encontro se desdobrará em dois workshops (São Paulo e Porto Alegre) até o final do ano.

NEXT NA 1ª VIRADA DA SAÚDE

Na condição de apoio institucional, o terceiro Estudo NEXT conta com o Instituto Saúde e Sustentabilidade e seu projeto 1ª Virada da Saúde, que acontece entre os dias 7 e 12 de abril de 2015, em comemoração ao Dia Mundial da Saúde. Na ocasião, Ideia Sustentável apresentará os achados da pesquisa para os participantes do encontro.

Fundado em 2008, o Instituto Saúde e Sustentabilidade é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que tem como principal objetivo contribuir para estilos de vida mais saudáveis nas grandes cidades a partir da preservação



e promoção da saúde humana com projetos que envolvem diversos atores sociais, como órgãos do governo, ONGs, empresas, instituições de ensino, comunidades, entre outros.

Nesse sentido, a 1ª Virada da Saúde foi criada para abordar o tema de forma lúdica e vinculá-lo à urbanidade. A ideia é que as pessoas entendam a promoção da saúde como parte do dia a dia, percebam a relação com a cidade e se identifiquem como protagonistas para alcançar qualidade de vida onde moram. A iniciativa é apoiada pela Prefeitura da Cidade, com a participação da Secretaria Municipal de Saúde.



Contexto da saúde: situação no mundo e no Brasil

A **Organização Mundial de Saúde (OMS)** definiu **saúde** como “estado de completo bem estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças”. O conceito, claramente, não se restringe ao acesso a serviços (exames, hospitais, consultórios) ou à prevenção de doenças, mas envolve um processo subjetivo e dinâmico, que compreende a busca contínua do equilíbrio entre as dimensões aspectos física, mental, social e emocional que permeiam a vida de uma pessoa.

Já **saúde pública**, segundo a OMS, é a “ciência e a arte de promover, proteger e recuperar a saúde por meio de medidas de alcance coletivo e de motivação da população”. Ela objetiva o estudo e a busca de soluções para problemas que impactam na qualidade de vida das pessoas, considerando, para tanto, os sistemas sócio-cultural, ambiental e econômico.

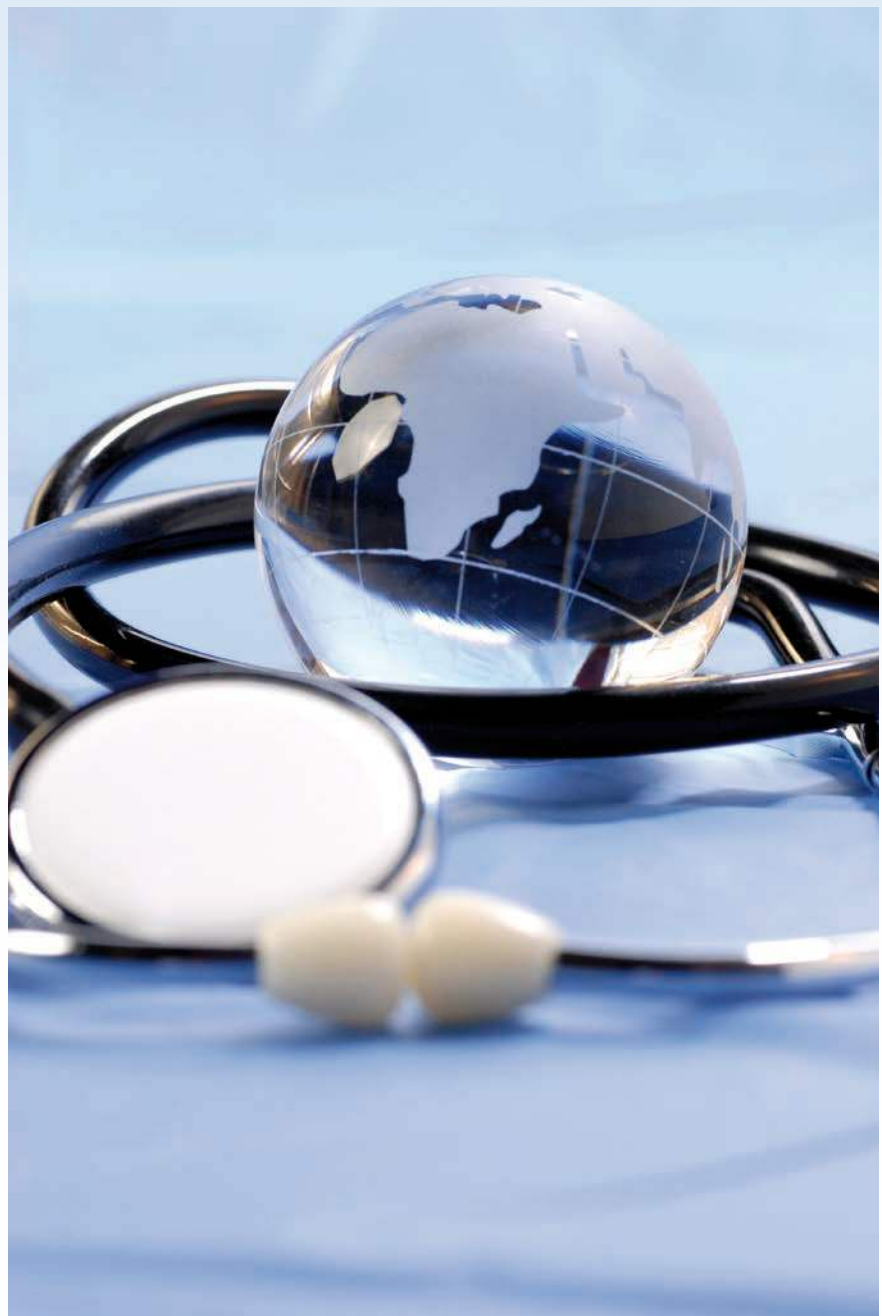
A SAÚDE NO MUNDO

Nunca se viveu tanto tempo e tão bem como na atualidade. A tecnologia avança de modo rápido, e os próximos **100** anos serão proporcionalmente equivalentes a mais de **20 mil** nos dias de hoje. A população global segue crescendo rumo aos **9 bilhões** de pessoas em 2015; a chamada “base da pirâmide” deverá compor **2/3** desse cenário, e a terceira idade, **1/4**. Com a sociedade e economia cada vez mais em rede, novos valores e níveis de consciência emergem — cada um poderá fazer diferença para melhorar a sua saúde e a de todos.

Porém, em todo o mundo, a indústria da saúde vive um momento crítico de reinvenção: de um lado, tem de considerar acessibilidade, qualidade e atacado/oferta; de outro, varejo/demanda. Com isso, surgem novas perspectivas (modelo de saúde integrado, paciente empoderado e hábitos saudáveis para prevenir doenças

crônicas), novos segmentos (baixa renda e população com idade acima de 65 anos) e novas tecnologias (conhecimento, processos, medicamentos e equipamentos).

Um número crescente de países enfrenta um duplo fardo: enquanto encaram o aumento da prevalência de fatores de risco para doenças crônicas — como



diabetes, doenças cardíacas e câncer —, muitos ainda lutam para reduzir as mortes maternas e infantis causadas por doenças infecciosas, conforme mostra o relatório *Estatísticas Mundiais de Saúde 2011*, da OMS. Vale ressaltar: **80%** dos casos de doenças cardiovasculares e diabetes e **40%** dos casos de câncer são evitáveis se houver uma mudança do estilo de vida.

Segundo o relatório *Progress on Drinking Water and Sanitation 2012*, publicado pelo **Programa de Monitorização Conjunta da OMS/UNICEF para o Abastecimento de Água e o Saneamento**, pelo menos **11%** da população mundial — **783 milhões** de pessoas — continuam a não ter acesso à água potável segura. A pesquisa realça também que o mundo ainda está longe de alcançar a meta dos **Objetivos do Milênio (ODM)**, da **ONU**, para o saneamento até 2015: apenas **63%** da população mundial contam, agora, com esse serviço, um número que — estima-se — pode aumentar somente para **67%** até 2015, muito abaixo dos **75%** almejados (**2,5 milhões** de pessoas continuam sem ter acesso a saneamento melhorado).

Dados da OMS mostram que a expectativa de vida no mundo aumentou em média **três anos** nos países pobres e **seis anos** nos países ricos entre 1990 e 2012. Um homem nascido em 2012 tende a viver **68 anos**; uma mulher, **73**. Porém, a diferença de gastos em saúde entre nações de baixa e de alta renda continua muito grande: nas primeiras, as despesas *per capita* são estimadas em **32 dólares** (cerca de **5,4%** do PIB); nas outras, em **4.590 dólares** (ou cerca de **11%** do PIB), além de terem média de **10** vezes mais médicos, **12** vezes mais enfermeiros e **30** vezes mais dentistas *per capita*.

De acordo com o estudo *HealthCast 2020: Creating a Sustainable Future*, da **PricewaterhouseCoopers' Health Research Institute**, há uma crescente evidência de que os sistemas de saúde atuais ao redor do mundo serão insustentáveis se inalterados ao longo dos próximos 15 anos. Globalmente, os cuidados de saúde estão ameaçados por uma

confluência de tendências poderosas: aumento da procura, custos crescentes, qualidade irregular, incentivos desalinhados. Se ignoradas, devem sobrecarregar os sistemas de saúde, criar encargos financeiros enormes para os países e gerar graves problemas para os indivíduos.

A SAÚDE NO BRASIL

Segundo publicação da **Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma)**, *Cinco sugestões para melhorar já a saúde do Brasileiro*, de 2014, o Brasil sofre de um problema antigo e crônico: o limitado acesso aos serviços públicos qualificados de saúde, que se tornou a maior demanda da população. Apesar de avanços nos últimos anos, com programas reconhecidos internacionalmente — como os de vacinação e de AIDS — e a queda da mortalidade infantil (de **53,7** por **1.000** nascidos vivos em 1990 para **17,7**, em 2011), o país enfrenta dificuldades constrangedoras para estabelecer um sistema eficiente e qualificado de saúde.

O gasto público em saúde é menor do que a média mundial. Representa **4,2%** do PIB (em países com sistemas semelhantes ao brasileiro, como Espanha e Reino Unido, equivale a **7,1%** e **8%**, respectivamente). Os recursos são desperdiçados por uma gestão que, preocupada corretamente com a descentralização e a participação de todos os níveis federativos, gera inconsistência no planejamento e nas ações.

Ao mesmo tempo que precisa ampliar o acesso a medicamentos, o país cobra impostos que estão entre os mais altos do mundo: **33,8%**, o que leva os cidadãos a custear de seu próprio bolso cerca de **70%** dos remédios que consomem. Para aprovar um protocolo de pesquisa, gasta-se, em média, **um ano**; para aprovar a entrada de um novo medicamento no mercado chega, mais de **dois anos**; para registrar uma patente, **10 anos**.

Além disso, falta acesso a condições básicas — **19%** da população não têm água potável, e **58%** não têm esgoto coletado — e há grandes desafios para o **Sistema Único de Saúde (SUS)**, como a falta de informações para a população,

de tecnologia para apoiar a atenção básica, de médicos especializados no atendimento de média complexidade e de estrutura hospitalar. O segmento de baixa renda corresponde a aproximadamente **80%** da população brasileira, sendo que **90%** não têm plano de saúde.

A *Saúde no Brasil*, pesquisa realizada pelo **Instituto Datafolha** e **Interfarma** em fevereiro de 2014 com 2.109 pessoas a partir de 16 anos, de todos os níveis econômicos, em 140 municípios de pequeno, médio e grande porte, mostrou que, para **45%** dos entrevistados, o principal problema do país é — desde 2008 — a **saúde**, seguida pela violência/segurança (18%), corrupção (10%), educação (5%), desemprego (4%) e fome/miséria (2%).

Segundo dados de 2012 do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, a expectativa de vida no Brasil é de **74,6 anos** (**71** anos para os homens e **78,3** para as mulheres). Os idosos deverão representar **26,7%** da população (**58,4 milhões** de **218 milhões** de pessoas) em 2060, uma proporção **3,6 vezes** maior do que a atual. A longevidade, no entanto, traz um novo problema. O perfil das enfermidades que mais afligem os brasileiros mudou. As doenças crônicas mais comuns em idosos e o tratamento especializado para elas é o maior gargalo do sistema de saúde. Segundo Gonzalo Vecina, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP e superintendente corporativo do Hospital Sírio-Libanês, “diminuímos a importância de morrer de doenças infectocontagiosas e começamos a morrer de doenças crônico-degenerativas, como hipertensão e diabetes, e isto muda o padrão assistencial”.

Mesmo diante de tantas dificuldades, é possível corrigir rotas e obter avanços significativos se cada um dos *stakeholders* da saúde der a sua contribuição para que o sistema se torne eficiente, de qualidade e sustentável.

Rosicler Rodriguez é especialista em sustentabilidade, responsabilidade social corporativa e qualidade de vida e pesquisadora do NEXT – Observatório de Tendências em Sustentabilidade da consultoria Ideia Sustentável: Estratégia e Inteligência em Sustentabilidade.

7 DESAFIOS DE SAÚDE E SUSTENTABILIDADE



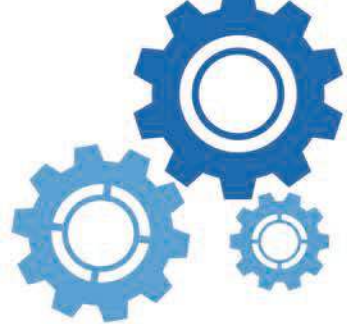
FONTES:

70

ORGANIZAÇÕES NACIONAIS
E INTERNACIONAIS

65
ESPECIALISTAS

60
LIVROS, PESQUISAS, ESTUDOS,
ARTIGOS E CONFERÊNCIAS



1. Responsabilidade individual: assumir as rédeas da própria saúde
2. Visão integral da saúde: substituir uma abordagem fragmentada do paciente por um olhar sistêmico
3. Meio ambiente: cuidar para que fatores ambientais contribuam com a saúde
4. Saúde como estratégia de sustentabilidade das empresas: profissionais saudáveis, empresas produtivas, planeta melhor
5. Gestão de impactos: gerir as externalidades na cadeia de valor dos serviços de saúde
6. Tecnologias mais acessíveis: ampliar o acesso a recursos que fomentem a cura e a prevenção de doenças
7. Novos produtos e serviços: aumentar a oferta de inovações para a saúde

Mentes, empresas e políticas sãs em um sistema são

A relação entre saúde e sustentabilidade tem de relevante o que ainda lhe falta de análises e estudos aprofundados. Saúde é parte indissociável e fundamental do conceito de desenvolvimento sustentável. Ela considera os indivíduos em sua complexidade e incorpora a dimensão ambiental. Há poucas pesquisas desenvolvidas com olhar abrangente no tema e, em especial, sobre suas potenciais contribuições para a gestão pública e privada. A pública envolve a prevenção de riscos ambientais e sociais, como projetos de saneamento básico, redução de emissões de carbono e preservação dos recursos naturais e da vida; a gestão privada, as possibilidades de inovação em produtos e serviços e de engajar colaboradores em um propósito maior. Sem contar que ambas as esferas saem ganhando em qualidade e reduções de custos de médio e longo prazo. Ampliar esse debate significa, portanto, trilhar um caminho novo e desafiador, repleto de oportunidades de transformações individuais, políticas e empresariais



“Os seres humanos estão no centro das preocupações do desenvolvimento sustentável. Têm direito a uma vida saudável e produtiva, em harmonia com a natureza”, afirma o Princípio I da Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Os objetivos de sustentabilidade não podem ser atingidos, portanto, quando se verifica uma prevalência de doenças debilitantes; nem o bem-estar da população será alcançado com um comportamento ecologicamente irresponsável.

Se a produtividade das nações depende de cidadãos saudáveis, a sustentabilidade dos sistemas de saúde é uma questão de competitividade e um imperativo econômico e moral. Para o “ecossocioeconomista” Ignacy Sachs, fundador do **Centro Internacional de Pesquisa sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento** na **Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris**, “é crescente a conscientização sobre a saúde, a ciência e a tecnologia como requisitos para o desenvolvimento econômico e social, não mais apenas como consequências dele”.

Criar planos para realizar o bem-estar e a entrega continuada de cuidados de alta qualidade corresponde à essência do desenvolvimento sustentável. Ações imediatas para reduzir as emissões de carbono e estancar o esgotamento dos recursos naturais, por exemplo, podem beneficiar a saúde dos indivíduos e o próprio sistema de saúde. Modelos mais elaborados de atendimento podem empoderar pacientes e oferecer incentivos reais para prevenir as doenças, o que gera redução de custos diretos.

“Saúde é parte indissociável e fundamental do conceito de desenvolvimento sustentável. Ela considera os indivíduos em sua complexidade e incorpora a dimensão ambiental, ou seja, leva em conta não só a esperança de vida ao nascer, mas o direito de viver em um planeta

saudável. Em outras palavras, situa-se no cerne do conceito de sustentabilidade”, afirma em artigo Evangelina Vormittag, médica e diretora-presidente do **Instituto Saúde e Sustentabilidade**

Diante desse cenário, o **NEXT – Observatório de Tendências em Sustentabilidade**, da consultoria **Ideia Sustentável: Estratégia e Inteligência em Sustentabilidade**, identificou sete desafios de saúde e sustentabilidade, que abordam desde a responsabilidade individual sobre o bem-estar até os impactos socioambientais e econômicos do desenvolvimento sustentável do setor.

Vale ressaltar: ao contrário de estudos anteriores, em que o NEXT identificou “tendências”, neste, especificamente, optou-se por classificar os achados como “desafios”, por entender que eles estão ligados a tendências gerais — algumas já

relativamente conhecidas no universo dos profissionais de saúde —, a despeito de aqui terem sido propositalmente enquadrados sob a ótica do conceito de sustentabilidade. Para efeito de definição elementar, considera-se tendência aquilo que está propenso/inclinado a acontecer agora e/ou no futuro; e desafio, uma provocação, uma meta, um objetivo, algo que, alcançado — com mudanças de visões e práticas —, trará benefícios e impactos positivos para a economia, a sociedade e o planeta.

O desafio apresentado a seguir, denominado Zero, foi, a princípio, sugerido como tendência. Nessa condição, não contou com a validação unânime dos especialistas ouvidos pelo NEXT, por parecer, apesar de relevante na teoria, difícil na prática, dada a necessidade de envolver um diálogo amplo de *stakeholders*



CAMINHO DAS PEDRAS

Como criar um sistema de saúde sustentável

O PricewaterhouseCoopers’ Health Research Institute elaborou o estudo *Criando um Futuro Sustentável na Área da Saúde (HealthCast 2020: Creating a Sustainable Future)*, que identifica sete características-chave de sistemas de saúde sustentáveis. São elas:

- 1. Busca de uma base comum:** é necessária uma visão estratégica para equilibrar interesses públicos e privados na construção de infraestrutura e prestação de benefícios básicos de saúde.
- 2. Suporte digital:** o melhor uso da tecnologia e de redes eletrônicas interoperáveis acelera a integração, padronização e transferência de informações administrativas e clínicas.
- 3. Realinhamento de incentivo:** sistemas de incentivo asseguram e gerenciam o acesso aos cuidados, além de apoiar a prestação de

contas e garantir responsabilidade nas decisões de saúde.

- 4. Qualidade e padrões de segurança:** normas clínicas definidas estabelecem mecanismos de responsabilização e maior transparência e aumentam a confiança do consumidor.
- 5. Estratégia de recursos e implantação:** a alocação de recursos de forma adequada satisfaz demandas conflitantes em sistemas de controle de custos e garante acesso a mais pessoas.
- 6. Clima de inovação:** novas tecnologias e processos de mudanças são meios para melhorar continuamente o tratamento, a eficiência e os resultados.
- 7. Papéis e estruturas de entrega adaptáveis:** ambientes de cuidados flexíveis e tarefas clínicas expandidas priorizam as necessidades do paciente.



NO RADAR

Inovação colaborativa

com interesses nem sempre convergentes. A **ampliação do acesso a uma saúde de qualidade por meio de gestão focada no valor compartilhado** é um desafio que serve como pano de fundo para os demais sete desafios identificados.

DIVIDIR DESAFIOS, EXPANDIR RESULTADOS

O sistema público de saúde no Brasil foi estabelecido sob o conceito da universalidade, isto é, cada brasileiro deve ter, por meio de políticas públicas, acesso a todas as alternativas de saúde para as suas necessidades. Porém, observa-se um problema crônico: a limitada disponibilidade dos serviços públicos qualificados.

É necessário, portanto, tornar a gestão da saúde eficiente desde a atenção básica até os atendimentos de média e alta complexidade. Para que essa evolução seja possível, governos, profissionais, sociedade civil, setor farmacêutico e demais atores do sistema devem atuar conjuntamente. Mas, para muitos entrevistados do estudo, não existe no Brasil um diálogo organizado na área.

Para a coordenadora do **GVSaúde** da **Fundação Getúlio Vargas**, Ana Maria Malik, não se pode falar em

Autor do livro *Liderar a partir do Futuro que Emerge – A Evolução do Sistema Econômico Ego-cêntrico para o Eco-cêntrico* (Elsevier/2014), Otto Scharmer afirma que a transformação institucional do sistema de saúde segue, de certa maneira, a seguinte jornada:

1. Assistência institucional centrada em *inputs* e autoridade;
2. Assistência gerenciada centrada nos resultados;
3. Assistência integrativa centrada no paciente;
4. Assistência integral e holística centrada no cidadão.

Um exemplo que pode ajudar a esclarecer o processo de transformação de um sistema de saúde baseado na referência acima é o da Namíbia. O trabalho de Scharmer no país começou com uma parceria entre o **Synergos Institute**, a **McKinsey & Company** e o **Presencing Institute**, em 2010. Inicialmente, realizou-se um workshop de três dias com o gabinete ministerial para apresentar as desconexões: 1) as rotinas de planejamento necessárias eram elaboradas (Visão 2030, planos quinzenais e estratégicos, planos orçamentários anuais), mas não estavam vinculadas umas com as outras; 2) não havia um verdadeiro diálogo com os empregados do topo da pirâmide; e 3) problemas generalizados impediam a comunicação entre os ministérios (e dentro de cada ministério). A seguir, algumas lições dessa jornada de três anos de transformação:

Coinicição: estabeleceu-se uma intenção compartilhada entre os principais *players* do

Ministério da Saúde e os funcionários públicos foram incentivados a trabalhar mais em equipe.

Cosensibilização: foi necessário abrir os olhos dos líderes do Ministério da Saúde para o modo como pacientes, enfermeiros e comunidades distantes viam o sistema.

Coinspiração: a mudança mais importante de qualquer jornada de transformação é a de opinião, que requer reflexões e estrutura de apoio, como workshops, *coaching* e *peer coaching*. Tais atividades voltam-se tanto às necessidades individuais quanto à cultura organizacional: reconectar-se com propósitos mais profundos, desenvolver o espírito de equipe, priorizar e encorajar a responsabilidade pessoal.

Cocriação: um pequeno grupo intersetorial de líderes — inclusive enfermeiros, médicos e membros do conselho regional — passou a conduzir reuniões semanais como modo de aprender pela ação. Em 2013, o processo foi implementado nas Unidades de Assistência Regional (UARs) das 13 regiões da Namíbia — sob a responsabilidade exclusiva dos namibianos, sem interferência de parceiros internacionais — e ajudou os líderes regionais a se concentrarem em prestar contas pelos resultados.

Coevolução: em geral, elevou-se o sistema namibiano de 1.0 (cada parte restrita à própria área) a 2.0 (uma postura mais reativa em relação aos pacientes) e 3.0 (a colaboração entre áreas nas UARs). A transição para o estágio 4.0, um sistema impulsionado pela meta de fortalecer as fontes da saúde da comunidade, ainda é uma tarefa para o futuro.

cadeia de valor nessa área: “Infelizmente, cada *stakeholder* se preocupa apenas com a sua parte, quando, na verdade, deveria se conscientizar coletivamente. De nada adianta o governo fazer a parte dele se não houver vontade dos demais envolvidos. Se isso vier a acontecer, será a longo prazo.” Presidente da **Associação Brasileira de Qualidade de Vida (ABQV Nacional)**, Alberto Ogata concorda com a afirmação e acrescenta: “O setor da saúde no Brasil é ligado a procedimentos, e não à geração de valor, o que leva ao desperdício de recursos e à fragmentação dos cuidados.”

Conjunto de atividades de uma organização desde as relações com os fornecedores à fase de distribuição final



NO PORTAL

Como serão os sistemas de saúde em 2040?

Acesse www.ideiasustentavel.com.br e confira os apontamentos de estudo realizado pelo Fórum Econômico Mundial, em colaboração com seus parceiros e a consultoria **McKinsey & Company**, que envolveu mais de 200 líderes do sistema de saúde, políticos e especialistas em um esforço global de análise de como serão os sistemas de saúde em 2040. Veja também artigo de Antônio Britto, presidente executivo da **Associação das Indústrias Farmacêuticas de Pesquisa (Interfarma)**.



No entanto, vale ressaltar que deficiências na organização dos atores do sistema de saúde não são exclusivas do Brasil. “Isso acontece em todos os países do mundo. As empresas de saúde ainda operam numa agenda do século XX, de pré-sustentabilidade, baseada na ética da desconfiança, ou seja, na preservação do seu resultado particular em detrimento da qualidade do serviço prestado ao paciente. Na lógica de valor compartilhado deve-se ter um olhar mais integrado, entender o ciclo de saúde das pessoas, da prevenção ao tratamento”, afirma Marcelo Cardoso, diretor executivo de Pessoas, Estratégia, Inovação e Sustentabilidade do **Fleury**.

VALOR COMPARTILHADO

Criado por Michael Porter e Mark Kramer em 2006, o conceito de valor compartilhado corresponde a uma nova forma de obter sucesso econômico, a partir de políticas e práticas operacionais que aumentam a competitividade de uma empresa ao mesmo tempo que melhoram as condições socioeconômicas das comunidades do entorno. O foco é identificar e ampliar o elo entre o progresso social e o econômico.

Nas economias avançadas, a demanda por produtos e serviços que atendam às necessidades da sociedade vem

crescendo rapidamente. Para Porter, diretor do **Institute for Strategy and Competitiveness**, da **Harvard Business School**, em qualquer campo, melhorar o desempenho e a prestação de contas depende da existência de um objetivo comum que una os interesses e atividades de todos os *stakeholders*. Na maioria das áreas, o objetivo preeminente é o valor, ou seja, a produção alcançada em relação ao custo — defini-lo e medi-lo é essencial para a compreensão do desempenho de qualquer companhia e conduz à melhoria contínua. Já na área da saúde, o valor se define, sobretudo, pelos resultados atingidos em benefício do paciente por dólar gasto. Deve ser, portanto, o objetivo principal do sistema.

Se o valor aumenta, pode beneficiar pacientes, pagadores, prestadores e fornecedores, impactando positivamente a sustentabilidade econômica do sistema de saúde. A cadeia de valor torna-se, assim, mais sustentável. Esse valor, no entanto, não tem sido mensurado na maior parte dos países, transformando a prestação dos serviços de cuidados mais numa arte do que numa ciência passível de melhoria contínua.

Segundo Porter, uma melhor gestão da doença resulta em menor necessidade de cuidados posteriores. Com o objetivo

de desenvolver um sistema de saúde sustentável no Brasil, a **Associação Nacional de Hospitais Privados (ANAHP)** aponta 12 recomendações no *Livro Branco: Brasil Saúde 2015 – A Sustentabilidade do Sistema de Saúde Brasileiro*, de 2014. Entre elas, o fomento à inovação científica e tecnológica em saúde, o estímulo a políticas justas de remuneração vinculadas à qualidade e ao desempenho assistencial e à criação de um sistema nacional de avaliação da qualidade em saúde.

Para ampliar o acesso à saúde de qualidade no Brasil por meio da gestão baseada no valor compartilhado e promover um diálogo intersetorial, um grupo de grandes empresas da área de saúde criou uma associação sem fins lucrativos para reunir instituições que atuem direta ou indiretamente com o tema. A **Aliança para a Saúde Populacional (ASAP)** quer se tornar, inclusive, uma entidade de consulta para os órgãos governamentais, como o Ministério da Saúde.



PARA SABER MAIS

1. Sustainable Health Systems – Visions, Strategies, Critical Uncertainties and Scenarios: www3.weforum.org/docs/WEF_SustainableHealthSystems_Report_2013.pdf
2. HealthCast 2020 – Creating a Sustainable Future: http://www.pwc.com/en_GX/gx/healthcare/healthcast-series-futuretrends/assets/pwc-healthcast-2020-creating-a-sustainable-future.pdf
3. Livro Branco: Brasil Saúde 2015 – A Sustentabilidade do Sistema de Saúde Brasileiro: <http://anahp.com.br/livrobranco/downloads.html>

1



DESAFIO

Responsabilidade individual

DA POSIÇÃO DE OBJETO PARA A DE SUJEITO: CADA VEZ MAIS PESSOAS DEVERÃO ASSUMIR AS RÉDEAS DE SUA PRÓPRIA SAÚDE — TODA MUDANÇA NO SENTIDO DA SUSTENTABILIDADE COMEÇA DENTRO DO INDIVÍDUO, A PARTIR DE UMA MUDANÇA DE ATITUDE

Pacientes no comando

Cuidar da saúde é responsabilidade da própria pessoa e requer iniciativa. Os indivíduos terão cada vez mais um papel decisivo na adoção de um estilo de vida que reconheça o valor dos ativos ambientais e sociais, promova a qualidade de vida e previna fatores de risco. Governos, empresas e organizações do terceiro setor podem e devem contribuir para que a população assuma o protagonismo em relação ao seu próprio bem-estar, por meio da educação nas escolas e de campanhas de esclarecimento e conscientização das gerações atuais e futuras

IMPACTOS NO TRIPLE BOTTOM LINE

- Cuidados com a prevenção, alimentação saudável e adoção de um estilo de vida mais equilibrado ajudam a viver mais e melhor
- Economiza-se tempo evitando consultas desnecessárias
- Ganha-se mais qualidade no atendimento médico em razão da redução da sobrecarga do sistema de saúde

SOCIAL

- A transferência de parte da responsabilidade pela saúde para o paciente desafoga consultórios, hospitais e postos de saúde, reduzindo o desperdício de recursos e proporcionando economia de custos
- O aumento do interesse por alimentos mais saudáveis estimula o surgimento de novos mercados - a ampliação do consumo deste tipo de produto resultará em maior escala de produção e, portanto, preços menores nas gôndolas dos supermercados

ECONÔMICO

- Maior procura por produtos naturais pode reduzir indiretamente alguns impactos ambientais
- Redução de deslocamentos para consultas diminui emissões de GEE e pode também desafogar o trânsito ou o transporte público

AMBIENTAL

As pessoas estão vivendo mais. Isso é fato. A expectativa de vida média aumentou cerca de seis anos entre 1990 e 2012, e o desafio deixou de ser “como viver mais”: passou a ser “como viver melhor”. Mais importante do que escolher o melhor plano de saúde, melhores médicos, laboratórios ou hospitais é gerenciar os aspectos determinantes da saúde, como hábitos cotidianos, alimentação e relacionamentos.

Estudos têm demonstrado que estilo de vida é o principal fator de saúde e longevidade. Segundo a **Organização Mundial de Saúde (OMS)**, se fatores de risco importantes — como tabagismo, alimentação não saudável, inatividade física, estresse, obesidade e consumo de álcool — fossem eliminados por meio de mudanças de hábitos, pelo menos **80%** de todas as doenças do coração, dos derrames e dos diabetes do tipo 2 seriam evitados.

Para Eloir Simm, gerente executivo em Promoção de Saúde/Lazer no Departamento Nacional do **SESI (Serviço Social da Indústria)**, tudo começa com um bom diagnóstico, isto é, a partir da consciência dos fatores que afetam a qualidade de vida e precisam ser melhorados: “Não se trata apenas de medir a pressão arterial, mas também de o indivíduo conhecer como está em todas as dimensões de sua saúde (física, emocional, social e espiritual). Com base nisso, passa a ser possível lidar, de forma positiva, com questões ligadas aos relacionamentos, atividades físicas, estresse, alimentação e comportamentos preventivos.”

Indivíduos críticos e responsáveis pela própria saúde só procuram consultas em casos realmente necessários, seguem as prescrições e evitam novas internações. Se a maioria dos pacientes americanos agisse desse modo, por exemplo, o sistema de assistência médica economizaria **US\$ 290 bilhões** por ano, segundo Don Tapscott e Anthony D. Williams, autores do livro *Macrowikinomics – Reiniciando os Negócios e o Mundo* (Elsevier/2011).

A sociedade está cada vez mais informada sobre saúde. Pesquisas mostram que **80%** dos internautas utilizam a internet para pesquisar sobre o tema (veja

mais no Desafio 6, na página 56). Atualmente, é muito comum consultar o popularmente conhecido “Dr. Google”, embora existam ressalvas sobre a precisão das informações. O compartilhamento de conteúdos de saúde nas mídias sociais também vem incentivando o maior interesse pelo assunto, assim como o aumento da oferta de produtos e serviços voltados especificamente ao bem-estar.

Entre inúmeros programas e intervenções para melhoria de estilo de vida, o NEXT destaca dois: o *coaching* em saúde e bem-estar e o autocuidado apoiado, que se baseia no princípio do suporte à mudança de comportamento usando ferramentas fundamentais para a eliminação ou controle dos fatores de risco.

A partir do momento em que o indivíduo assume as rédeas da sua saúde, sem delegá-la a terceiros, ele evita consultas desnecessárias, economiza tempo, passa a valorizar (e contribuir com) a qualidade do meio ambiente e ajuda a desafogar o sistema de saúde, o que melhora os atendimentos.

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

40% DA SAÚDE DE UM INDIVÍDUO DEPENDE DE ESCOLHAS COMPORTAMENTAIS

O cenário atual mostra pessoas vivendo mais, com maior carga de trabalho e menor tempo para a vida pessoal. Esse quadro traz como consequência um drástico aumento de doenças crônicas e maiores custos. Um terço da população tem alguma doença crônica em evolução, o que consome **70%** dos gastos no setor de saúde. Uma das estatísticas mais citadas é o desequilíbrio do investimento em assistência médica comparado com atividades preventivas. Aproximadamente **95%** do gasto em saúde vão diretamente para a assistência à doença, enquanto **5%** são alocados para uma abordagem mais ampla na melhora da saúde. Apesar de **40%** das mortes serem causadas por padrões de comportamento modificáveis pela gestão pessoal de saúde, o campo é relativamente pouco desenvolvido. De acordo com MacGinnis, a saúde de todo

indivíduo se baseia em cinco pilares, distribuídos da seguinte forma: carga genética (**30%**); circunstâncias sociais (**15%**); condições ambientais (**5%**); escolhas comportamentais (**40%**); e assistência médica (**10%**). Gerenciar a própria saúde leva a uma melhor capacidade de trabalho e a uma vida mais produtiva. Esse ciclo resulta em um cenário onde o máximo desempenho com mínimo desgaste representa um conceito-chave para a sustentabilidade do setor.

Ricardo de Marchi,
médico e proprietário
da HENET – Healthy
Networking, empresa
de assessoria em saúde
corporativa, em
entrevista ao NEXT



COACHING EM SAÚDE E AUTOCUIDADO APOIADO

A crescente necessidade de desenvolver intervenções para o controle das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) tem sido apontada como um dos maiores desafios de saúde pública pela OMS, uma vez que elas são a principal causa de morte em todo o mundo. Como engajar as pessoas em um processo efetivo de mudança para ter saúde e melhorar hábitos de estilo de vida? Nesse contexto, surge o *coaching* como um ingrediente essencial, na medida em que auxilia os indivíduos a mudar seus comportamentos e a melhorar seus fatores de risco. Pode ser feito de diferentes modos — pessoalmente, por telefone, via web (online, e-mail) ou mesmo de forma híbrida — e sob orientação de médicos, psicólogos, enfermeiros, nutricionistas, preparadores físicos, fisioterapeutas,



NO PORTAL

Como criar atitudes saudáveis no dia a dia

Confira em www.ideiasustentavel.com.br as principais dicas de atitudes saudáveis para adotar no dia a dia apontadas pelo estudo *Ecossistema da Saúde no Brasil – Oportunidade de Inovação de Alto Impacto*, da consultoria Cria Global.





NO RADAR

Unimed Paraná estimula o autocuidado

Há quatro anos, a Unimed Paraná desenvolve o programa Gerenciamento de Doenças Crônicas em busca do empoderamento do autocuidado para proporcionar melhoria das condições de risco e estabilização do paciente. O trabalho é realizado por meio de ações diretas e indiretas de um profissional de saúde, de forma individualizada e proativa, seguindo protocolos de monitoramento específicos.

Segundo Priscila Muller Franqui, coordenadora de Gestão da Atenção à Saúde, são mais de 1.100 pacientes ativos no programa: "Por meio de métodos próprios de rastreamento e de identificação do perfil de doenças crônicas não-transmissíveis, é possível identificar a população-alvo do programa, que hoje envolve colaboradores, dependentes e demais beneficiários da Unimed Paraná."

Destacam-se como resultados: mais de 600 intercorrências revertidas por orientação do médico por telefone ou no atendimento pré-hospitalar na residência; satisfação de 98% dos pacientes; e o custo per capita, atrelado à redução de internação e consultas em pronto-socorro, que já atingiu a casa dos 20%.

entre outros profissionais. Embora o conceito de *coaching* não seja novo, sua aplicação na área da saúde ainda é bastante recente. Existe um número crescente de estudos que demonstram a eficácia do recurso e, do outro lado, notam-se resultados limitados nas abordagens tradicionais para a melhoria de estilo de vida. Já o **autocuidado apoiado** baseia-se em um modelo de intervenção que utiliza técnicas motivacionais efetivas de aconselhamento visando engajar as pessoas em um processo de mudança comportamental. É uma forma de empoderamento por meio da prestação sistemática de serviços educacionais para aumentar a confiança e as habilidades de cada um no gerenciamento de seus problemas de saúde. Isso implica monitoramento regular, estabelecimento de metas, construção de um plano de cuidado, fortalecimento das relações entre o paciente e a equipe de profissionais envolvida e suporte para a solução dos problemas.

Sâmia Aguiar Brandão Simurro, sócia-diretora da Ser Psicologia e vice-presidente da Associação Brasileira de Qualidade de Vida (ABQV), em entrevista para o NEXT



COMPORTAMENTO EM FOCO

Um estudo de 2010 do **Centro UnitedHealth para Reforma e Modernização da Saúde** dos Estados Unidos constatou que mais de **50%** dos norte-americanos poderão ter diabetes ou pré-diabetes em 2020, levando a um custo de **US\$ 3,35 trilhões** durante a próxima década. Embora a maior parte do debate gire em torno dos serviços de saúde, muitos *stakeholders* da área estão ignorando uma conversa mais séria sobre a responsabilidade pessoal. É irresponsável continuarmos a nos concentrar nos custos e no acesso, enquanto os indivíduos não estão sendo responsabilizados por suas más decisões de estilo de vida, o que afeta o custo de longo prazo.

William M. Jennings, presidente e chefe-executivo do Hospital Bridgeport, em Connecticut, Estados Unidos, no artigo *Personal Responsibility*, publicado na revista *Managed Healthcare Executive*, em 2013



PROGRAMA DE SAÚDE PROATIVA DO CONSUMIDOR NOS EUA

Vários especialistas têm enfatizado a necessidade de consumidores mais informados e ativos em relação aos cuidados de saúde, mas as intervenções destinadas a promover esse engajamento obtiveram sucesso limitado. O *Programa da Saúde Proativa do Consumidor*, de Stanford, é uma intervenção interativa, móvel, adaptada por computador, e também um portal dinâmico na web. Ela promove a responsabilidade pessoal sobre o bem-estar por meio do incentivo à tomada de decisão (e seu compartilhamento com profissionais e pacientes) baseada em informações; ao uso financeiramente responsável dos serviços de saúde; e ao engajamento em atividades de bem-estar. O programa tem como alvo os consumidores em seus papéis como pacientes, compradores e prestadores de cuidados de saúde. Fornece mensagens de

Segundo estudo divulgado na revista científica *Lancet*, em 2014, o Brasil tem mais pessoas acima do peso ou obesas do que a média mundial. A OMS estima que mais de 115 milhões de brasileiros sofram com problemas relacionados ao excesso de peso

mudança de comportamento baseadas em evidências e respostas de cada participante, avaliações confiáveis e algumas variáveis, como o desejo de transformação, benefícios percebidos e barreiras enfrentadas. Muitas das atividades são projetadas para ajudar os pacientes a maximizar o tempo disponível em sua visita a um profissional de saúde. A ferramenta permite que eles digitem dúvidas ou preocupações para conversar com o médico. A lista pode ser impressa para a consulta. O usuário recebe um *feedback* atualizado a cada retorno ao programa, que pode também ser ligado a outros bancos de dados, sistemas de gestão de benefícios ou registros de saúde eletrônicos.

Sara Johnson, Ph.D e vice-presidente da Pro-Change Behavior Systems Inc., no artigo *Stanford Medicine X, the Intersection of Medicine and Emerging Technologies*, publicado na 21ª Conferência Anual de Arte e Ciência de Promoção da Saúde, em 2012



SAÚDE E ECOLOGIA SE APRENDEM NA ESCOLA

A educação infantil representa, nos Estados Unidos, o espaço em que se deve desenvolver a compreensão sobre como escolhas pessoais e coletivas são interdependentes e afetam os sistemas ecológicos. Um bom exemplo é o movimento que a chefe de cozinha e ativista Alice Waters começou com seu programa *Edible Schoolyard*, em Berkeley, Califórnia. Ele se espalhou em escolas de todo o país. Com base em dados que mostram a sobreposição entre as determinantes do sucesso educativo e os de boa saúde, os alimentos a que as crianças têm acesso nas suas escolas tornaram-se uma questão séria de debate. No longo prazo, haverá uma mudança geracional quando essas crianças, que estão cada vez mais educadas para as conexões entre o sistema alimentar e sua própria saúde, tiverem mais idade. Para Alice, se realmente existe um desejo de mudar o sistema alimentar no mundo de forma duradoura,



Fonte: Os desafios da geração do conhecimento em saúde ambiental: uma perspectiva ecossistêmica, Maria Weihs e Frédéric Mertens, 2012

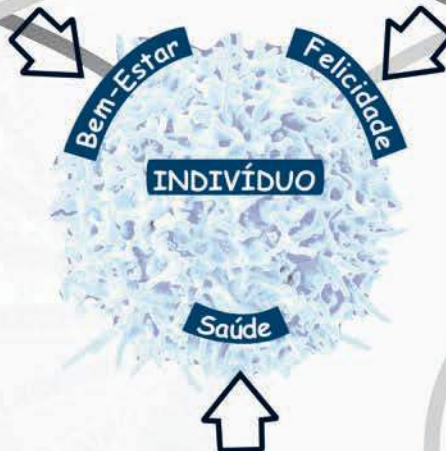
Elementos que Determinam e Integram a Saúde

Fatores Externos

Geografia
Clima
Trabalho
Alimentação
Educação
Habitação
Cultura
Valores éticos

Potencialidades do Indivíduo

Aspectos Físicos
Aspectos Psicológicos
Aspectos Sociais
Aspectos Emocionais



interdisciplinaridade (ciência)
transdisciplinaridade (saberes locais)

Geração de conhecimento para aumento da responsabilidade individual

Programas Educacionais

Governo	Empresa	Escola	3º Setor
---------	---------	--------	----------

Como viver mais e melhor:



Estilo de Vida

Hábitos Saudáveis

Alimentação saudável
Atividade física
Controlar stress
Não fumar
Relacionamento saudável

Fonte: Modelo Lalonde



deve-se educar e capacitar as próximas gerações. A educação pública seria, segundo ela, a última instituição verdadeiramente democrática — nela, os valores das crianças ainda estão sendo formados.

Rod Falcon e Miriam Lueck, na pesquisa *The Greening of Health – The Convergence of Health and Sustainability*, publicada pelo Institute for the Future, em 2009



DETERMINANTES ECONÔMICOS E DE SAÚDE

O mercado sem regulação pode ser o principal responsável pela epidemia de obesidade que ameaça a população mundial, pois é fomentado por um conjunto de comportamentos humanos, e a obesidade resulta, em última instância, do comportamento humano. Somos demasiadamente fracos ou mal informados para evitar os alimentos baratos e saborosos que são prejudiciais à saúde. Além disso, nosso comportamento alimentar sofre a influência de uma série de forças psicológicas inconscientes. É difícil romper com hábitos. Em um momento de intensa turbulência econômica, com a maior parte do mundo ainda tentando se recuperar da crise econômica de 2008, as pessoas têm dificuldade para perceber se suas decisões são racionais ou irracionais. A maioria está tentando apenas sobreviver. Caberia aos governos, portanto,

ajudar na proteção desses consumidores descontrolados. O cidadão se rebela contra o Estado que intervém porque tem

convicções baseadas em teorias ingênuas sobre a natureza humana. Essas teorias sugerem que as pessoas escolheriam sempre o melhor para elas. Existem forças inconscientes que determinam nosso comportamento. Temos uma incapacidade natural de seguir projetos de longo prazo. Com a combinação certa de pressão social e intervenção do governo, podemos levar a indústria de alimentos a criar produtos mais saudáveis. Será uma luta de várias décadas.

Peter A. Ubel, professor de Administração e Medicina e de Políticas Públicas na Escola de Políticas Públicas de Stanford e autor do livro *Free Market Madness* (Loucura do Livre Mercado), de 2008



CAMINHO DAS PEDRAS

Guia do paciente sábio

Diagnosticada com uma forma rara de câncer, a norte-americana Patricia Torrey tornou-se porta-voz em capacitação e defesa de pacientes. Em artigo intitulado *The Wise Patient's Guide to Being an Empowered Patient*, publicado no portal *about.com* (maio de 2014), ela ensina como o paciente pode assumir um papel ativo na gestão de sua doença, aprender o máximo possível sobre ela, conhecer e participar das opções de tratamento:

- 1. Assuma responsabilidades:** ninguém melhor do que o próprio indivíduo conhece o seu corpo; portanto, ele deve recorrer a todos os recursos e informações disponíveis, usando esse conhecimento para tomar decisões sobre o seu tratamento.
- 2. Estabeleça metas:** é importante entender que o corpo humano nem sempre reage da maneira esperada. Melhor, assim, é definir uma meta de tratamento e trabalhar em direção a esse objetivo, que pode ser a cura ou aprender a melhor lidar com o problema.
- 3. Colabore com os outros:** seja um participante ativo de sua própria equipe de saúde — o que inclui médicos, pessoal de apoio, plano médico e até mesmo outros pacientes — ciente de que a colaboração ajuda nos processos de tomada de decisões de diagnóstico e tratamento.

- 4. Reúna evidências:** levante dados decorrentes de observação, sintomas e histórico familiar para discutir com a equipe médica e outros pacientes, além de pesquisar sobre a doença e os tratamentos.
- 5. Seja um consumidor inteligente de saúde:** às vezes, os desafios que um paciente tem de enfrentar estão mais relacionados ao atendimento ao cliente e aos custos do serviço do que com os aspectos de bem-estar e cuidados. É preciso compreender as opções de escolha por um determinado seguro de saúde.
- 6. Certifique-se dos riscos no ambiente de saúde:** esteja ciente de que existe a possibilidade de erros em procedimentos médicos, de má administração de medicamentos e infecções hospitalares.
- 7. Compreenda e apoie:** conheça os princípios de defesa dos pacientes, pois, uma vez que aprendeu sobre seus problemas de saúde, o indivíduo poderá ajudar outros novos pacientes a encontrar melhores resultados médicos, diagnósticos e tratamentos.
- 8. Adira às decisões:** depois de um processo colaborativo, o indivíduo se sentirá mais confiante em relação às decisões.





10 Tendências de Sustentabilidade para RH: acesse o primeiro Estudo NEXT no portal

www.ideiasustentavel.com.br

RESPONSABILIDADE PESSOAL, SOCIAL E AMBIENTAL

A responsabilidade pela saúde deve ser um esforço colaborativo entre os indivíduos e a sociedade em que vivem. As pessoas devem cuidar da saúde; as sociedades, promovê-la e financiar custos. Embora o acesso aos cuidados tenda a dominar as discussões e, muitas vezes, receba a maior parcela dos recursos da sociedade, não se deve esquecer a importância da saúde ambiental, da saúde pública e da pesquisa em saúde. Essas outras estratégias podem ser altamente rentáveis e até estimular a responsabilidade pessoal por meio da criação de ambientes físicos e sociais que permitem aos indivíduos manter a qualidade de vida e evitar a doença.

David Benjamin

Resnik, Ph.D e bioeticista do National Institute of Environmental Health Science, na Carolina do Norte, Estados Unidos, no artigo *Responsibility for health: personal, social,*



and environmental, publicado no *Journal of Medical Ethics*, em 2007

AUTOGESTÃO DA SAÚDE

Não existe uma definição universal para 'autogestão' da saúde. Vários termos são usados dependendo do contexto e do foco de debate, como empoderamento do paciente ou autocuidado.



PARA SABER MAIS

1. **Ecosistema da Saúde no Brasil** — Oportunidade de Inovação de Alto Impacto, da Cria Global: <http://pt.slideshare.net/criaglobal/estudo-ecossistema-da-sade-no-brasil>
2. **The Wise Patient's Guide to Being an Empowered Patient:** <http://patients.about.com/od/empowermentbasics/a/wisepatient.htm>
3. **Loucura do Livre Mercado (Civilização Brasileira/2014)**, de Peter A. Ubel



Aprender e praticar as habilidades necessárias para exercer uma vida ativa e emocionalmente satisfatória frente a uma condição crônica é um primeiro significado; em outro sentido, pode envolver as habilidades individuais — independentemente de como elas foram adquiridas — ou a capacidade do indivíduo para controlar os sintomas, o tratamento, as consequências físicas e psicossociais e as mudanças no estilo de vida inerentes a viver com uma condição crônica. Autogestão eficaz engloba capacidade de monitorar a própria situação e efetuar as respostas cognitivas,

comportamentais e emocionais necessárias para manter a melhor qualidade de vida possível. *Empowerment* ou empoderamento é uma abordagem colaborativa centrada no paciente.

Patrick McGowan, Ph.D e professor associado da Universidade de Vitória, Canadá, no artigo *Paciente auto-gerenciado – Pano de Fundo para Novas Perspectivas*, publicado na *International Conference on Patient Self-Management*, em 2005





OPINIÃO

Por Alberto Ogata

Saúde: da posição de objeto para a de sujeito?

Recente pesquisa feita pelo Datafolha revelou que a principal preocupação dos brasileiros está relacionada com a saúde, entendida pelas pessoas como acesso a atendimentos médicos, de diagnóstico e hospitais. Ou seja, como consumo de serviços de saúde.

Sabe-se que qualidade de vida não se resume ao estado de saúde identificado pelos resultados de exames laboratoriais (níveis de glicose e colesterol no sangue, por exemplo), pela pressão arterial ou pelos tratamentos, internações, uso de remédios ou cirurgias. Trata-se de um conceito bem mais amplo, que envolve a percepção de bem-estar das pessoas em seu ambiente familiar, na escola, no trabalho e no seu contexto socioeconômico e cultural.

Nesse cenário, o aumento dos custos de assistência médica — que tem como uma de suas principais causas a prevalência crescente das doenças crônicas não transmissíveis — vem estimulando um movimento para incentivar as pessoas a mudar seu estilo de vida. Governos de todos os níveis realizam campanhas de orientação na televisão e no rádio e com publicação de cartilhas e folhetos alertando para temas como sexo seguro, uso de cintos de segurança, direção sem bebida alcoólica, importância das atividades físicas e de se evitar o consumo do tabaco.

As grandes revistas semanais de todo o mundo estampam, com grande frequência, matérias de capa sobre questões relacionadas ao estilo de vida. A verdade

é que as pessoas estão cada vez mais informadas sobre a necessidade e a importância de hábitos saudáveis. Por que, então, elas não mudam? Por que a informação, por si só, não é suficiente para a mudança de estilo de vida?

A medicina tradicional utiliza um modelo mental em que busca fatores determinantes de uma doença e a sua solução. Naturalmente, isso funciona para algumas manifestações infecciosas — uma pneumonia, por exemplo — ou cirúrgicas — uma apendicite. No entanto, somente

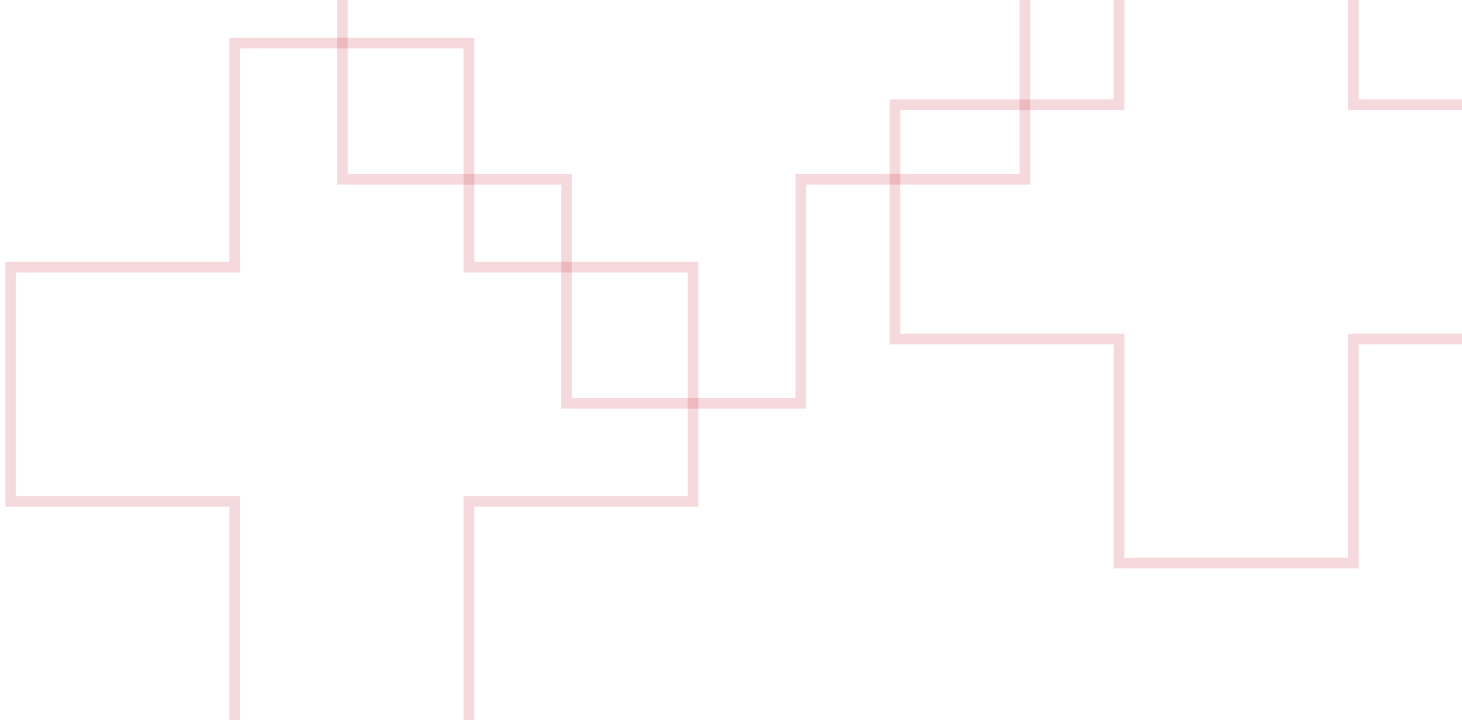
“Os tratamentos sempre terão melhores resultados se dada a devida atenção à mente e ao corpo como um todo e à sua interação com o meio ambiente.”

colocar pontes de safena em alguém que tem obstrução das artérias coronárias pode não ser suficiente para quem fuma, come mal e não adere a tratamentos de controle do colesterol ou de açúcar no sangue. O modelo biomédico vigente busca “prescrever” comportamentos

e soluções, como fazer dieta, praticar atividade física, não fumar, beber menos. As pessoas, porém, não são máquinas. Acredita-se que a busca por mais saúde e a mudança de estilo de vida deve ser baseada em prazer, não dor; abundância, não privação; liberdade e poder para tomar decisões em sua vida pessoal, não restrição e manipulação.

De acordo com o renomado médico americano Dean Ornish, “o prazer em viver é sustentável, mas o medo de morrer, não. A vida deve ser vivida com intensidade”. Ele ressalta que, quando uma pessoa tem uma alimentação saudável, não fuma, pratica atividade física, medita e tem mais amor em sua vida, tem também um cérebro que recebe mais sangue, oxigênio e consegue pensar de maneira mais clara; precisa de menos sono; seu rosto recebe mais sangue, a pele tem mais vitalidade; seu coração tem maior fluxo, aumenta a disposição e pode até reverter algum problema de circulação; os órgãos sexuais recebem mais sangue e a energia sexual fica mais intensa. Assim, a escolha não é somente viver mais, mas viver melhor, não se pautando pelo “medo” de ficar doente.

A psicologia positiva nos ensina que pessoas felizes têm melhor estilo de vida, pressão arterial mais baixa e um sistema imunológico mais ativo que as menos felizes. Além disso, segundo pesquisas, os otimistas cuidam mais da saúde e têm resultados melhores quando são submetidos a cirurgias ou outros tratamentos. Assim, também no aspecto emocional, não



se trata somente de cuidar de doenças como a depressão, psicoses ou de traumas, mas de buscar desenvolver mecanismos para se viver melhor. Quem aprende a ser otimista encontra saídas para reagir aos problemas, considerando-os temporários e isolados (não afetam toda a vida) e com a consciência de que podem ser superados pelo esforço, pela capacidade pessoal.

Além disso, as pessoas estão entendendo cada vez mais que a interação entre a mente e o corpo tem importantes implicações no modo como são entendidas e tratadas as doenças. Assim, os tratamentos sempre terão melhores resultados se dada a devida atenção à mente e ao corpo como um todo e à sua interação com o meio ambiente. Por exemplo, sabe-se que muitas pessoas têm que tomar remédios para pressão alta ou diabetes, mas sofrem muitas influências do modo como vivem, como se relacionam e se alimentam ou de como interagem com o ambiente onde trabalham ou estudam.

Realizando pesquisas com números cada vez maiores de participantes em todo o mundo, o **Instituto Gallup** concluiu que bem-estar não se restringe a ter boa saúde física, sucesso profissional ou bons relacionamentos. Segundo os estudos, há cinco fatores principais que devem ser desenvolvidos de maneira integrada: **1) Profissional** — relacionado à atividade que ocupa a maior parte do tempo das pessoas; **2) Social** — relacionamentos estabelecidos ao longo da vida; **3) Financeiro** — como gerenciam a vida econômica; **4) Físico** — boa saúde e

energia para as atividades do dia a dia; e **5) Comunitário** — engajamento que têm no local onde vivem.

As pesquisas revelaram, ainda, que as pessoas têm dificuldades em buscar mudanças com resultados no longo prazo.

“A responsabilidade individual torna-se cada vez mais relevante, pois o comportamento não depende apenas de informações, mas principalmente das decisões no dia a dia sobre o que fazer no tempo livre, o que comer, onde trabalhar e com quem se relacionar.”

Quem apresenta elevados níveis de bem-estar indica uma solução simples para o problema: é preciso encontrar incentivos de curto prazo coerentes com os objetivos futuros para tomar as decisões corretas.

Estudos recentes em várias áreas do conhecimento revelam que os seres humanos têm a característica única de fazer escolhas deliberadas sobre o direcionamento de suas vidas, inclusive sobre uma felicidade transitória ou algo mais profundo e duradouro, com vínculos entre a razão, a emoção e o instinto de sobrevivência. Nesta essência, a própria questão da sustentabilidade passa a ter mais sentido e envolve a busca da paz, do bem-estar e da coexistência pacífica.

Considerando que as principais causas de mortalidade e morbidade são as doenças crônicas não transmissíveis (como infarto do miocárdio, derrame cerebral, câncer e diabetes) e que elas estão muito associadas ao estilo de vida, a responsabilidade individual torna-se cada vez mais relevante, pois o comportamento não depende apenas de informações, mas principalmente das decisões no dia a dia sobre o que fazer no tempo livre, o que comer, onde trabalhar e com quem se relacionar. Deste modo, podemos afirmar que as pessoas devem assumir cada vez mais o protagonismo sobre os determinantes do bem-estar, que, por sua vez, ficarão menos dependentes dos atores do setor saúde, como hospitais, médicos e centros de diagnósticos.

Alberto Ogata é médico, consultor em saúde global e gestão em saúde e produtividade. Diretor do International Association for Worksite Health Promotion (IAWHP) e da Associação Brasileira de Qualidade de Vida (ABQV). Coordenador do Laboratório de Inovação Assistencial da OPAS-ANS e do MBA em Gestão de Programas de Promoção de Saúde (Centro Universitário São Camilo).



DESAFIO

Visão integral da saúde

SUBSTITUIR UMA ABORDAGEM FRAGMENTADA DO PACIENTE POR UM OLHAR SISTÊMICO QUE PROMOVA O BEM-ESTAR DO INDIVÍDUO, CONECTE-O À NATUREZA E REDUZA O USO DE SERVIÇOS CONVENCIONAIS DE SAÚDE

Saúde como um todo

Além dos aspectos físicos, a cura de um paciente precisa incluir os mentais, sociais, emocionais e espirituais. A prevenção em detrimento da remediação diminui a dependência dos sistemas de saúde e de hospitais e aumenta a responsabilidade da sociedade. As estruturas, porém, ainda são muito fragmentadas, e o paciente interage com vários médicos, que, por sua vez, entendem apenas uma parte de sua realidade. Faz-se necessário pensar em soluções que contemplem um olhar integral para o indivíduo, migrando do atendimento unicamente especializado para o de equipes multidisciplinares e adotando modelos de interação

IMPACTOS NO TRIPLE BOTTOM LINE

- Maior satisfação com os resultados por parte dos pacientes

- Envolvimento das dimensões pessoais e interpessoais no tratamento de doenças aumenta a confiança do paciente nos métodos integradores e holísticos da saúde e proporciona maior bem-estar

- Menor tempo de internação e de uso dos serviços de saúde reduzem desperdício de recursos e produção de resíduos

- Envolvimento de elementos da natureza nos processos de cura (física, emocional e espiritual) valoriza a interação do paciente com o meio ambiente

- Desoneração do sistema devido à descentralização das decisões hoje concentradas nos médicos

- Redução do tempo médio de internação

- Redução no número de readmissões hospitalares não planejadas

- Atendimento mais ágil na medida em que profissionais se baseiam em informações integradas sobre a saúde do paciente

- Resultados mais precisos evitam repetições de exames e gastos desnecessários

- Cuidados de prevenção custam significativamente menos do que os de remediação

Revalorizar a figura do “médico da família” pode significar o início de uma importante revisão do jeito de pensar a saúde. O que a torna contemporânea, apesar de ancestral, é exatamente o fato de ela promover um retorno à ênfase à visão integral sobre a saúde dos indivíduos — isto é, à compreensão das características do organismo como um todo, não apenas da parte afetada por um problema. Contrapõe-se, em sua essência, ao olhar cartesiano, fatiado, reducionista, que permeia os diferentes elos da cadeia de valor da saúde no Brasil e no mundo.

Segundo Regina Mello, superintendente executiva de Saúde e Odonto da **SulAmérica**, o sistema de saúde no Brasil se caracteriza pela excessiva fragmentação. “O ‘médico da família’ não é mais valorizado, embora seu papel seja fundamental: realizar a primeira interação com o paciente e, de acordo com a necessidade, encaminhá-lo a um especialista. Isso faz toda a diferença, pois leva em consideração o histórico individual e familiar”, afirma.

Nas faculdades de Medicina, “estimula-se o médico a escolher uma parte do corpo, e não se ensina a medicina preventiva. Claro que um hospital de cardiologia é melhor do que um geral para o tratamento de doenças cardíacas. O que falta no Brasil, porém, é uma rede de atenção primária e a valorização do médico responsável por esse atendimento”, afirma Ricardo de Marchi, coordenador do **Grupo de Estudos em Saúde Corporativa (GESC)**. Com o programa *Mais Médicos*, por exemplo, o número de encaminhamentos para hospitais em São Paulo caiu **70%**, entre janeiro de 2013 e janeiro de 2014, segundo o **Ministério da Saúde**. O estado recebeu **2.187** profissionais para fazer o atendimento primário de **7,5 milhões** de pessoas. No Brasil, aplica-se também o *Programa Saúde da Família*, do Governo Federal, que visa transformar o modelo assistencial vigente, focado em atendimentos emergenciais, em um que priorize a promoção e a proteção da saúde, a prevenção das doenças e a atenção integral aos pacientes.

Segundo a **Integrating the Healthcare Enterprise (IHE)**, organização

sem fins lucrativos sediada em Illinois, nos Estados Unidos, modelos de prestação de cuidados de saúde alternativos, como atendimentos multidisciplinares com colaboração do paciente, surgiram em resposta ao envelhecimento da população, ao atendimento predominantemente institucionalizado e ao amplo acesso a modernas tecnologias de informação e comunicação. O **Stanford Center for Integrative Medicine**, por exemplo, foi fundado em 1998, na Califórnia, com a proposta de oferecer cuidado integral. Para isso, une tratamentos alternativos e complementares (acupuntura, massoterapia, hipnose médica) à medicina tradicional. A clínica dispõe de um programa de avaliação e aconselhamento personalizado para cada paciente.

No atendimento multidisciplinar, a avaliação de opções de tratamento é um processo colaborativo, que envolve médicos e demais profissionais em parceria com o paciente e sua família; assim, a prestação de cuidados torna-se uma responsabilidade compartilhada. Este formato pode gerar decisões terapêuticas mais precisas do que as tomadas individualmente, além de resultar em maior satisfação do paciente, melhor desempenho financeiro, redução do tempo médio de internação e do número de readmissões hospitalares não planejadas.

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

NOVA ARQUITETURA COMBINANDO GENERALISTAS E ESPECIALISTAS

A medicina tem suas origens em escolas humanistas — que valorizam as relações, os aspectos comportamentais e sociais do indivíduo — e nas escolas reducionistas — focadas nas partes, nos órgãos e subsistemas do ser humano. Com o tempo, ocorreu uma valorização dessa última corrente em detrimento da primeira. As doenças passaram a ser classificadas, estudadas e tratadas por aspectos físico-químicos específicos. Precisamos reestabelecer o equilíbrio entre ambas as escolas, já que os generalistas e os especialistas possuem habilidades que se complementam e potencializam o poder



NO RADAR

Planetree, uma abordagem holística da saúde

Planetree é uma organização norte-americana, sem fins lucrativos, que apoia esforços para a implantação de métodos de atendimento em saúde que coloquem em primeiro lugar os interesses, necessidades, desejos e crenças do paciente. Sua ação está focada em processos educativos e informativos gerenciados por uma comunidade colaborativa internacional.

Algumas crenças norteiam a organização, tais como: oferecer cuidado seguro, acessível e de alta qualidade; famílias, amigos e entes queridos são vitais para o processo de cura; acesso a informações sobre saúde expressas de forma compreensível torna os indivíduos aptos a participar dos cuidados com sua própria saúde; os indivíduos devem ter oportunidade de fazer escolhas pessoais relacionadas aos cuidados com sua própria saúde; o ambiente físico pode contribuir para a melhoria da saúde, do bem-estar e dos processos de cura; a doença pode ser uma experiência transformadora para os pacientes, familiares e cuidadores.

Uma grande diversidade de serviços — como de emergência, cuidados intensivos, internações de longa permanência, ambulatórios e centros médicos públicos — é afiliada à Planetree, cujo modelo adapta-se sempre às necessidades locais. Essas instalações vão desde pequenos hospitais rurais com 25 leitos até grandes centros médicos urbanos com mais de dois mil leitos.

de recuperação e manutenção da saúde para os clientes e populações. Faz-se necessária uma nova arquitetura dos sistemas de saúde, que integre, horizontal e verticalmente, os serviços, garantindo o acesso a cuidados coordenados de forma ininterrupta. A coordenação desse modelo se dá em diferentes níveis, por meio de equipes multidisciplinares alinhadas aos princípios da liderança sustentável. Seus fatores de sucesso mais relevantes são: ética e forte liderança, atenção integral ou primária à saúde acessível, sistema de informação adequado, criatividade e habilidade de gerenciar mudanças, de diferenciar e integrar concomitantemente as situações e capacidade de gerenciar uma



No portal **Ideia Sustentável**, leia também sobre **Medicina Integrativa**, abordagem orientada para um sentido amplo de cura, que considera corpo, mente e espírito no tratamento e combina métodos convencionais e terapias complementares cientificamente testadas

nova cadeia de valores para o sistema de saúde, com transparência nas intervenções e nos resultados obtidos. O papel de coordenador dessa atenção se manifesta no plano funcional, organizacional e educacional. O Sistema Unimed criou em 2011 o *Comitê de Atenção Integral à Saúde (CAS)*, formado por equipe multidisciplinar, que promove a discussão e o planejamento estratégico das inovações no modelo de atenção à saúde, com foco na atenção integral, padroniza e normatiza as ações em áreas correlatas e estabelece diretrizes que as favoreçam, por meio de quatro eixos: Promoção à Saúde, Prevenção de Riscos e Doenças; Inovação do Modelo de Atenção em Saúde; Educação em Saúde e Educação Continuada; Acreditação de Operadoras Unimed.

Luiz Escada, diretor da Unimed Grande Florianópolis, em entrevista para o NEXT



MEDICINA ANTROPOSÓFICA

A Medicina Antroposófica é uma ampliação da medicina acadêmica, que busca compreender e tratar o ser humano considerando sua relação com a natureza, sua vida emocional e sua individualidade. Diante de uma doença, o médico antroposófico, como qualquer outro médico, considera o quadro clínico do paciente — seus sintomas, os dados de anamnese, de exame físico, os subsídios de exames laboratoriais ou por imagem. Mas também vai pesquisar como está a vitalidade desse paciente, o seu desenvolvimento emocional e como ele tem conduzido sua vida ao longo dos anos. O diagnóstico convencional pode, então, tornar-se mais profundo e individualizado. A origem dos desequilíbrios pode ser identificada e transformada. Envolve o uso de medicamentos produzidos com substâncias da natureza por meio de técnica homeopática, de processos específicos da farmácia (como é o caso dos medicamentos à base de metais) e de fitoterápicos. Mas pode ser necessário o uso concomitante de medicamentos convencionais (alopáticos). O médico antroposófico também

dá orientações de saúde em geral e de estilo de vida.

Ariane Pretel Maamari, médica antroposófica pela ABMA – Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, e Christiana Alonso Moron, dermatologista e fundadora da Ayni Saúde Integrada, em informações do site aynisaude.com, em 2014



HOSPITAL DO FUTURO

O hospital do futuro deverá ser centrado no paciente como vetor principal do cuidado, de modo que os diferentes setores atuem de forma sinérgica e integrada dentro do sistema de saúde.



CAMINHO DAS PEDRAS

Mudanças para um atendimento de saúde integral

Enquanto o atendimento aos pacientes for realizado de forma fragmentada, é de se esperar um número excessivo de consultas e exames desnecessários na busca desenfreada de diagnósticos que priorizam, na sua grande maioria, a rapidez em detrimento da precisão. Segundo a médica Maria Lúcia Gribel Bechara, proprietária da consultoria **GB Serviços de Saúde**, no caso das empresas, faz-se necessária uma mudança radical na forma de prover saúde, com:

1. integração total entre os profissionais e os dados das áreas de Recursos Humanos e Saúde Ocupacional, já que o foco de ambas é o atendimento às pessoas;
2. profissionais de saúde mais atentos, que façam cada paciente se sentir respeitado por um atendimento cuidadoso e por um processo continuado de aconselhamento, com forte relação médico-paciente;
3. construção de indicadores de saúde por meio da coleta constante de dados dos atendimentos para o acompanhamento cuidadoso do seu fluxo evolutivo;
4. desenvolvimento de campanhas educativas de saúde com material atrativo, divulgação farta e de forma continuada;
5. programas e campanhas de prevenção e promoção da saúde;
6. multidisciplinaridade de equipes bem treinadas de saúde, com psicólogos, dentistas, fisioterapeutas, entre outros.

Atualmente, já não é possível conceber tratamento a todas as necessidades dos pacientes exclusivamente em torno de uma estrutura hospitalar. A discussão relativa ao papel dos hospitais deverá se concentrar naquilo que agrega valor ao cuidado. Para tal, uma base sólida de informações deverá estar disponível, conjugando as redes ambulatorial e hospitalar. O prontuário eletrônico do paciente deverá ser único e integrar o registro de informações assistenciais, evidências clínicas, condutas médicas, protocolos de atendimento, informações de custos e resultados que permitam a corresponsabilização dos envolvidos. As plataformas de humanização, como a Planetree (*ver box No Radar*), também deverão ser estimuladas. A demanda por relacionamento, a valorização da relação médico-paciente e do paciente com a equipe multiprofissional serão questões centrais.

Claudio Luiz Lottenberg, presidente da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein, no *Ciclo de Debates Interfarma: Políticas Relacionadas à Saúde – O Futuro dos Hospitais*, de 2013



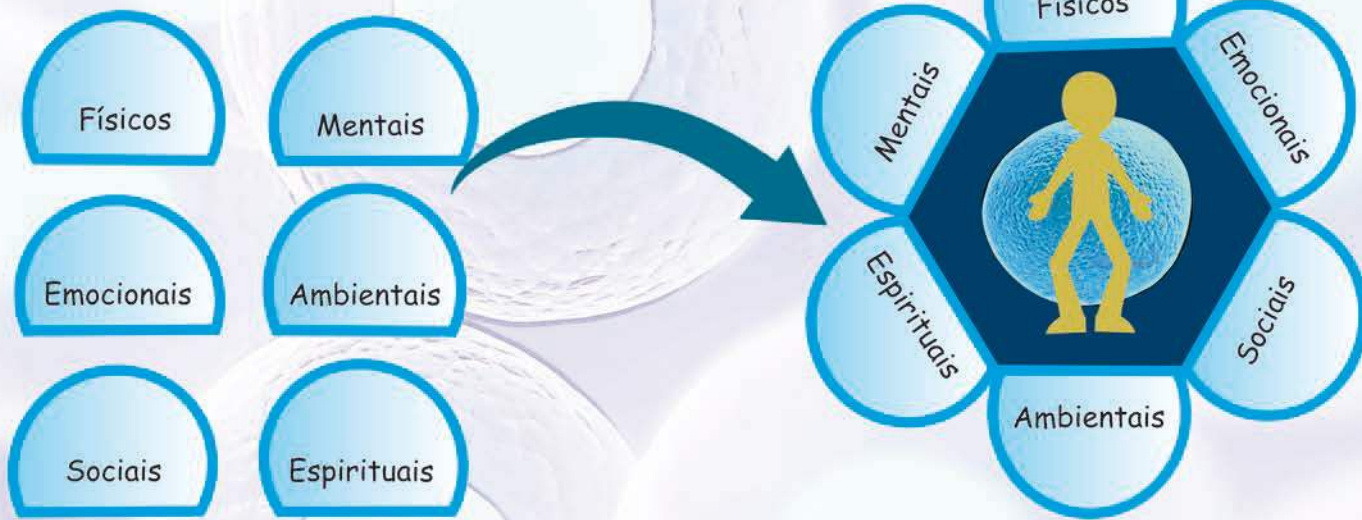
MENOS UMA QUESTÃO MÉDICA, MAIS UMA QUESTÃO DE BEM-ESTAR

O *Mapa de Rota da Saúde* é um quadro de ação com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento de um sistema de saúde sustentável. Ele identifica as áreas que necessitam de progresso com a finalidade de melhorar a saúde, economizar recursos e fazer mudanças consistentes para o futuro. Descreve os papéis a ser desempenhados e o que deve ser mantido para fazer a diferença. Destaca as oportunidades e a coordenação de ações de forma sustentável que podem ser implementadas em nível local, regional, nacional e internacional. O mapa mostra que, para um sistema de saúde verdadeiramente sustentável, é necessário o apoio de todas as organizações associadas ao setor, da assistência social, de pacientes e funcionários. O investimento



VISÃO INTEGRAL DA SAÚDE

Aspectos



Atendimento unicamente especializado

Equipes multidisciplinares de saúde com a colaboração do paciente



MODELO INTEGRAL DE CUIDADOS COM A SAÚDE





espiritismo, Ciência Cristã e Medicina Baseada em Evidências — cada um oferece *insights* sobre a cura. Um modelo integral inclui abordagens convencionais e alternativas, mas sempre com senso de discernimento para o que é verdadeiro. Assim, precisamos de um modelo que inclua o subjetivo (experiências interiores), o intersubjetivo (troca de experiências culturais), o social (experiência compartilhada) e o científico (informações objetivas). Esse modelo não se restringe, portanto, a ferramentas ou técnicas. Em vez disso, centra-se no profissional de saúde, seja ele um médico, enfermeiro, assistente social, educador, nutricionista ou administrador,



CAMINHO DAS PEDRAS

Cinco elementos-chave do atendimento multidisciplinar

Segundo informações de 2012 do site da **Integrating the Healthcare Enterprise (IHE)**, organização sem fins lucrativos com sede no estado de Illinois, Estados Unidos, são cinco os elementos-chave do atendimento multidisciplinar:

1. Proporcionar abordagem de equipe, com participação do clínico geral, especialistas e demais profissionais de saúde;
2. Comunicação regular entre os membros da equipe;
3. Garantir acesso a uma ampla gama de opções terapêuticas, independentemente da distância geográfica dos serviços de saúde;
4. Tomar decisões de prestação de cuidados de acordo com as normas nacionais e tratamento com base em informação adequada;
5. Envolver pacientes nas discussões e mantê-los adequadamente informados.

A IHE também levantou os obstáculos que devem ser superados para tornar os atendimentos multidisciplinares. São eles: resistência à mudança por parte dos médicos — muitas vezes, sem disposição ou tempo para participar das reuniões multidisciplinares; falta de financiamento para apoiar o modelo; diferenças entre os setores público e privado de saúde; questões do próprio paciente; e dificuldade em estabelecer tratamento multidisciplinar em áreas rurais e remotas devido à falta de todos os membros da equipe.

em prevenção é considerado primordial, e todos os setores devem trabalhar em conjunto para fornecer os cuidados. Isso significa que habitação, educação, apoio nos primeiros anos de vida e redes comunitárias propiciam um sistema de saúde totalmente integrado. Na Inglaterra, por exemplo, pessoas vulneráveis recebem recursos integrados de saúde para ter um melhor isolamento de suas casas; conseqüentemente, doenças durante o inverno são minimizadas, bem como as emissões do hospital. Modelos de atenção em saúde são menos uma questão médica e mais de controle sobre o próprio bem-estar.

Estados Unidos têm cursos que combinam métodos alopáticos e alternativos. A *American Holistic Medical Association (AHMA)*, por exemplo, adota técnicas convencionais e alternativas e sustenta que é útil para a medicina alopática o entendimento de que a cura inclui o corpo, a mente, as emoções e o espírito. Ensinar o valor da prevenção e bem-estar sempre traz melhores resultados.”

Christina L. Ross,
Ph.D, pesquisadora e
biofísica do Wake Forest
Institute for Regenerative
Medicine, na Carolina do
Norte, Estados Unidos,
no artigo *Saúde Integral:*

Os Benefícios e Desafios da Integração de Medicina Complementar e Alternativa com as Práticas de Saúde Convencional, publicado na *US National Library of Medicine*, em 2009



Mapa da

Sustentabilidade na Saúde, publicado pela NHS Sustainable Development Unit, o sistema de Saúde do Reino Unido, em 2013



EQUILIBRANDO MÉTODOS CONVENCIONAIS E ALTERNATIVOS

A maneira de iniciar o movimento de mudança para a medicina integral começa com a educação dos médicos, na integração de práticas alternativas e complementares nas escolas médicas. De acordo com Ken Wilber, pensador e criador da Psicologia Integral, mais de dois terços das escolas médicas nos

SUBJETIVO, INTERSUBJETIVO, SOCIAL E CIENTÍFICO

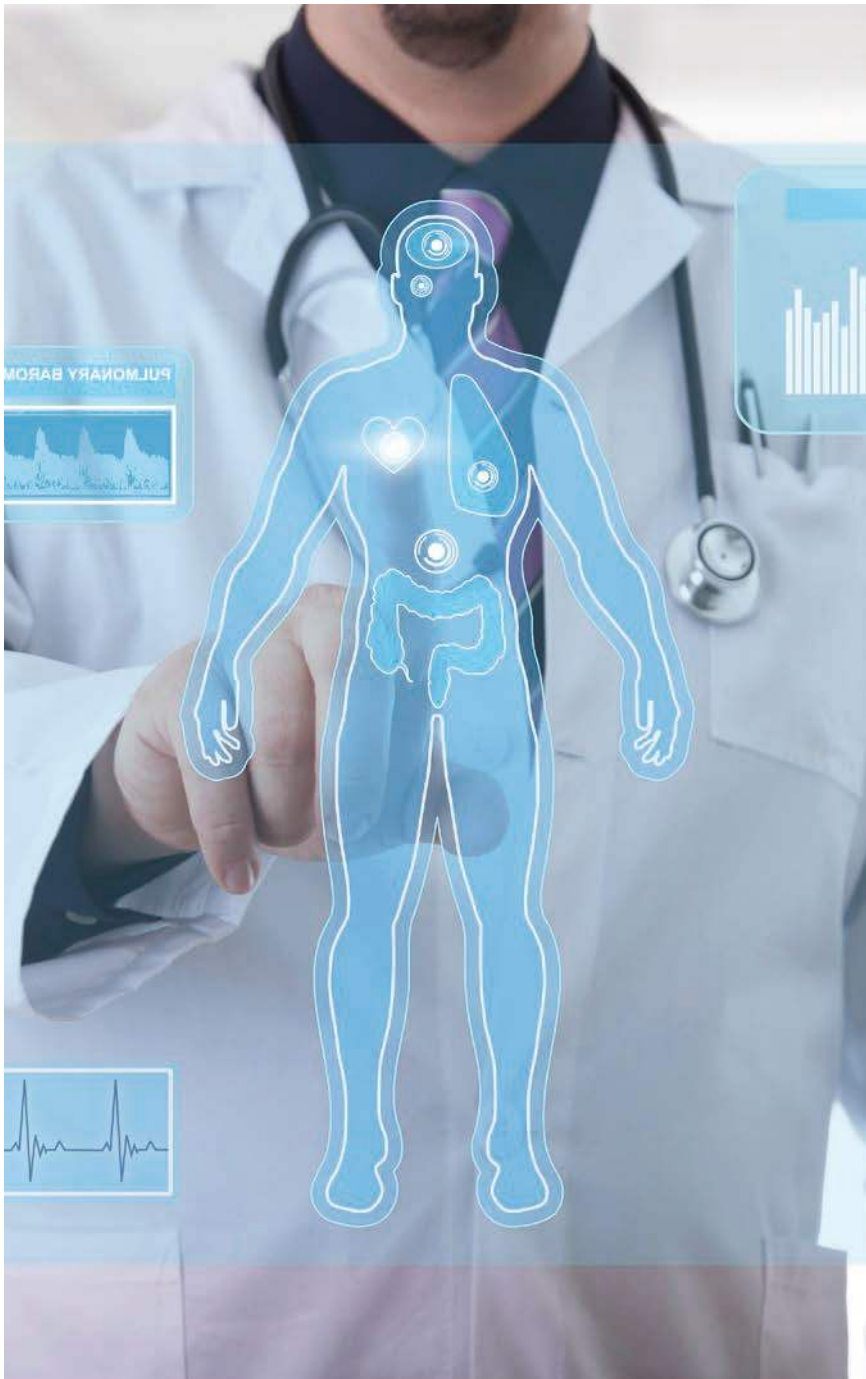
Muito se discute sobre um novo modelo emergente para os cuidados de saúde, que reconheça as múltiplas dimensões da vida. Cuidados com a saúde a partir de uma perspectiva integral vão além da competência cultural, em que se deve considerar as diferentes visões de mundo. Medicina chinesa, curandeirismo,





Conheça o segundo Estudo NEXT
– 8 Tendências de Sustentabilidade
para Pequenas e Microempresas.

Acesse www.ideiasustentavel.com.br



que deve trabalhar de forma colaborativa com as famílias de seus pacientes e oferecer novos caminhos para a cura.

Marilyn Schlitz Mandala,
Ph.D, autora do livro
*Vivenciando: A Arte da
Ciência da Transformação,*
em artigo publicado no *The
Permanent Journal,*
em 2008



REINVENTANDO A EXPERIÊNCIA DO PACIENTE

Muitos hospitais estão começando a empregar uma estratégia multifacetada para reestruturar a experiência do paciente. Isso inclui a concepção do meio ambiente, em que os espaços de cura devem minimizar o estresse por meio de obras de arte, jardins e isolamento acústico, otimizar o envolvimento da família

PARA SABER MAIS

1. Stanford Center for Integrative Medicine:
<http://stanfordhealthcare.org/medical-clinics/integrative-medicine-center.html>
2. American Psychological Association, Washington, EUA:
<http://www.apa.org/about/gr/issues/health-care/integrated.aspx>
3. Planetree:
<http://www.einstein.br/qualidade-seguranca-do-paciente/sistema-einstein-de-qualidade-e-seguranca-do-paciente/acreditacoes-e-certificacoes/Paginas/planetree.aspx>

com salas maiores e cozinhas e reduzir as barreiras físicas entre pacientes e cuidadores. Inclui também as formas com que enfermeiros e médicos são incentivados a criar relacionamentos mais personalizados com os pacientes para ajudar a diminuir sua ansiedade, melhorar a comunicação e promover a cura. Além disso, é importante disponibilizar aos internados práticas alternativas de saúde, como o apoio espiritual. Logo, é necessário contratar profissionais que abracem os valores integrais e reconhecer que a mudança leva tempo e exige paciência.

Jon Christianson,
Michael Finch, Barbara
Findlay, Wayne Jonas e
Christine Choate, no livro
Reinventing the Patient
Experience: Strategies for
Hospital Leaders, de 2007



INDICADORES CORRELATOS

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

3: Assegurar vidas saudáveis e promover bem-estar para todos em todas as idades.

- ◆ 3.8: Atingir a cobertura universal da saúde, inclusive proteção de risco financeiro, acesso a serviços de cuidados da saúde essenciais e a medicamentos essenciais, seguros, efetivos, de qualidade e acessíveis, e vacinas para todos.





Paradigmas em xeque

Para entendermos o que está por trás do abismo que separa a desejável e necessária saúde sustentável da condição atual, precisamos nos situar quanto aos modelos de atenção aplicados no setor, pois estamos diretamente inseridos nele. Atualmente, saímos de um modelo cuja resposta dada à população está inscrita em um sistema fragmentado de saúde e caminhamos para um modelo pautado pela intervenção antecipada junto à população, de forma a reduzir riscos em geral e promover a sustentabilidade em seu entorno.

Para que o leitor se situe melhor e perceba a questão de forma prática, basta uma simples lembrança de suas últimas passagens pelos serviços de saúde, tenham sido eles realizados na área pública ou privada. O que aconteceu com as informações produzidas por cada atendimento realizado? Quantas vezes repetiu os mesmos exames em curto espaço de tempo? Quantas vezes seu médico o questionou sobre fatores psicossociais, comportamentais ou sobre seu trabalho? Trata-se de um pequeno exemplo do modelo fragmentado de atenção à saúde e centrado na doença.

Certamente, vários fatores, como os culturais, os modelos de remuneração, os interesses antagônicos por parte da cadeia produtiva da saúde, a questão do sigilo e do tráfego de informações de saúde e a própria falta de tecnologia adequada contribuem para a continuidade do modelo atual; porém, faz-se necessária uma profunda mudança.

Mediante essa necessidade, venho provocando o mercado de saúde quanto à relevância da implantação de conceitos

de **Gestão Integral de Saúde (GIS)** como enfrentamento ao modelo atual praticado. Esses conceitos adéquam-se perfeitamente ao novo modelo de atenção pretendido em nível mundial, como alternativa para a melhoria da saúde

“A fragmentação das informações tem causado um grande colapso na saúde e tornado sua gestão, de um lado, onerosa e ineficiente por parte daqueles que a administram e, de outro, insatisfatória e pouco resolutive para os indivíduos.”

populacional e a consequente melhoria da racionalização de custos.

Para fundamentar minhas provocações, foram observadas várias evidências ao longo dos últimos anos. A primeira ressalta que a fragmentação das informações em saúde é responsável pela baixa

efetividade da gestão do sistema em todos os países nas últimas décadas.

Em seguida, o documento de posicionamento da **Organização Mundial da Saúde (OMS)** de 2008 afirma que a mudança nos sistemas de atenção à saúde deve acontecer por meio de um plano estratégico com ações de curto, médio e longo prazos. No curto prazo, recomenda que os novos modelos devam ter uma forte ação nas determinantes sociais e causas distais, no incentivo para as iniciativas de autocuidado e no compartilhamento das informações entre os diversos serviços. No médio, sugere o estímulo das relações colaborativas entre os profissionais de saúde e dos prestadores de serviços; e no longo, indica um forte apelo por meio da educação médica continuada para a manutenção do modelo integral de saúde.

GESTÃO INTEGRAL COMO SOLUÇÃO PARA A SAÚDE SUSTENTÁVEL

Faz-se necessário entender que a implantação do conceito de Gestão Integral de Saúde está intimamente relacionada com a integração das informações de saúde produzidas ou construídas em torno dos indivíduos, como os dados assistenciais (planos médicos e odontológicos), ocupacionais, psicossociais e comportamentais.

Para adotar esse conceito, é imprescindível cumprirmos algumas ações na ordem que se segue: **1)** criação de uma base de dados em saúde com todas as informações agregadas e organizadas em torno do indivíduo; **2)** aplicação de critérios de inteligência médica baseada em evidências sobre tais informações, permitindo a definição de um perfil de risco real

e sua devida categorização; **3**) utilização estruturada desses resultados para a definição das intervenções na saúde de forma a atender as demandas integrais em relação à saúde dos indivíduos.

Uma vez estruturadas de forma integral as informações em torno dos indivíduos, e estes recebendo de forma adequada as intervenções de saúde em relação ao seu perfil, a melhoria dos resultados será efetivamente percebida. Do lado dos gestores de saúde, a racionalização dos custos, com a prática direcionada às intervenções antecipadas na saúde populacional, reduzirá significativamente os gastos com os tratamentos das doenças e dos eventos evitáveis. Haverá uma grande contribuição também para a melhoria do sistema previdenciário brasileiro e um ganho para as empresas em relação à redução de seus índices de absenteísmo.

QUEBRA DE PARADIGMAS

A fragmentação das informações tem causado um grande colapso na saúde e tornado sua gestão, de um lado, onerosa e ineficiente por parte daqueles que a administram e, de outro, insatisfatória e pouco resolutiva para os indivíduos. Tomando como exemplo a questão da gestão de saúde nas empresas, que são as grandes financiadoras do sistema de saúde suplementar no Brasil, elas tiveram seus custos com saúde aumentados de forma alarmante na última década, sem que isso se convertesse em melhoria da qualidade de vida e da produtividade para sua força de trabalho. Os custos com saúde, que representavam **3%** nas folhas de pagamento, saltaram para


“Paradigmas e princípios devem ser revistos e quebrados. Atualmente, ‘doença’ tem sido uma grande fonte de renda. A cadeia produtiva da saúde precisa se organizar e aprender a ganhar dinheiro com a promoção da qualidade de vida e do bem-estar, e não mais só com a doença, vista, hoje, como um grande negócio.”

uma média de **12%** (perdem apenas para o salário em si).

Precisamos mudar esse modelo. Para tanto, faz-se imperativa a participação de todos de forma interoperativa. Paradigmas e princípios devem ser revistos

e quebrados. Entre eles, destaca-se a importância da revisão dos modelos de negócios que a cadeia produtiva da saúde (prestadores de serviços) tem em seu contexto geral. Atualmente, “doença” tem sido uma grande fonte de renda. A implantação de novos modelos que trarão a redução do agravamento das doenças conflita com os interesses atuais.

A cadeia produtiva da saúde precisa se organizar e aprender a ganhar dinheiro com a promoção da qualidade de vida e do bem-estar, e não mais só com a doença, vista, hoje, como um grande negócio. Por trás dela, porém, existem indivíduos, famílias e uma grande conta a ser paga por alguém em determinado momento.

Faço um convite à reflexão de todos aqueles que compõem a cadeia produtiva de saúde, gestores, instituições representativas e seus conselhos e, principalmente, à população usuária desses serviços para que repensem a questão da saúde em torno do conceito da Gestão Integral. Reforço a necessidade da participação em um movimento colaborativo, em que todos, em suas respectivas competências, poderão contribuir para tornar a promoção da saúde um grande ativo. Somente assim poderemos alcançar a tão sonhada sustentabilidade na saúde e promover um sistema harmônico, integrado e efetivo, com melhores condições de financiamento e qualidade e em que todos sairão ganhando. 

Luiz Coelho é diretor de Mercado da HS do Brasil (Aliança de Serviços em Saúde) e Coordenador do Grupo de Saúde Corporativa da AAPSA (Associação Paulista de Gestores de Recursos Humanos e de Gestores de Pessoas).



DESAFIO

Meio ambiente como causa e cura de doenças

CUIDAR PARA QUE OS FATORES AMBIENTAIS, QUE ESTÃO NA ORIGEM DE ALGUNS PROBLEMAS DE SAÚDE, CONTRIBUAM PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS

Saúde física, mental e ambiental

O modelo de desenvolvimento atual gera mudanças climáticas que impactam tanto o bem-estar dos indivíduos quanto as condições ecológicas. Pessoas saudáveis são mais conectadas ao ambiente, que, se bem cuidado, potencializa benefícios físicos e mentais. Além disso, espaços em clínicas e hospitais inspirados na natureza revelam-se cada vez mais eficazes na melhoria da qualidade do atendimento e de vida de pacientes e familiares

IMPACTOS NO TRIPLE BOTTOM LINE

- Interação com a natureza estimula hábitos mais saudáveis, como exercícios físicos, que contribuem para a prevenção de doenças e a melhoria da qualidade de vida
- Controle de fatores de risco ambiental reduzem a mortalidade decorrente de doenças causadas, por exemplo, por eventos climáticos extremos
- Contato com a natureza por meio de ambientes naturais adaptados reduz significativamente o estresse, a raiva e o medo de pacientes em hospitais, promovendo maior bem-estar e, em alguns casos, recuperação mais rápida

- Preocupação com os impactos sobre a saúde pode levar à adoção de comportamentos que contribuem para preservar áreas verdes, cuidar melhor dos recursos naturais e reverter as mudanças climáticas, tanto por parte dos indivíduos quanto dos governos



- Controle dos fatores de risco ambiental, como ausência de saneamento, baixa qualidade da água, baixa umidade do ar e poluição, pode reduzir em 25% as doenças cujo tratamento onera os orçamentos públicos de saúde
- Redução dos períodos de internação diminui também gastos provenientes do uso da estrutura dos hospitais (energia, água, limpeza)
- Muitas drogas têm sido descobertas a partir de componentes naturais encontrados em biomas como recifes e florestas

De acordo com o *Quinto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês)*, da ONU, de 2013, caso as emissões de gases do efeito estufa — a principal causa do aquecimento global — continuem crescendo ao ritmo atual nos próximos anos, a temperatura do planeta aumentará até **4,8°C** neste século, o que pode resultar em uma elevação de até **82** centímetros no nível do mar, da temperatura e acidez dos oceanos e afetar a extensão e espessura do gelo nos pólos.

Já o estudo *Mudança Climática Global e Saúde: Perspectivas para o Brasil*, de Ulisses Confalonieri e Diana Marinho, da **Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca**, destaca os impactos das mudanças climáticas relacionados à saúde humana, como o estresse adicional sobre situações-problema já existentes — desnutrição e doenças infecciosas endêmicas, por exemplo — e riscos para a saúde pública, devido à contaminação da água e aumento de distúrbios respiratórios.

Há duas linhas de enfoque sobre a ligação entre meio ambiente e saúde humana: a **verde** analisa os efeitos da atividade do homem sobre a natureza; a **azul**, os impactos do ambiente sobre o bem-estar da humanidade. Programas de pesquisa como o canadense *Ecohealth*, do **Centro Internacional de Investigações para o**

Desenvolvimento (IDRC), e o *Ecosalud*, da **Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)**, estudam a relação da saúde com, por exemplo, a agricultura, poluição ambiental, urbanização, doenças transmissíveis e mudanças climáticas.

O clima pode afetar a saúde humana de três formas. A primeira diz respeito aos efeitos diretos dos eventos climáticos extremos no homem, como o calor do verão europeu de 2003, que vitimou **32 mil** pessoas. O segundo refere-se à produção agrícola e à água, com impactos à segurança alimentar e ao aumento do risco de doenças de veiculação hídrica. E o terceiro envolve aspectos sociais importantes: secas prolongadas, por exemplo, acabam por desencadear a migração de grupos populacionais do meio rural para o urbano, gerando transtornos de infraestrutura e, consequentemente, de qualidade de vida.

Segundo María Neira González, diretora de Saúde Pública e Meio Ambiente na **Organização Mundial da Saúde (OMS)**, aproximadamente **25%** das doenças estão associadas a fatores de risco ambientais. Diarreia, malária, infecções respiratórias e alguns tipos de câncer são exemplos de algumas das mais graves doenças que podem ser atribuídas a riscos ambientais ligados a **85** das **102** principais doenças relatadas anualmente no *Relatório Mundial de Saúde*.

Por outro lado, a conexão e a interação do homem com o meio ambiente natural — isto é, a relação com plantas, animais e outros seres humanos — aumenta a saúde e a produtividade. Segundo Jain Malkin, fundador do **Center for Health Design**, na Califórnia, “o meio ambiente pode influenciar o processo de cura”, pois a exposição aos elementos da natureza permite, por exemplo, que as pessoas se exercitem mais e, consequentemente, previnam diversas doenças, especialmente as cardiovasculares e respiratórias.

Especialistas consultados pelo **NEXT** também apontam diferentes benefícios de “levar o meio ambiente para dentro de hospitais”, estabelecendo formas de conexão entre o espaço clínico e a natureza, como jardins internos, peças de arte ligadas ao tema ou simplesmente janelas com vista agradável. Além de melhorar a

qualidade do atendimento, essas iniciativas tendem a reduzir (e baratear) os períodos de internação, diminuir custos de energia (menor uso de luz elétrica e ar condicionado, por exemplo) e podem estimular comportamentos mais saudáveis de prevenção e promoção da saúde.

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

CONEXÕES PROFUNDAS ENTRE MEIO AMBIENTE E SAÚDE

Os indivíduos dependem da natureza de vários modos — do ar que respiram à comida ou à água que ingerem — e não podem continuar se comportando como se vivessem separados dela. Ecossistemas funcionais são essenciais para fornecer alimento — por exemplo, **um bilhão** de pessoas dependem do estoque de peixes selvagens para manter sua principal fonte de proteína, enquanto ao menos **30%** das plantações em todo o mundo dependem da polinização; então, o declínio das populações de abelhas poderia resultar em dietas mais restritas e menos nutritivas, principalmente para aqueles que vivem na pobreza. Por causa da mudança climática, as secas estão se tornando mais intensas e frequentes em diversos lugares. Elas afetam culturas agrícolas e contribuem para o aumento dos preços dos alimentos, com um efeito devastador na nutrição. Ao mesmo tempo, mudanças na distribuição de insetos, tais como mosquitos e carrapatos, estão relacionadas ao aumento da temperatura e colocam novas populações sob o risco de doenças infecciosas, como dengue, encefalite e leishmaniose. Doenças transmitidas por alimento e água também tendem a crescer devido à mudança de condições que favorecem sua transmissão. Por outro lado, o meio ambiente pode proteger contra as temperaturas extremas e oferece muitos benefícios à saúde. Muitas drogas nobres estão sendo descobertas a partir de componentes naturais, particularmente de pontos de biodiversidade como recifes e florestas. Além disso, o tempo gasto em espaços verdes tem demonstrado elevar o bem-estar mental: reduz os níveis de cortisol (hormônio do



NO PORTAL

Impacto das artes visuais no comportamento do paciente

Já pensou nos impactos que intervenções artístico-ambientais podem ter sobre o bem-estar de pacientes e familiares nas áreas de emergências? Acesse www.ideiasustentavel.com.br e confira os apontamentos do estudo *Impact Of Visual Art On Patient Behavior In The Emergency Department Waiting Room* (Impacto da Arte Visual no Comportamento do Paciente no Setor de Emergência), do **Center for Health Design**, na Califórnia (publicado no *Jornal de Medicina de Emergência*, em 2012). Veja também tendências de design para a cura e cuidados com a saúde.



A poluição urbana mata, por ano, cerca de 1,3 milhão de pessoas, segundo dados da OMS. De acordo com Paulo Saldiva, médico especialista em poluição atmosférica, um em cada dez infartos do miocárdio devem-se à associação entre tráfego e poluição



NO RADAR

Intervenções verdes

Cada vez mais evidências confirmam a correlação entre “intervenções verdes”, melhores resultados para os pacientes e redução de riscos para os profissionais de saúde. Seguem alguns exemplos:

a) Estudo conduzido pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos, em 2003, descobriu que pacientes em quartos com incidência direta de luz solar têm uma redução de 22% no uso de medicamentos para a dor. Já o Centro Mackenzie de Ciências da Saúde, do Canadá, constatou que pacientes com depressão se recuperam 15% mais rápido em quartos com incidência direta de luz solar em comparação com aqueles em quartos escuros.

Practice Greenhealth, no estudo *The Business Case for Greening the Healthcare Sector*, de 2013

b) Um estudo no Hospital da Universidade INHA, na Coreia, identificou uma redução média de 41% no tempo de permanência de pacientes de ginecologia em salas iluminadas pelo sol. A pesquisa observou também redução semelhante de 26% para os pacientes da ala de cirurgia.

Joon Ho Choi, no *Study of the Relationship Between Indoor Daylight Environments and Patient Average Length of Stay in Healthcare Facilities*, da Universidade do Texas, de 2005

c) Estudo do Bronson Methodist Hospital, em Kalamazoo, Michigan (EUA), descobriu que, com a aplicação de práticas de design verde em seu projeto de renovação, a instituição foi capaz de reduzir as infecções hospitalares em 11% e diminuir as taxas de rotatividade de enfermagem para menos de 7%. As medidas tomadas incluíam a eliminação de quartos compartilhados, melhor ventilação para introduzir mais ar fresco e incorporação de música, luz e natureza ao projeto.

Fundação Robert Wood Johnson, no estudo *Evidence-Based Hospital*, de 2004

estresse) e da pressão sanguínea. Espaços verdes também reduzem temperaturas locais durante ondas de calor, removem poluentes do ar, ajudam a aumentar os níveis de atividade física, com muitos benefícios para a saúde cardiovascular, tratamento da depressão e ansiedade e a prevenção de doenças associadas à obesidade, como diabetes, câncer e artrite. Os cientistas estão percebendo, portanto,

quão profundas são as conexões entre o meio ambiente e a saúde.

Isobel Braithwaite,
coordenadora nacional na
Healthy Planet Foundation,
instituição ambiental
beneficente, no Reino
Unido, em entrevista
ao NEXT



MORTES PELA POLUIÇÃO DO AR

A poluição atmosférica pode matar até 256 mil pessoas nos próximos 16 anos no estado de São Paulo. Nesse

período, a concentração de material particulado no ar ainda provocará a internação de um milhão de pessoas, um gasto público estimado em mais de R\$ 1,5 bilhão. A projeção inédita do Instituto Saúde e Sustentabilidade, realizada por pesquisadores da USP, prevê que ao menos 25% das mortes ocorram na capital paulista. Os resultados indicam que, no atual cenário, a poluição pode matar até **seis vezes** mais do que a Aids ou **três vezes** mais do que acidentes de trânsito e câncer de mama. A população de risco, ou seja, as pessoas que já sofrem com doenças circulatórias, respiratórias e do coração serão as mais afetadas, assim como



CAMINHO DAS PEDRAS

Ambientes de cura

Aviões de um spa ou de um jardim japonês como efetivos ambientes de cura está começando a crescer à medida que as organizações de saúde se conscientizam dos benefícios terapêuticos desses recursos. Mas quais são eles especificamente? E o que exatamente contribui para criá-los? A resposta é complexa, em parte, porque podem variar de acordo com a cultura e as preferências de uma pessoa.

De acordo com o artigo *Criando Ambientes Ideais de Cura em Ambientes de Saúde* (2008), de Terri Zborowsky, professora adjunta na Universidade de Minnesota, e Mary Jo Kreitzer, professora da Escola de Enfermagem da Universidade de Minnesota, os ambientes de cura são projetados para promover a harmonia da mente, corpo e espírito e reduzir o estresse e a ansiedade, o que influencia positivamente a saúde de diversas maneiras. A neurociência tem comprovado que o cérebro e os sistemas nervoso, endócrino e imunológico estão em constante interação. Assim, um quarto de hospital barulhento e confuso pode deixar o paciente não só mais preocupado, triste ou vulnerável, como também aumentar a sua pressão arterial, frequência cardíaca e tensão muscular. Além disso, os hormônios liberados em resposta ao estresse costumam suprimir o sistema imunológico.

O artigo também registra as formas identificadas pelo fundador do Center for Health Design, Jain Malkin, da Califórnia, de as organizações adaptarem as instalações de cuidados de saúde. São elas:

1. **Aumentar a conexão com a natureza:** três a cinco minutos de contato com a natureza reduzem significativamente o estresse, a raiva e o medo; basta proporcionar visualização do ambiente exterior, jardins interiores ou obras de arte com temas da natureza.
2. **Oferecer opções e escolhas:** dar aos pacientes uma sensação de controle pode diminuir significativamente o estresse; cabe aos hospitais permitir a eles ajustar a iluminação e selecionar onde gostariam de se sentar, por exemplo. Além disso, um *layout* inteligente facilita a locomoção e aumenta a independência.
3. **Fornecer distrações/diversões:** pacientes de cirurgia cardíaca, em unidades de terapia intensiva, que viram cenas de paisagem relataram menos ansiedade e estresse e necessitaram de menos medicamentos para a dor do que os que não foram expostos às mesmas imagens.
4. **Fornecer acesso ao apoio social:** hospitais podem fornecer salas de espera com mobiliário confortável e projetar quartos mais cômodos para visitantes e familiares.
5. **Reduzir o estresse ambiental:** um bom design pode reduzir o barulho de equipamentos, alarmes, companheiros de quarto e equipe, tornando a hospitalização menos desagradável para os pacientes.

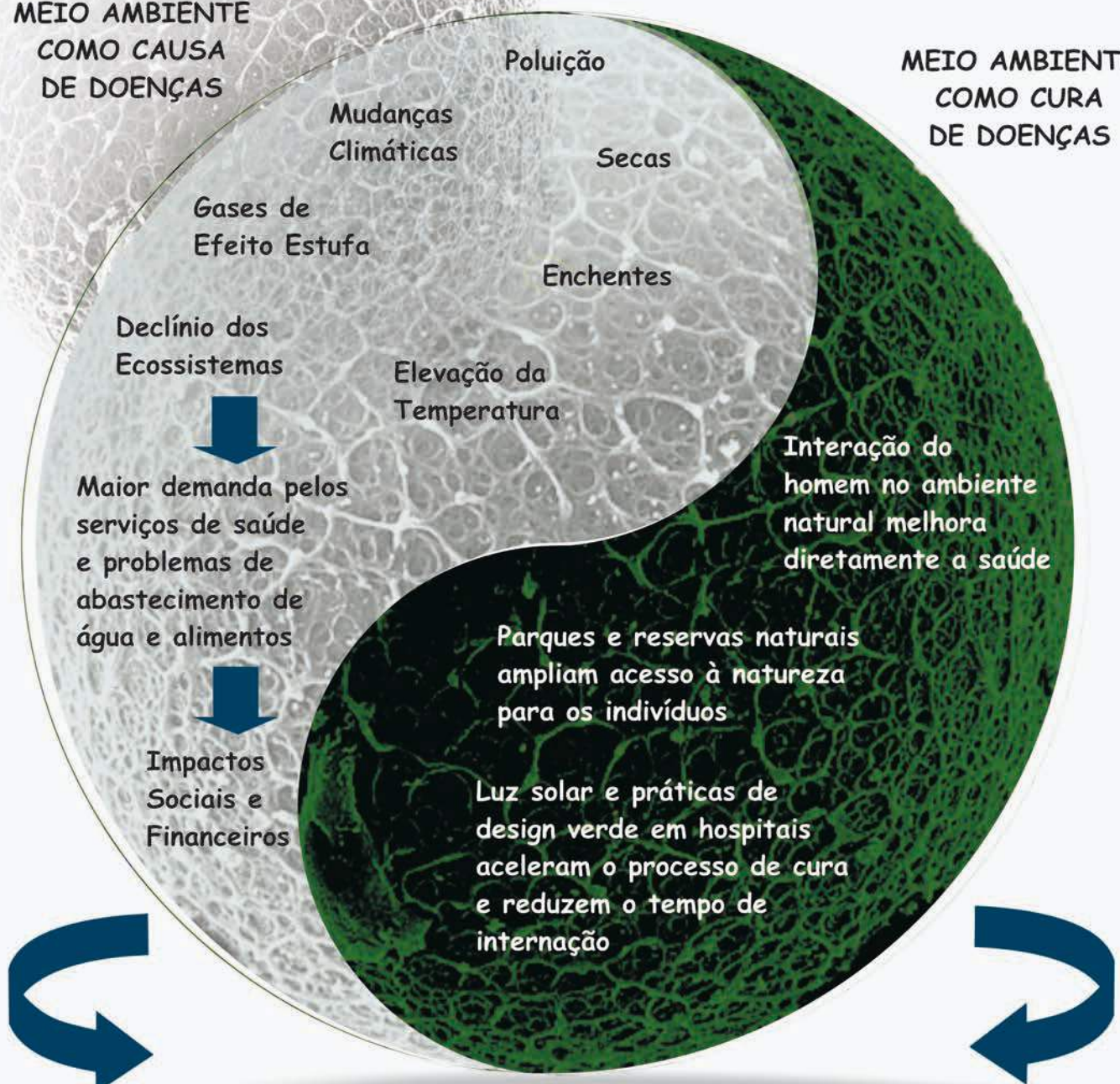


MEIO AMBIENTE COMO CAUSA E CURA DE DOENÇAS

No estado de São Paulo, nos próximos 16 anos, problemas ambientais poderão matar até 256 mil pessoas - provocando a internação de um milhão - e gerar um gasto público estimado em mais de R\$ 1,5 bilhão

**MEIO AMBIENTE
COMO CAUSA
DE DOENÇAS**

**MEIO AMBIENTE
COMO CURA
DE DOENÇAS**



Necessidades de padrões sustentáveis de crescimento: reduzir os riscos ambientais e a escassez de recursos naturais

Para maximizar o contato com a natureza na promoção da saúde das populações, são necessárias estratégias de colaboração entre pesquisadores, profissionais de saúde, serviços sociais, planejamento urbano e gestores ambientais



crianças com menos de cinco anos que têm infecção nas vias aéreas ou pneumonia. Entre as causas mais prováveis de mortes provocadas pela poluição, o câncer poderá ser o responsável por quase **30 mil** casos até **2030** em todos os municípios de São Paulo. Asma, bronquite e outras doenças respiratórias extremamente agravadas pela poluição podem representar outros **93 mil** óbitos, já contando a estimativa de crianças atingidas no período. A magnitude dos resultados obtidos pela projeção, que tem como base dados de 2011, comprova a necessidade de o poder público implementar medidas mais rigorosas para o controle

da poluição do ar, com formas alternativas de energia, incentivo ao transporte não poluente — bicicleta e ônibus elétrico, por exemplo —, redução do número de carros em circulação e obrigatoriedade de veículos a diesel utilizarem filtros em seus escapamentos.

Evangelina Vormittag,
médica, doutora em
Patologia
pela Faculdade de
Medicina da USP
e diretora-presidente do
Instituto Saúde



e Sustentabilidade, em matéria publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 2014

SAÚDE: CHAVE PARA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS AMBIENTAIS

Agua doce, ar puro e clima relativamente estável são essenciais para a vida, para a prevenção de doenças e a manutenção da saúde. No entanto, continuamos a prejudicar o meio ambiente por meio de práticas irresponsáveis, ameaçando seriamente nossa saúde. Principalmente, a das crianças com menos de cinco anos. Globalmente, o número per capita de anos de vida saudável perdidos devido a fatores de risco ambientais é cinco vezes maior em pessoas com menos de cinco anos do que na população total. Intervenções de saúde ambiental





podem dar uma contribuição valiosa e sustentável para a redução da carga global de doenças e melhorar o bem-estar das pessoas. Por exemplo, o saneamento seguro impede contaminação da água potável. Os retornos econômicos de uma melhor saúde da população são a chave para motivar os líderes na resolução de problemas ambientais. Ameaças à saúde têm o poder de estimular a recuperação ambiental. É preciso trabalhar em conjunto para a prevenção de doenças por meio de ambientes saudáveis. Ação preventiva para melhorar a qualidade da água, reduzir a poluição do ar interior, gestão segura de agrotóxicos, redução de danos ao ambiente: há muito o que fazer e que poderá beneficiar tanto as gerações do presente como as futuras.

María Neira González,
diretora de Saúde Pública
e Meio Ambiente na
Organização Mundial
da Saúde, em gravação
especial para a OMS,
em 2014



ÍNDICE DE VULNERABILIDADE AOS IMPACTOS DO CLIMA SOBRE A SAÚDE

O índice de vulnerabilidade aos impactos do clima sobre a saúde para as diferentes regiões brasileiras mostra que a região Nordeste é a mais vulnerável, enquanto Sul e Sudeste são as menos suscetíveis, devido ao maior nível de desenvolvimento socioeconômico. Os impactos futuros da mudança climática na

saúde podem aumentar sua intensidade (por exemplo, frequência da ocorrência, número de pessoas afetadas), gravidade/duração ou ampliar a sua distribuição no espaço geográfico. Para o Brasil, são esperados impactos adicionais em relação aos seguintes agravos: **1)** Doenças infecciosas endêmicas, como malária, leishmaniose, leptospirose e dengue; **2)** Acidentes por eventos climáticos extremos, como tempestades e inundações, incluindo o estresse pós-traumático; e **3)** Agravamento da desnutrição em áreas já afetadas por insegurança alimentar, em função da queda na produção da agricultura de subsistência. Devem-se ainda considerar como possibilidade os seguintes riscos adicionais para a saúde pública: excessiva demanda pelos serviços de saúde; problemas de abastecimento de água, devido à salinização de depósitos naturais no subsolo (consequência do aumento do nível do mar); e possível aumento de distúrbios respiratórios pela maior concentração de poluentes atmosféricos, principalmente o ozônio, cuja formação é catalisada pela temperatura do ar, em metrópoles já poluídas.

**Ulisses Confalonieri e
Diana Marinho, da Escola
Nacional de Saúde
Pública Sergio Arouca,
no estudo *Mudança Climática Global e
Saúde: Perspectivas para o Brasil*, de 2007**



ABORDAGEM SOCIOECOLÓGICA PARA SAÚDE E SUSTENTABILIDADE

Enquanto indivíduos do meio urbano que procuram parques e jardins parecem compreender intuitivamente os benefícios de saúde e bem-estar decorrentes do contato com a natureza, estratégias de saúde pública ainda são recursos inexplorados para maximizar os benefícios oferecidos pela natureza, incluindo os do contato com a natureza como uma intervenção de promoção da saúde. A natureza desempenha um papel vital na saúde humana e no bem-estar; parques e reservas naturais são muito importantes. Para maximizar o contato com a natureza, são necessárias estratégias de

colaboração entre pesquisadores, profissionais de saúde, serviços sociais, planejamento urbano e os setores de gestão ambiental. Essa abordagem oferece não só um aumento das atividades de promoção e prevenção de saúde existentes, mas a base para uma abordagem socioecológica para a saúde pública que incorpore a sustentabilidade ambiental.

**Anita Pryor, Ph.D pela
Escola de Saúde e
Desenvolvimento Social
da Universidade de Deakin,
na Austrália, no artigo
*Natureza Saudável, Pessoas***



***Saudáveis: Contato com a Natureza como
uma Intervenção de Promoção da Saúde
para as Populações a Montante*, publicado
no site da Oxford Journals, em 2005**

INDICADORES CORRELATOS

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

3: Assegurar vidas saudáveis e promover bem-estar para todos em todas as idades.

◆ 3.9: Até 2030, reduzir substancialmente o número de mortes e doenças causadas por produtos químicos perigosos e pela poluição e contaminação do ar, água e solo.

6: Assegurar a disponibilidade e a gestão sustentável de água e saneamento para todos.

◆ 6.3: Até 2030, melhorar a qualidade da água pela redução da poluição, eliminando o despejo e minimizando a liberação de materiais químicos perigosos, reduzindo pela metade a proporção de água desperdiçada não tratada e aumentar a reciclagem e o reúso seguro globalmente.

13: Tomar uma ação urgente para combater a mudança climática e seus impactos.

◆ 13.1: Fortalecer a capacidade de resiliência e adaptação ao clima relacionado à desastres naturais perigosos em todos os países.

GLOBAL COMPACT

◆ Princípio 7: As empresas devem apoiar uma abordagem preventiva sobre os desafios ambientais.

◆ Princípio 8: Desenvolver iniciativas a fim de promover maior responsabilidade ambiental.



PARA SABER MAIS

1. Meio Ambiente e Saúde: O Desafio das Metrôpoles, de Paulo Saldiva, 2010
2. Instituto Saúde e Sustentabilidade: <http://www.saudeesustentabilidade.org.br/>
3. Mudança Climática Global e Saúde: Perspectivas para o Brasil, de Ulisses Confalonieri e Diana Marinho: http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_08/a_03_8.pdf





Um novo olhar para os novos tempos

Reconhecendo as ameaças cada vez maiores à saúde pública global, a **Organização Mundial da Saúde (OMS)** anunciou os temas Urbanização e Mudança Climática como os maiores desafios de saúde neste século. A preocupação de que o ambiente urbano seja visto como espaço sustentável e saudável é conspícua e desejável. Provoações para os novos tempos.

Os desequilíbrios ambientais atingem a saúde humana. A poluição atmosférica e as mudanças significativas no clima indicam que a maioria das suas consequências será experimentada no cenário urbano. Paradoxalmente, um aspecto da relação entre cidade e meio ambiente raramente abordado é a qualidade de vida do homem.

A OMS anunciou, neste ano, a perda precoce de cerca **7 milhões** de vidas no mundo pela poluição do ar em 2012 (**3,6 milhões** devido à poluição do ar externa e **3,4 milhões**, à intradomiciliar). Isso significa que uma em cada oito mortes no mundo está relacionada à exposição ao ar contaminado. Os dados são alarmantes e ultrapassam estimativas anteriores.

Em 2014, a poluição do ar tornou-se a principal causa de morte por complicações cardiorrespiratórias relacionadas ao meio ambiente. O ar passa a ser líder ambiental para riscos em saúde, ultrapassando a água insalubre e doenças infecciosas como a malária, o que pede medidas emergenciais de controle efetivo desse mal.

A poluição do ar está associada à redução da expectativa de vida, maior risco de infarto do coração, pneumonia, bronquite crônica, asma e câncer do pulmão.

“Os desequilíbrios ambientais atingem a saúde humana. Uma em cada oito mortes no mundo está relacionada à exposição ao ar contaminado, que passa a ser líder ambiental para riscos em saúde, ultrapassando a água insalubre e doenças infecciosas como a malária.”

É surpreendente o anúncio da **Agência Internacional de Pesquisas sobre o Câncer**, em 2013, sobre a classificação do ar

contaminado como agente carcinogênico, ou seja, o ar poluído passa a ser o líder ambiental também para o desenvolvimento de câncer.

A contaminação do ar dentro dos domicílios é a quarta causa de mortalidade em crianças em países em desenvolvimento; à frente, estão desnutrição, sexo inseguro e falta de água potável. Quase metade das mortes por pneumonia em crianças menores de cinco anos de idade é decorrente da inalação de poluentes intradomiciliares. As mulheres e as crianças são a população mais afetada, pois passam mais tempo em seus lares — mulheres expostas, por exemplo, são três vezes mais propensas a desenvolver a bronquite crônica. Cerca de **3 bilhões** de pessoas cozinham e aquecem suas casas com fogões à lenha no mundo, e o nível de poluentes pode atingir níveis até **100 vezes** maiores do que o aceitável.

No Brasil, a situação também é alarmante. De acordo com pesquisas divulgadas pelo **Instituto Saúde e Sustentabilidade**, até 2030, podem ocorrer no estado de São Paulo **250 mil** óbitos, **1 milhão** de internações, com um gasto público estimado em mais de **R\$ 1,5 bilhão**, devido à poluição do ar externa.

O mais recente relatório do **Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)**, *Mudanças Climáticas 2014: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade*, detalha os impactos e os riscos futuros das mudanças climáticas, além de apontar oportunidade para medidas eficazes de solução. Até 2050, estima-se que haverá

um bilhão de refugiados ambientais e possíveis conflitos decorrentes de temperaturas extremas, seca, escassez de água e alimentos, catástrofes ambientais, aumento do nível do mar e doenças infecciosas.

De acordo com o relatório, entre 2000 e 2010, **80%** das emissões de gases de efeito estufa (GEE) foram provenientes da queima de combustíveis fósseis, principalmente da geração de energia e indústria. Os veículos são responsáveis por **90%** da emissão de poluentes em São Paulo. Até 2050, o setor de energia deve emitir o dobro ou, talvez, o triplo da quantidade de GEE em comparação a 2010. Por isso, “descarbonizar” a geração de eletricidade é um componente-chave para o funcionamento das estratégias de redução de emissões, diversificando modais, investindo em coletivos — trens e ônibus, por exemplo — e incentivando o desenvolvimento de combustíveis menos poluentes.

Como visto, é necessário que a sociedade encare com seriedade e de forma permanente os riscos das mudanças climáticas globais. A prevenção das doenças pede um novo enfoque — o da construção de uma economia de baixo carbono — e induz a modificações de nossos hábitos.

Assim, as principais Academias de Ciência no mundo recomendaram, em 2010, medidas práticas de redução de emissão de GEE nas cidades que promovessem cobenefícios em saúde imediatos e perceptíveis localmente, ao contrário dos benefícios ambientais que são pouco palpáveis, especialmente em um curto período de tempo. O intuito foi chamar a

atenção para a saúde do homem nas cidades e estimular os governantes a adotar políticas que considerem o tema.

As medidas propositivas relacionam-se principalmente às áreas de transporte, energia doméstica e consumo de carne nas cidades: **1)** redução do uso do

“Até 2030, podem ocorrer no estado de São Paulo 250 mil óbitos, 1 milhão de internações, com um gasto público estimado em mais de R\$ 1,5 bilhão, devido à poluição do ar externa.”

transporte individual — motocicleta ou automóvel privado; **2)** aumento do transporte ativo — caminhada e ciclismo; **3)** diminuição da poluição dentro das casas pela queima de biomassa; **4)** geração de eletricidade a partir de fontes renováveis ou de baixo carbono em vez de combustíveis fósseis; e **5)** redução do consumo de produtos de origem animal em centros urbanos (a atividade pecuária é uma importante fonte de emissão de GEE).

O esclarecimento e sensibilização da população sobre as consequências adversas à saúde decorrentes da urbanização e mudanças climáticas fazem-se necessários — sobretudo, hoje — para evitar que o maior impacto possa ocorrer nas gerações futuras. É importante informar que medidas como caminhar, andar de bicicleta, reduzir a ingestão de grandes quantidades de carne e alimentos industrializados podem diminuir a emissão de GEE e poluentes e reduzir o risco de doenças cardiovasculares, diabetes, osteoporose, obesidade, demência e câncer, além de promover benefícios imediatos e significativos à saúde daqueles que as adotam.

Embora sejam os médicos que diagnosticam as doenças e estejam diante da perda precoce de vidas, não serão eles que prevenirão o problema; a salvaguarda da saúde da população está na mão dos governantes. Mais de **84%** da população brasileira vivem em cidades. Usar a sustentabilidade a favor da promoção da saúde dos que habitam os centros urbanos é eminente.

Aos governantes cabe a responsabilidade, a tarefa e a missão para agir, com ética e coragem, em defesa do desenvolvimento sustentável e da saúde. Aos cidadãos, visitar seus valores e hábitos de consumo em nome da coletividade, um novo olhar para os novos tempos. ■

Evangelina Vormittag, médica, doutora em Patologia pela Faculdade de Medicina da USP e diretora executiva do Instituto Saúde e Sustentabilidade.

4



DESAFIO

Saúde como estratégia de sustentabilidade das empresas

PROMOVER UM ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL DOS COLABORADORES COMO VANTAGEM COMPETITIVA INTEGRADA AO PLANEJAMENTO DO NEGÓCIO

Profissionais saudáveis, empresas produtivas, planeta melhor

Cresce o interesse das organizações pela saúde e pelos programas de qualidade de vida. O alto custo da assistência médica, as constantes pressões por melhorias na produtividade e no ambiente organizacional, o envelhecimento da força de trabalho e a necessidade de retenção de talentos têm levado as corporações a investir em soluções destinadas ao bem-estar de seus funcionários. Ampliar a visão sobre a qualidade de vida também inclui considerar questões como meio ambiente, ética, sentido e propósito, espiritualidade, voluntariado e responsabilidade social. Programas devem constituir oportunidades para criar conexões dentro e fora do trabalho, com a perspectiva de atingir a família e a comunidade

IMPACTOS NO TRIPLE BOTTOM LINE

- Pessoas com estilos de vida mais saudáveis vivem, em média, de seis a nove anos a mais

- Com os programas de saúde, o colaborador sente-se mais valorizado, feliz e motivado; tem mais orgulho de estar na empresa, vê mais propósito e significado no seu trabalho

- Programas corporativos estimulam o cuidado com saúde e qualidade de vida também fora do ambiente de trabalho; e proporcionam maior equilíbrio entre vida profissional e pessoal

- Edifícios verdes e ambientes empresariais e industriais com "saúde ecológica" apresentam maior eficiência no uso de água, energia, ventilação e iluminação, além de impactar positivamente a segurança e a saúde dos funcionários



- Para cada dólar investido num programa de bem-estar tem-se um retorno de 3 dólares na forma de aumento da produtividade dos colaboradores, aumento da qualidade, redução de absenteísmo e acidentes de trabalho

- Promover exercícios físicos em programas de bem-estar reduz os custos de saúde em 20% e as licenças médicas em 6%

- Programas de qualidade de vida reduzem custos com os cuidados de saúde e os decorrentes de afastamento por indenização, além de lesões de trabalho e do turnover

- Programas corporativos aumentam lealdade dos funcionários, contribuindo diretamente para maior retenção e atração de talentos

“O sucesso dos negócios depende do bem-estar dos trabalhadores” afirma Maria Neira González, diretora do departamento de Saúde Pública da **Organização Mundial da Saúde (OMS)**. Segundo ela, a segurança e a qualidade de vida são motivos de preocupação para profissionais no mundo todo, mas a questão se estende para além do âmbito individual e familiar: são temas fundamentais para a competitividade, produtividade e sustentabilidade das empresas, comunidades e economias nacionais e regionais.

Profissionais motivados, saudáveis e felizes produzem mais, faltam menos ao trabalho, sofrem menos acidentes, adoececem menos e estão mais integrados ao meio ambiente em que vivem. Uma força de trabalho saudável, portanto, costuma ser fator diferencial numa organização.

O grande capital da empresa constitui-se de profissionais capazes, aptos, sadios, equilibrados, criativos e íntegros. Especialistas entrevistados pelo **NEXT** relatam que, atualmente, o segundo maior custo das organizações são as despesas com a saúde dos funcionários (em média, **12%** das folhas de pagamento) —, daí a crescente preocupação com a qualidade de vida dos colaboradores.

Na contramão dos crescentes gastos das empresas com planos de saúde, a **GE Brasil** apostou em ações preventivas e conseguiu reduzir em **R\$ 1 milhão** o custo anual do convênio médico. Para tanto, a companhia investe anualmente **R\$ 378 mil** em ações de prevenção de doenças e incentivos a hábitos saudáveis para cerca de **7 mil** colaboradores (**80%** de sua mão de obra no país). Na **Whirlpool**, ações na linha das praticadas pela GE garantem um custo do plano de saúde **20%** inferior ao do mercado em geral, devido aos programas preventivos e de promoção da qualidade de vida — em média, cada **R\$ 1** investido em projetos desse tipo tem um retorno de **R\$ 1,95**.

“Quando os funcionários são estimulados a melhor gerir sua saúde, inicialmente o custo do plano médico pode ser maior; porém, no longo prazo, mantendo-se mais saudáveis, o custo diminuirá”, alerta Regina Mello, médica e Superintendente

Executiva de Saúde e Odonto da **SulAmérica**. Saúde corporativa significa não apenas oferecer acesso a serviços, mas estimular o bem-estar e incentivar um estilo de vida saudável.

De acordo com o estudo *Relações Causais entre Bem-estar e Resultados de Elementos da Vida, do Trabalho e da Saúde*, publicado pelo **Instituto Gallup**, em 2012, as organizações que rastreiam, gerenciam e promovem o bem-estar de seus funcionários, controlam de forma mais eficiente os custos com a saúde, estimulam o melhor desempenho do funcionário e conseguem atrair e reter os melhores profissionais. Ao visar ao bem-estar profissional, social, financeiro, físico e comunitário dos colaboradores, os líderes podem transformar suas organizações em locais de trabalho de alto desempenho, nos quais os funcionários se desenvolvem e todos ganham.

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

SAÚDE NO TRABALHO

A promoção da saúde não está mais restrita ao consultório médico. Está cada vez mais claro que saúde e bem-estar são importantes demais para ficar somente nas mãos de profissionais da área. Compartilho algumas ideias para maximizar a eficácia dos esforços no sentido de ter funcionários mais felizes e saudáveis: 1) faça as coisas simples: forneça atividades de promoção da saúde, como a eliminação do tabagismo, exercícios e programas de perda de peso. Além disso, estimule a participação, permitindo, quando possível, flexibilidade no horário de trabalho; 2) torne as coisas mais agradáveis: transforme, por exemplo, a perda de peso numa competição divertida; 3) incorpore incentivos: as recompensas devem ser concedidas em pequenas quantidades e com frequência maior, pois podem ser mais motivadoras do que uma boa quantia somente no final do ano; 4) permita a mobilidade: os funcionários devem ser capazes de realizar os programas de gerenciamento de bem-estar e doença, não importa onde eles estejam e qual a hora do dia;

5) divulgue informações sobre comportamentos saudáveis: melhorar os resultados clínicos e diminuir os custos em saúde é uma boa maneira de disseminar comportamentos saudáveis além do trio clássico de perda de peso, exercício e eliminação do tabagismo.

Katrina Firlik, co-fundadora e diretora da **HealthPrize Technologies** e autora do livro de *Another Day in the Frontal Lobe: A Brain Surgeon Exposes Life on the Inside*, de 2007



INDICADORES PARA O BEM-ESTAR

O que não pode ser medido não pode ser gerenciado. Essa máxima do meio empresarial começa a ser estendida para áreas bem menos cartesianas. O desafio que se apresenta é o de construir indicadores para mensurar o bem-estar, visando ao aumento da felicidade das pessoas. Em 2012, às vésperas da Rio+20, o Banco Itaú lançou o seu Índice de Bem-Estar Social, que reúne uma série de indicadores econômicos e sociais, incluindo inflação, desemprego, expectativa de vida e desigualdade. A iniciativa ilustra de forma emblemática um movimento mundial de empresas, de governos e da sociedade civil que atua no sentido de substituir o produto interno bruto (PIB) por um indicador que represente melhor o aumento ou a redução do bem-estar de uma população. Grandes empresas já se movimentam em escala mundial. A Natura e a Itaipu são pontos focais de um grupo internacional que discute e tenta implementar experiências locais inspiradas na felicidade interna bruta do Butão, pequeno país asiático. Esse vanguardismo empresarial já se mostrou relevante em outros contextos e, certamente, contribuirá para o desenho de medidas que poderão ser os novos indicadores de bem-estar social global.

Marina Grossi, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável, em artigo publicado no jornal **Correio Braziliense**, em 2013





NO RADAR

Construção da saúde

Construir de forma sustentável integra, além dos aspectos ambientais e econômicos, também os sociais. Por isso, a Even Construtora e Incorporadora iniciou um processo de valorização e qualificação de sua mão de obra por meio do reforço da dignidade, da autoestima, da saúde e do desenvolvimento dos colaboradores.

Segundo Silvio Gava, diretor executivo Técnico e de Sustentabilidade da empresa, todas as áreas de vivência dos canteiros foram padronizadas, com mesas em fórmica nos refeitórios que poderiam ser reutilizadas em novas obras. Foram instalados chuveiros aquecidos a gás — que reduzem o consumo de energia elétrica — e a coleta seletiva. Os operários realizam consultas e exames e recebem medicamentos básicos. Um médico da Even visita todas as obras e coordena campanhas de vacinação, de orientação sobre doenças sexualmente transmissíveis e de alcoolismo conforme o calendário da própria rede de saúde pública.

Além disso, a empresa lançou o Projeto Toalha em todos os canteiros. Os colaboradores da Even e terceirizados recebem toalhas limpas para o banho. Elas são lavadas diariamente, por empresa parceira terceirizada que, por sua vez, trata e reutiliza a água da lavagem. A iniciativa pode parecer simples, mas, somada ao uso do sabonete líquido, reduziu os casos de doença de pele dos operários nos canteiros.

Como resultado das medidas, os índices de acidentes diminuíram mais de 70% desde o início dos projetos e constataram-se aumentos na produtividade (em média, até dois meses de antecipação nos prazos de obra) e a qualidade (índices de assistência técnica 30% menores).

A CADA DOLAR INVESTIDO EM SAÚDE, 70 CENTAVOS VÃO PARA TRATAR FUNCIONÁRIOS DOENTES

Pesquisa recente do Departamento de Saúde e Serviços Humanos da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, identificou que, para cada dólar gasto em saúde, aproximadamente **70 centavos** serviram para tratar os funcionários que tiveram uma ou mais condições/doenças crônicas, sendo que **dois terços** delas podem ser

atribuídas aos três principais fatores de risco de vida: sedentarismo, má alimentação e uso de tabaco. O relatório da Secretaria de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos revelou que, nos locais de trabalho onde há promoção de exercícios físicos em seus programas de bem-estar, os custos com a saúde diminuíram de **75%** para **55%**; as licenças médicas de curto prazo reduziram de **38%** para **32%**, e a produtividade aumentou de **50%** para **52%**. As pessoas com estilos de vida mais saudáveis vivem, em média, de **seis a nove** anos a mais. Estudos recentes apontam que, para construir uma cultura de bem-estar no ambiente de trabalho, os programas devem procurar: 1) reduzir os custos com os cuidados de saúde; 2) reduzir o

absenteísmo; 3) aumentar a produtividade dos funcionários; 4) reduzir o uso dos benefícios de cuidados de saúde por meio da prevenção; 5) reduzir reivindicações dos trabalhadores sobre pedidos de indenização e inaptidões; **6)** reduzir lesões; **7)** reduzir *turnover* pelo aumento da lealdade e moral dos funcionários.

Mark Wheeler, diretor executivo financeiro da New Standard Corporation, no artigo *Programas de Bem-estar para o Trabalho – Uma Vantagem Competitiva, Apenas Bom Senso ou a Resposta para a Real Reforma da Saúde*, publicado no site da organização, em 2014



CAMINHO DAS PEDRAS

Bem-estar no local de trabalho

Embora muitas empresas venham sendo pressionadas para cortar orçamentos, empregadores têm lançado programas de bem-estar com impressionante retorno sobre o investimento — **três dólares** para cada dólar gasto. Mas esses resultados levam algum tempo para aparecer. O maior retorno sobre o investimento das iniciativas ocorre normalmente **12 a 18 meses** após a implantação. Mesmo assim, a maioria das empresas acredita que esses projetos resultam numa série de benefícios imediatos: incentivam a produtividade, ajudam a reter os melhores talentos e se traduzem em poderosa vantagem competitiva.

A seguir, dicas da **Corporate Wellness Solutions**, empresa americana de bem-estar corporativo, elencadas no estudo *Bem-estar no local de trabalho: mais importante que nunca* (2007), para planejar e manter um programa de saúde e qualidade de vida bem-sucedido:

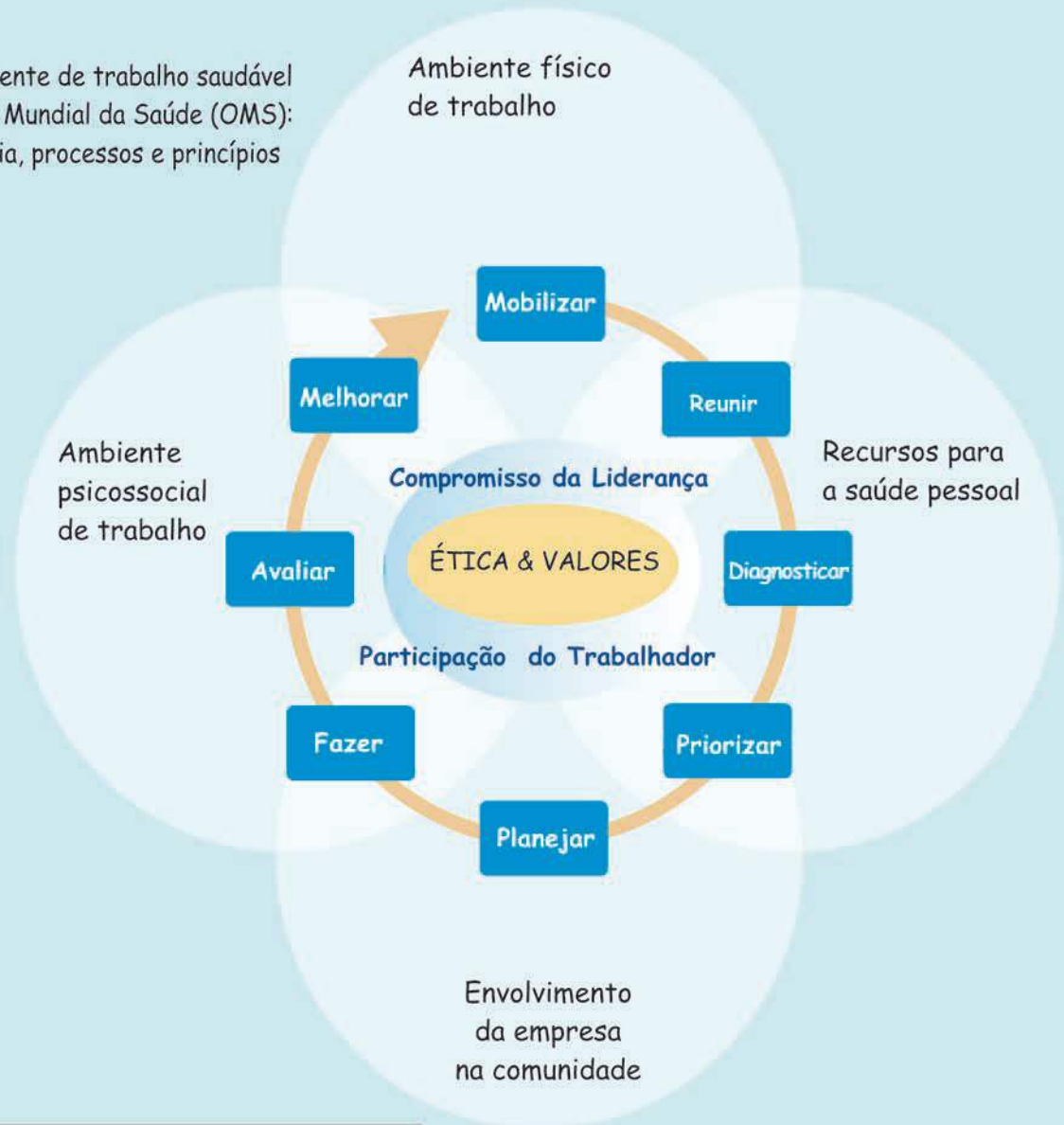
- 1. Seja fiel às metas e objetivos do programa:** faça metas SMART — Specific (específicas), Measurable (mensuráveis), Attainable (atingíveis), Realistic (realistas) e Time-bound (temporizáveis).
- 2. Atenha-se aos problemas de saúde mais importantes:** seus funcionários têm pressão alta? Estão acima do peso? A maioria tem doenças crônicas ou é uma população saudável?

- 3. Desenvolva uma boa comunicação:** uma estratégia de comunicação bem-sucedida levará as pessoas da conscientização à ação, reforçando mudanças positivas de comportamento.
- 4. Obtenha um compromisso orçamentário da direção:** o apoio do nível executivo da empresa é imperativo. Os tomadores de decisão devem entender e comprar os benefícios do programa para o bem dos colaboradores e da organização.
- 5. Considere a contratação de um consultor de bem-estar para planejar e executar um plano plurianual abrangente:** um profissional experiente trará o conhecimento necessário para que o programa apresente resultados mais rápidos. Ele também ajudará a avaliar os objetivos e a realizar os ajustes necessários para atingir as metas.
- 6. Tenha orçamento para incentivos:** os incentivos são essenciais para iniciar e manter um bom nível de envolvimento. Sem eles, a participação dos funcionários raramente ultrapassa **15%**; com eles, uma boa estratégia de comunicação e o apoio da liderança, é possível atingir de **75%** a **85%** de participação.
- 7. Avalie, de forma consistente, os resultados de promoção da saúde:** este processo permite celebrar os objetivos que foram atingidos e modificar as iniciativas de promoção da saúde menos eficazes.



SÁUDE COMO ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS

Modelo de ambiente de trabalho saudável da Organização Mundial da Saúde (OMS): vias de influência, processos e princípios essenciais



O segundo maior custo das organizações são despesas com a saúde de funcionários

Benefícios dos Programas de Qualidade de Vida para as Empresas

Profissionais Mais Saudáveis

- Faltam menos
- Mais felizes
- Produzem mais
- Sofrem menos acidentes
- Adoecem menos

Gerenciamento do Bem-estar dos Funcionários

- Controle de custos com a saúde
- Melhor desempenho



NO RADAR

Saúde e reconhecimento

Em 1998, a Philips deu início no Brasil à construção de um Programa de Saúde e Qualidade de Vida, repaginado em 2010, quando ganhou o nome de Vida Leve, que disponibiliza várias ferramentas para ajudar os funcionários a cuidar da própria saúde e a buscar o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, estimulando-as também a conciliar o cuidado do corpo e da mente com momentos de lazer com a família e amigos e a desenvolver a espiritualidade. Em 2011, o programa representou um investimento de R\$ 600 mil.

Em vista dos benefícios oferecidos aos colaboradores, a empresa apareceu em 2012 entre as TOP 5 na categoria Promoção da Saúde do ranking TOP OF MIND de RH, realizado há 17 anos pela Fênix Editora, empresa especializada em mídias para o segmento de Recursos Humanos.

Segundo Cristiane José, gerente de RH, Saúde e Bem-Estar da Philips, o Vida Leve contempla, entre outros, ambulatório médico, plano médico e odontológico, convênio-farmácia, seguro de vida, programa de alimentação saudável e de atividade física, além do Espaço Mais Vida, área diferenciada para relaxamento e meditação com massagens terapêuticas.



CORRELAÇÃO ENTRE CULTURA DE SAÚDE E DESEMPENHO NO TRABALHO

Todo empregador procura maneiras de ampliar o sucesso dos negócios. Melhorar a saúde da força de trabalho está se tornando uma parte importante da estratégia das organizações. De acordo com pesquisa realizada pelo **Integrated Benefits Institute**, o compromisso de uma empresa para com a cultura de bem-estar está fortemente relacionado com o desempenho profissional do colaborador, que, nesse ambiente diferenciado, dedica mais tempo ao trabalho, tem mais cuidado e apresenta maior concentração. Em um dos estudos, que ouviu **1.268 funcionários em 53 organizações**, identificou-se uma relação estatisticamente significativa entre a cultura de saúde da organização e o desempenho no trabalho. Dos que trabalham em organizações com fraca cultura de saúde: 1) afirmaram

não ser cuidadosos no trabalho **três vezes mais** do que quem atua numa empresa com forte cultura de saúde; 2) mais de **40%** informaram não trabalhar com a frequência devida; 3) mais de **30%** relataram não se concentrarem “sempre” ou “na maioria das vezes”; 4) apresentam menores resultados no trabalho. Quando os empregadores entendem que fatores organizacionais influenciam não só na saúde dos seus trabalhadores, mas também no seu desempenho e contribuição para a empresa, passam a tomar medidas para melhorar a qualidade de vida de seus colaboradores independentemente da função que exercem.

Thomas Parry, presidente do Integrated Benefits Institute (IBI), no artigo *A Culture of Health Creates Competitive Advantage*, publicado no *ebn.benefitnews.com*, em 2014





ECOLOGIZAÇÃO DA SAÚDE

Ambientes empresariais e industriais devem ter 'saúde ecológica'. Os edifícios verdes, a renovação e o redirecionamento das instalações com foco predominantemente na eficiência dos recursos e na contenção de gastos impactam positivamente a segurança e a saúde dos funcionários. Por exemplo, o esforço da empresa Kaiser para adquirir tapetes não recobertos com vinil rendeu um produto inovador com menor custo e inúmeros benefícios. Além de não colocar em risco a saúde dos trabalhadores e das pessoas que vivem perto de suas instalações de produção de vinil, o novo suporte é feito de materiais reciclados, é anti-microbiano, dá mais conforto aos pés e reduz lesões no joelho e possíveis reclamações. A promoção de ações mais concretas para uma vida profissional ativa e novos hábitos de



transporte estão se proliferando. Um bom exemplo é o Programa de Sustentabilidade Pessoal do Walmart, nos Estados Unidos, que fornece toda infraestrutura de apoio necessária para que os colaboradores atinjam seus objetivos. Pequenas companhias, como a ClifBar & Company (empresa americana que produz alimentos orgânicos e bebidas para pessoas que praticam atividade física), fornecem subsídios como bicicletas, disponibilizam tempo e instalações para exercícios físicos e apoiam ações ambientais e comunitárias.

Rod Falcon e Miriam Luech, do Institute for The Future (ITF), na pesquisa "Ecologização" da Saúde – A Convergência entre Saúde e Sustentabilidade, de 2009



SAÚDE NA ECONOMIA VERDE

São requisitos para uma força de trabalho saudável: 1) medição mais sistemática e elaboração de relatórios sobre a saúde dos trabalhadores para ajudar a reduzir acidentes de trabalho, doenças e mortes. Em 2011, estima-se que **2,3 milhões** pessoas morreram em acidentes de trabalho ou devido a doenças relacionadas ao trabalho; 2) atuação em conformidade com a segurança no trabalho, baseada em normas de saúde nacionais e por setor, para dar suporte à transição para uma economia verde; 3) monitoramento do progresso sobre a implementação e ratificação de convenções internacionais do trabalho,

abrangendo as políticas de segurança e saúde no trabalho e serviços de saúde ocupacional, para melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores.

Organização Mundial da Saúde, na pesquisa Medindo Ganhos de Saúde a partir do Desenvolvimento Sustentável – Cidades Sustentáveis, Alimentação, Empregos, Água, Energia e Gestão de Desastres, publicada em 2012



INDICADORES CORRELATOS

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Indicadores de Performance de Práticas Trabalhistas e Trabalho Decente

- ◆ LA7: Taxas de lesões, doenças ocupacionais, dias perdidos e absenteísmo e número de doenças relacionadas ao trabalho por região.
- ◆ LA9: Tópicos de saúde e segurança presentes em acordos formais com sindicatos.

Indicadores de Performance Ambiental

- ◆ EN4: Consumo indireto de energia proveniente de fonte primária.

Indicadores de Performance de Direitos Humanos

- ◆ HR7: Operações identificadas como de riscos significativos para incidentes de trabalhos compulsórios ou forçados, e medidas para contribuir para a eliminação do trabalho forçado ou compulsório.

GLOBAL COMPACT

- ◆ Princípio 1: As empresas devem apoiar e respeitar a proteção dos direitos humanos reconhecidos internacionalmente.
- ◆ Princípio 2: Certificar-se de que não são cúmplices em abusos dos direitos humanos.

PARA SABER MAIS



1. Programas de Bem-estar no Trabalho — Uma Vantagem Competitiva: <http://newstandard.com/wellness-programs-for-the-workplace-a-competitive-advantage-just-good-sense-or-the-answer-to-real-healthcare-reform/>
2. Benefícios de uma Cultura da Saúde: <http://ebn.benefitnews.com/blog/ebviews/a-culture-of-health-creates-competitive-advantage-2740129-1.html>
3. Ecologização da Saúde: http://www.iftf.org/uploads/media/SR-1215%20green%20health%203.27jr_sm.pdf
4. Saúde na Economia Verde — Organização Mundial da Saúde: http://www.who.int/hia/green_economy/sustainable_development_summary2.pdf?ua=1





Saúde e sustentabilidade dentro e fora das empresas

Atualmente, observamos as empresas despertarem para a gestão do ativo “pessoas” de maneira estratégica e sustentável. A sustentabilidade deixou de ser somente uma forma eficaz de gerir o econômico, o social e o ambiental com foco em *stakeholders* externos e passou a ter um peso significativo no clima organizacional e na qualidade de vida no trabalho e fora dele para os profissionais que ajudam a construir os resultados, a imagem e a reputação das empresas.

O movimento teve início nos anos 50, quando o médico americano Halbert Dunn começou a utilizar o termo *High-Level Wellness* (Nível Elevado de Bem-estar) em palestras no estado de Virgínia, nos Estados Unidos. Mais tarde, em artigo publicado em 1961, ele define o termo *wellness* como um “método integrado de funcionamento que é orientado para maximizar o potencial do indivíduo. Isso requer que o indivíduo mantenha um equilíbrio contínuo com intenção de interação com o meio onde está inserido”.

Só a partir dos anos 70, contudo, o conceito moderno de *wellness* se tornaria popular, conforme a definição do **National Wellness Institute** de Singapura: processo consciente ativo na tomada de decisão para uma existência de sucesso, consistindo em um estado que combina saúde e felicidade.

A ergonomia, por sua vez, vem contribuindo de forma significativa com os avanços do tema, pois envolve um conjunto de ciências e tecnologias que procura a adaptação confortável e produtiva

entre o ser humano e sua atividade profissional, basicamente adequando condições de trabalho às características dos colaboradores.

Não há mais nenhuma dúvida: profissionais saudáveis geram empresas produtivas. E isso as torna também mais atrativas. Como inserir, portanto, a promoção da saúde e qualidade de vida na estratégia da empresa sem comprometer sua eficiência competitiva?

“Não há mais nenhuma dúvida: profissionais saudáveis geram empresas produtivas. E isso as torna também mais atrativas.”

A resposta está em gerir de forma estruturada o contexto “saúde” nas organizações. Isso implica prioritariamente estarmos atuando numa organização com sólida cultura de segurança, onde a integridade física e a saúde dos profissionais são entendidas como “valor”.

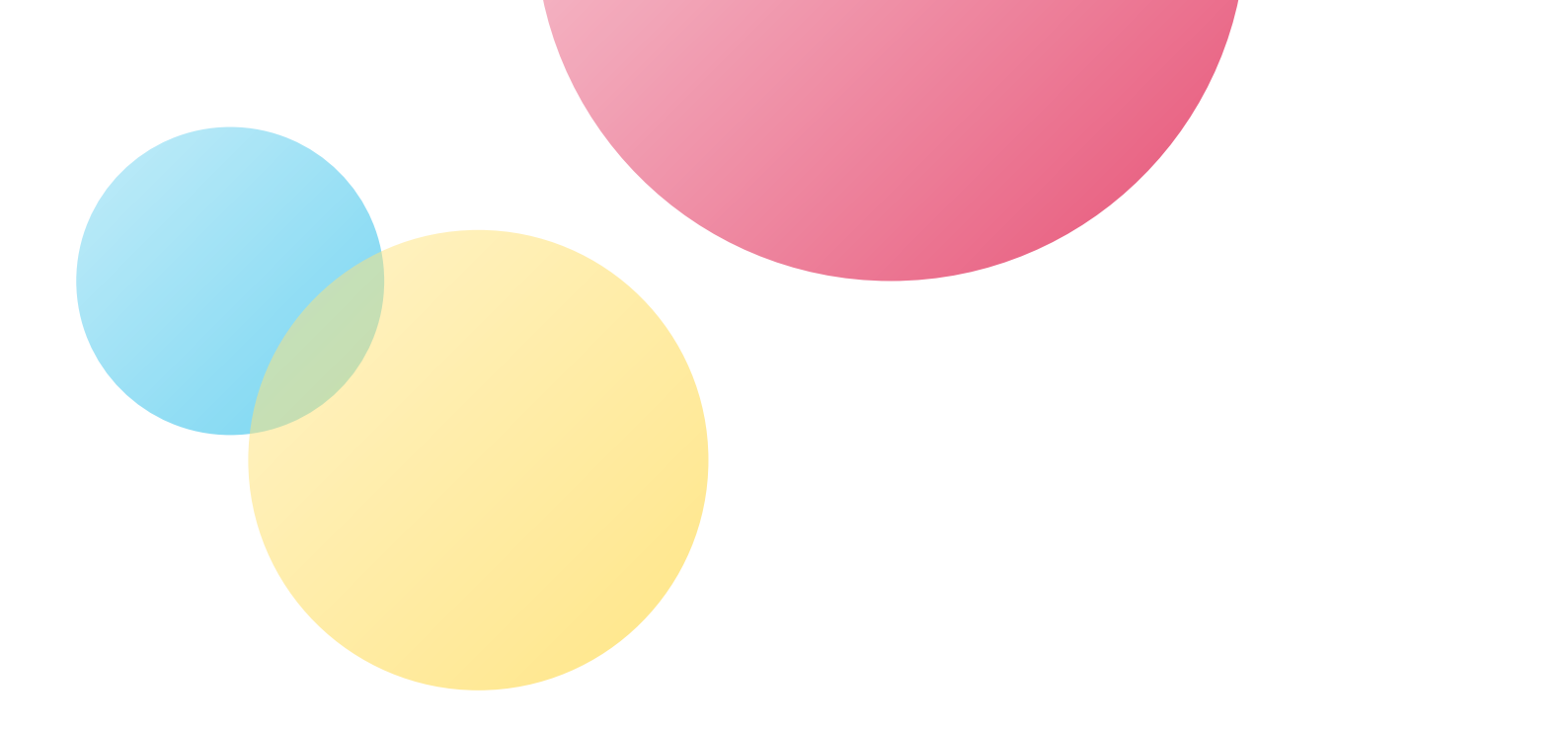
Uma vez nesse ambiente livre de acidentados, podemos centralizar os esforços

no estudo de nossa população e na gestão dos vários recursos usualmente disponibilizados pelas empresas de ponta, tais como:

- 1) Plano de assistência médico-odontológica
- 2) Programa de Promoção da Saúde e Qualidade de Vida
- 3) Convênio-farmácia
- 4) Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO)
- 5) Ergonomia
- 6) Ginástica laboral
- 7) Apoio psicológico
- 8) Outros (por exemplo, terapias alternativas no ambiente de trabalho, como Shiatsu e acupuntura)

O termo **Gestão Integral da Saúde Corporativa** tem ganhado espaço e representa o grande desafio dos gestores em promoção da saúde e qualidade de vida, pois tende a integrar todas as informações obtidas em cada um dos tópicos anteriores para que haja uma adequada utilização dos recursos disponibilizados para o bem-estar dos profissionais, sem desperdícios.

Como utilizar as várias informações hoje disponíveis em todos esses benefícios, ações e programas de forma a ter uma visão holística da saúde dos colaboradores? O desafio dos gestores envolvidos em promoção da saúde e qualidade de vida está em fazer com que haja uma total interação entre todos esses quesitos para que o investimento das empresas faça sentido e favoreça a construção de um ambiente saudável. A identificação dos chamados grupos de risco e a



abordagem direcionada para cada um deles por meio dos recursos existentes é a meta a ser buscada.

Uma adequada Gestão Integral da Saúde Corporativa pressupõe que todos os investimentos em prevenção e bem-estar reflitam diretamente em:

- a) Diminuição da sinistralidade dos planos de saúde
- b) Utilização racional do convênio-farmácia
- c) Correta abordagem semiológica na investigação de patologias por meio de profissionais de reconhecida capacitação técnico-profissional (rede referenciada)
- d) Utilização racional dos recursos diagnósticos mais sofisticados,

“O desafio dos gestores envolvidos em promoção da saúde e qualidade de vida está em fazer com que o investimento das empresas faça sentido e favoreça a construção de um ambiente saudável.”

da saúde ocupacional e da qualidade de vida, ou seja, o cruzamento dos dados obtidos no PCMSO com os dados de uso do convênio-farmácia, visando à adesão ao tratamento das doenças crônicas e uso dos recursos do plano de saúde

A medicina evolui de forma significativa, mas as novas técnicas e equipamentos a tornam cada vez mais onerosa e proibitiva devido ao elevado custo envolvido. Lembro-me bem dos primeiros ensinamentos em semiologia médica na faculdade de Medicina, quando nossos mestres reforçavam constantemente a seguinte expressão: “A clínica é soberana.” E estamos falando de apenas 30 anos atrás! Porém, eram tempos em que não havia a disponibilidade usual de exames de ultrassonografia nem existiam tomografia computadorizada ou ressonância magnética.

A expressão citada reforçava a necessidade do profissional em formação de estabelecer uma boa relação médico-paciente e chegar ao diagnóstico mediante uma minuciosa anamnese e exame físico, utilizando os meios complementares de diagnóstico somente para confirmação da hipótese. Olhando-se pelo vértice da gestão da saúde, faz-se essencial que a gama de recursos oferecida hoje em dia seja utilizada de forma racional e visando otimizar o diagnóstico de patologias sem necessariamente onerar o sistema. Isso passa por uma reeducação do uso do plano de assistência médica que representa um dos maiores desafios dos gestores de planos de saúde empresariais

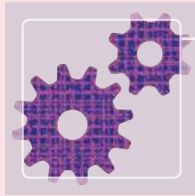
e — por que não? — para todos os que se utilizam da medicina privada, pois em um futuro próximo, se continuarmos com as práticas atuais, será muito difícil conseguir se associar a um plano de saúde que não seja subsidiado.

“A reeducação do uso do plano de assistência médica representa um dos maiores desafios dos gestores de planos de saúde empresariais e — por que não? — para todos os que se utilizam da medicina privada.”

À medida que avançarmos na conscientização das pessoas de que viver bem é o mais importante, talvez consigamos demonstrar o quanto a promoção da saúde é estratégica para a sustentabilidade em qualquer ramo de negócio. ■

Gerson Nogueira é médico e gerente corporativo de Higiene, Segurança e Medicina do Trabalho da Fibria.

5



DESAFIO

Gestão de impactos

GERIR RIGOROSAMENTE OS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NOS CICLOS DE PRODUÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE DEVE SER UM IMPERATIVO PARA O SETOR - ISSO RESULTA EM BENEFÍCIOS PARA A SAÚDE DAS PESSOAS; GERA GANHOS ECOLÓGICOS, EM RAZÃO DO USO CORRETO DE RECURSOS E AO DESCARTE ADEQUADO DE RESÍDUOS; E GANHOS ECONÔMICOS, DEVIDO À MAIOR EFICIÊNCIA EM PROCESSOS, À ECONOMIA DE CUSTOS E AO AUMENTO DO INTERESSE DE INVESTIDORES

Responsabilidade socioambiental, cuidado em toda a cadeia

Se, por um lado, a assistência médico-terapêutica promove o bem-estar da população, por outro, pode resultar em implicações negativas sobre o meio ambiente, em vista do descarte irresponsável de produtos e rejeitos, por exemplo. Tem-se, portanto, um paradoxo: o mesmo sistema que, por definição, cuida de vidas, pode agredir a natureza e, com isso, gerar riscos para a sociedade. Em resposta a esse dilema, inúmeros serviços de saúde vêm adotando mudanças para priorizar equipamentos ecologicamente corretos e gerenciar materiais usados nas instalações e operações, reduzindo ou eliminando os seus impactos

IMPACTOS NO TRIPLE BOTTOM LINE

- A gestão rigorosa da cadeia de valor implica padrões de qualidade que garantem a proteção da saúde e a segurança tanto dos pacientes quanto dos profissionais da saúde

- O uso de processos e produtos ecologicamente corretos por toda a cadeia de valor da saúde potencializa ganhos ambientais, como descarte adequado do lixo hospitalar, reciclagem e metas claras de redução de emissões de poluentes

SOCIAL

AMBIENTAL

ECONÔMICO

- A mensuração de processos traz como resultado um controle mais eficaz sobre os gastos do setor, como energia e água
- A transparência no segmento, com a publicação de relatórios de sustentabilidade, por exemplo, rende ganhos de imagem que se convertem em valorização dos serviços, além de elevar o interesse de acionistas

Há em todo o mundo **16.181** relatórios de sustentabilidade baseados no modelo **Global Reporting Initiative**. Deste total, em 2014, **28** foram os elaborados por empresas do setor de serviços de saúde, e **31**, do setor de produtos para cuidados da saúde. Não sem razão, muitos especialistas ouvidos pelo **NEXT** consideram o setor ainda atrasado em relação à gestão da sustentabilidade.

De acordo com o relatório do **Carbon Disclosure Project**, *Health Care Sector Report*, de 2011, o setor de saúde está atrás dos demais na aplicação de **cinco entre oito** requisitos de boas práticas ambientais — redução de emissões com atividades de controle de gestão sênior; implementação de metas de redução de emissões; progresso em direção ao atingimento de metas; divulgação de informações de mudança climática; verificação de emissões; incentivos monetários; e integração de riscos ou oportunidades de mudanças climáticas em estratégias globais de negócios. Apenas nos três primeiros o setor da saúde registrou avanços comparativos.

O **Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido (NHS)** implantou planejamentos estratégicos de sustentabilidade em cerca de **1.500** hospitais a fim de diminuir a emissão de carbono. A meta da instituição, responsável pela emissão de **18 milhões** de CO₂ por ano, é reduzir a taxa em **10%** até 2015.

O **Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia**, primeiro hospital federal a se integrar à rede internacional **First Care Without Harm**, que reúne hospitais preocupados em manter instalações modernas e sustentáveis, aboliu o uso de mercúrio dos instrumentos de medição e reduziu para **11%** o resíduo biológico, que chegava a **30%** do lixo.

Segundo pesquisa realizada em 2012 pelo *Grupo de Trabalho Práticas de Sustentabilidade* da **Associação Nacional de Hospitais Privados (Anaph)** com **25** membros respondentes, **96%** deles afirmam mensurar regularmente a quantidade de resíduos gerados, e **88%** têm algum programa de vistoria nas empresas responsáveis pelo tratamento e destinação dos resíduos.

Impossível falar em gestão de impactos socioambientais na saúde sem considerar a Política Nacional de Resíduos Sólidos — que estabeleceu cinco grupos de trabalho temáticos e, entre eles, os medicamentos —, transparência, responsabilidade social, redução de emissões, segurança de funcionários e das comunidades, bem como mensurar impactos e ações para sua minimização ou eliminação.

O **Hospital Sírio-Libanês** investiu na construção de um edifício nos padrões de certificação LEED Gold, com central de água gelada que consome **40%** menos energia que o sistema anterior e com aquecimento de água por meio da utilização conjunta de sistema solar, bomba de calor, gás natural e energia elétrica automatizados, que proporciona resultados **30%** mais eficientes que o sistema convencional. Já o **Hospital Albert Einstein** pôs em prática ações para reduzir seus impactos ambientais. No início de 2012, adquiriu dois redutores de resíduos orgânicos, capazes de processar cerca de **800** quilos de lixo por dia, e instalou dois equipamentos de autoclave para tratar **3,3** toneladas de resíduos infectantes produzidos diariamente.

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

DESENVOLVENDO UM PROGRAMA DE GESTÃO DE RISCOS

Para que um programa de gestão de riscos atinja seu objetivo, devem ser considerados diversos componentes-chave. Compromisso organizacional, isto é, aceitação das regras e suporte para aspectos do programa pelos vários níveis de liderança, começando pelo conselho, é uma necessidade. O objetivo final é integrar componentes da gestão de risco, sistemas e estratégias dentro da cultura organizacional geral de segurança. O acesso a todos os níveis da organização, com responsabilidades definidas e identificação de recursos, é também parte da estrutura inicial de formação. Nenhum programa de gestão de risco pode funcionar em isolamento. Médicos frequentemente percebem que o envolvimento na gestão de riscos depois que

um evento ocorreu apenas piora as coisas ou que a única motivação é minimizar custos. Frequentemente, programas de gestão de risco são vistos como reativos a crises em vez de ser proativos em criar uma cultura segura.

Sheila Hagg, diretora sênior de Gestão de Riscos da Christus Health, e Jane McCaffrey, ex-presidente da Sociedade Americana para a Gestão de Riscos na Saúde, no livro *Risk*



***Management Handbook for Health Care Organizations*, de 2009**

CULTURA GERENCIAL DE VALOR

Programas de sustentabilidade têm o potencial de reduzir custos ao mesmo tempo em que protegem os pacientes e a equipe, além de elevar a qualidade da saúde pública e do bem-estar. Por exemplo: muitas vezes, a comida fornecida em hospitais poderia ter um custo mais baixo se favorecesse os produtores e fornecedores locais, já que os gastos com o transporte seriam menores. Existem ações que podem ser estimuladas na tentativa de



NO RADAR

Por um setor sustentável de saúde

A Practice Greenhealth é uma organização sem fins lucrativos americana fundada nos princípios de gestão ambiental e melhores práticas na comunidade de saúde. Ela desenvolve soluções ambientais para o setor e oferece assistência para criar locais de trabalho mais ecológicos e seguros. Além disso, agrupa entre seus membros hospitais, fornecedores, empresas de arquitetura, engenharia e design, e instituições sem fins lucrativos, entre outros. A organização conta com uma ampla variedade de ferramentas e oportunidades educacionais que podem tornar a indústria da saúde mais ecológica, como a **Greenhealth Tracker**, que ajuda a gerenciar o lixo produzido e a demonstrar às instituições quantos milhares de dólares são gastos com a disposição final, a fim de que elas organizem informações para cada tipo de resíduo gerado.



Segundo a última Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, de 2011, uma em cada cinco cidades brasileiras despeja material hospitalar usado sem nenhum tipo de tratamento em lixões e aterros sanitários



preparar o ambiente para uma cultura sustentável. Para diretores e gerentes de instituições da saúde, a primeira atitude a ser tomada é identificar que há um valor pessoal pelo qual cada indivíduo se sustenta e, então, compartilhá-lo com seus colaboradores. É preciso acreditar, pessoal e profissionalmente, que isso é a coisa certa a se fazer em nome da empresa. As pessoas não gostam de mudar seu comportamento e a única forma pela qual se dispõem a fazê-lo é se sentindo parte da solução.

Carrie Rich, coautora do livro *Sustainability for Healthcare Management – A Leadership Imperative*, de 2012, escrito conjuntamente com J. Knox Singleton e Seema



S. Wadhwa, em entrevista ao NEXT

RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA NA SAÚDE

A indústria da saúde possui uma variedade de desafios, dos quais muitas pessoas não entendem completamente. Questões como regulação rigorosa, períodos de trabalho intensos da prática de cuidados, avanços tecnológicos de alto custo, implementação de padrões de qualidade internacional e substancial

dependência comunitária classificam essa indústria como uma das mais difíceis operacionalmente. A implantação

da Responsabilidade Social Corporativa pode destacar a performance de hospitais de maneira transparente e ajudar o



CAMINHO DAS PEDRAS

Respondendo aos stakeholders

Em seu relatório *A New CSR Frontier: Business and Population Health*, de 2013, a *Business for Social Responsibility*, rede que busca diminuir impactos socioambientais por meio da parceria com empresas de grande influência, aponta quatro fatores críticos para enfrentar o desafio da crescente expectativa de *stakeholders*, principalmente do setor privado, em relação à melhoria da saúde da população. São eles:

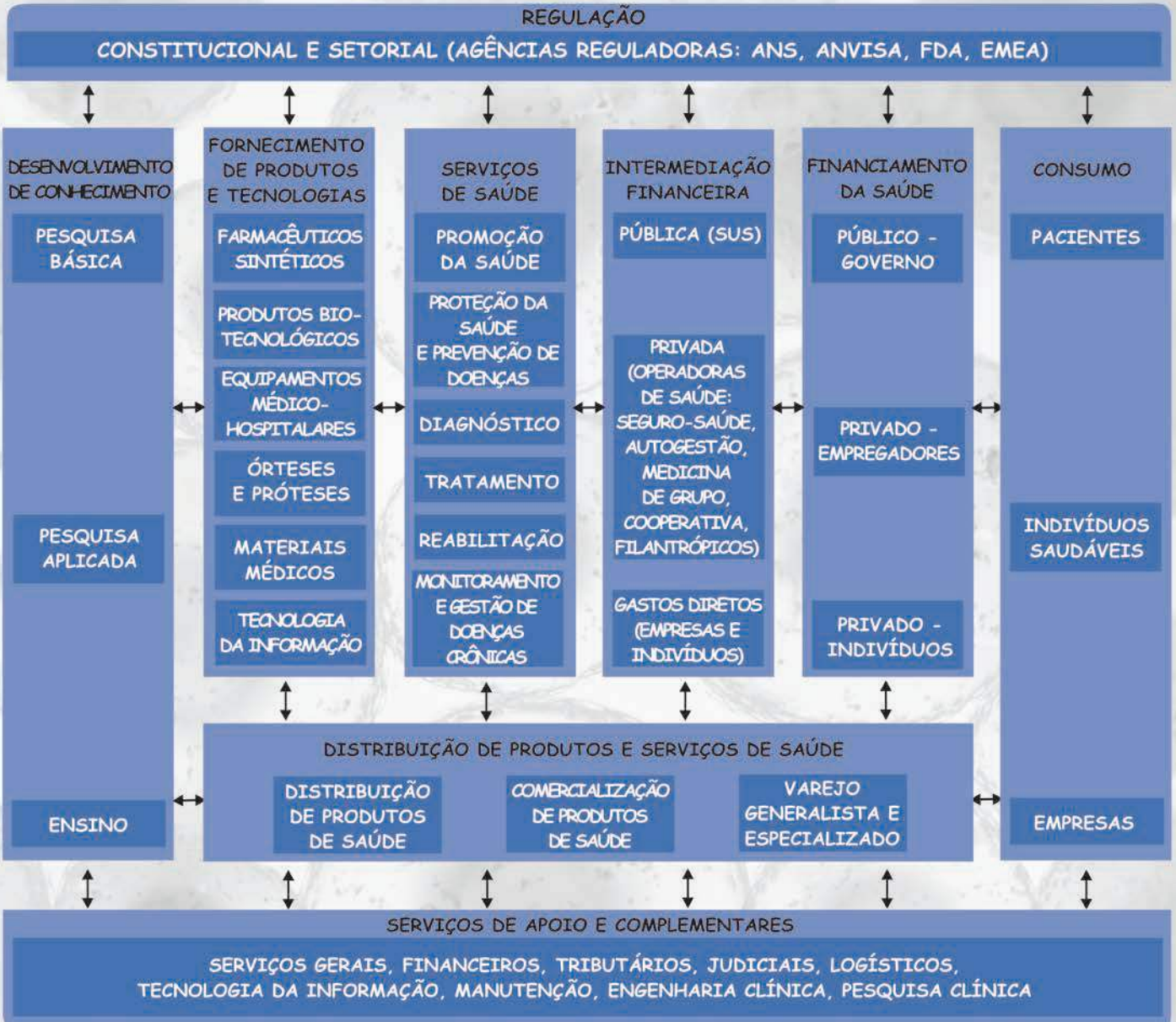
- 1. Reformular a saúde e o bem-estar como uma questão mais ampla de stakeholder e de cadeia de valor:** novas oportunidades de negócios e prioridades podem surgir enquanto uma empresa desenvolve um entendimento mais holístico de como a saúde e o bem-estar estão conectados com outros importantes desafios sociais e ambientais, bem como com desafios empresariais.
- 2. Ver os stakeholders da instituição como parceiros-chave na abordagem dos maiores desafios sistêmicos da saúde da população:** identificar e guiar novas

oportunidades e potenciais parceiros para fortalecer o engajamento corporativo na saúde e bem-estar ao longo da cadeia de valor.

- 3. Usar indicadores de desempenho (Key Performance Indicators – KPIs) mensuráveis e ser transparente sobre eles nos relatórios da empresa:** identificar os KPIs (inclusive para grupos que tenham recebido menos ênfase no passado, como fornecedores e comunidades locais) e os objetivos para mensurar e descrever os impactos e esforços da empresa voltados para a saúde e o bem-estar.
- 4. Estabelecer uma rede de saúde interfuncional que aproveite os recursos em toda a empresa para melhorar seus resultados de bem-estar:** essa rede interna (por exemplo, um comitê) pode fornecer a estrutura e o mecanismo para identificar e listar as principais lacunas e oportunidades de saúde e bem-estar da empresa e da cadeia de valor, além de promover e integrar uma agenda de prevenção dentro de uma agenda mais ampla de RSC.



CADEIA DE VALOR DA SAÚDE



Fonte: As quatro dimensões competitivas da saúde, Ana Maria Malik e Marcelo Caldeira Pedrosa, 2011



ALGUNS IMPACTOS	COMO GERENCIAR	FERRAMENTAS DE GESTÃO
AMBIENTAIS - Emissões - Geração de resíduos - Desperdício de água e energia	Separação e tratamento do lixo hospitalar, uso de tecnologias limpas, eficiência energética, programas de vistorias nas empresas prestadoras de serviços	GRI GHG Protocol ACV (Análise de Ciclo e Vida) ISO 14000
ECONÔMICOS - Desperdício de 20% a 40% de todos os gastos em saúde por ineficiência, segundo a OMS - Gastos reduzidos com prevenção geram custos elevados com o tratamento de doenças	Mensuração de resultados e identificação de gargalos, publicação de relatórios para acompanhamento de stakeholders e acionistas, treinamento de funcionários sobre economia de recursos e conscientização de pacientes para a saúde preventiva	GRI Indicadores-chave de Desempenho (KPIs) Canvas Balanced Scorecard Sustainability Scorecard
SOCIAIS - Altos custos dos serviços de saúde limitam o acesso dos setores mais pobres da sociedade - Atendimento públicos de baixa qualidade	Investimentos em saúde pública, otimização de custos e responsabilidade social das instituições privadas para facilitar o acesso da população de baixa renda a serviços de saúde qualificados	GRI ISO 26000 SA 8000 Indicadores-chave de Desempenho (KPIs)



Quais impactos vêm junto com a escolha por determinado hospital?

O conceito de saúde se assemelha ao conceito de Avaliação de Ciclo de Vida na medida em que ambos têm como elemento central o ser humano, os efeitos sobre ele e a partir dele para o sistema que o cerca. Para se realizar um estudo de Avaliação de Ciclo de Vida de um produto ou serviço, é necessário conhecer todos os seus insumos e os insumos dos seus insumos e assim por diante, até o elemento mais básico encontrado na natureza e todos os efeitos das transformações de cada um dos insumos em cada um desses produtos ao longo da imensa cadeia, antes e depois de quem se está considerando, isto é, do berço ao túmulo dele (ou novamente ao berço, caso o produto seja reciclado e ele todo — ou suas partes — voltem a integrar um novo Ciclo de Vida).

O mesmo se dá ao optar por um serviço de saúde. Não se compra apenas o serviço em si, mas também tudo o que foi necessário para que ele pudesse ocorrer e tudo o que dele advém, sejam resíduos, efeitos ou coprodutos. Sendo assim, ao se escolher um hospital para atendimento, escolhe-se uma série de produtos, serviços e efeitos que podem ser reunidos em sete grupos, conforme aponta a **Fundação Espaço ECO®**, especialmente para o NEXT:

1. Profissionais (não só) de saúde: é o insumo mais óbvio, mas nem sempre conhecido em seu todo. Há atendentes, recepcionistas, profissionais de enfermagem, motoristas de ambulâncias, equipes de limpeza e conservação das edificações, estoquistas, médicos, estudantes, administradores, além de toda uma cadeia de serviços e profissionais necessária

antes e depois do atendimento de saúde, que é estimulada ou criada pela simples instalação de um hospital em uma localidade.

2. Tecnologia: os produtos, remédios, instrumentos, equipamentos de diagnóstico e até mesmo as instalações são fruto de milhares de horas de estudo e desenvolvimento tecnológico de milhares de profissionais ao redor do mundo, para que o atendimento seja o mais rápido e imperceptível possível e o tempo de recuperação, o menor possível. Intervenções cada vez menos invasivas e geração de resíduos cada vez menor são dois dos efeitos mais imediatos da tecnologia.

3. Investimento: os hospitais ou redes de serviços de saúde são cada vez mais parecidos com uma empresa e muitos recebem recursos privados de investidores que têm retorno sobre seu capital por meio de retorno financeiro propriamente dito ou de ações sociais associadas à mesma instituição. Também há o investimento em novos produtos e serviços para esses hospitais, bem como o recrutamento, treinamento e capacitação dos profissionais envolvidos.

4. Emissões: para que seja realizado o atendimento, todos os equipamentos e pessoas precisaram ser levados até o local. O próprio paciente foi até o local para ser atendido, ou seja, é o responsável por emissões de gases de efeito estufa. O diagnóstico que precisa ser repetido não só gera tempo perdido, mas gastos de produtos sem efeito, ou seja, desnecessários. Também para o funcionamento do ambiente de atendimento, foi

necessária energia, que vem da rede local, que, por sua vez, é conectada ao Sistema Nacional, formado não só por hidrelétricas, mas também por usinas nucleares, solares, eólicas e termoeletricas.

5. Retirada de recursos da natureza: muitas vezes, recursos raros e de extração cara, como o silício ou metais nobres, são utilizados na fabricação de instrumentos ou para a realização de diagnósticos, parte necessária e fundamental de todo o processo de atendimento feito em um hospital/serviço de saúde.

6. Água: muita água é consumida no processo de fabricação, transporte e destinação final dos produtos e serviços envolvidos nos atendimentos de saúde. É água para lavagem e higienização dos locais, equipamentos e profissionais envolvidos no atendimento, bem como para os processos de descarte e tratamento dos resíduos gerados.

7. Terra: é utilizada uma grande extensão de terra para a produção e descarte de todos os materiais envolvidos nos atendimentos. Para fazer as folhas de papel das receitas ou das bulas de remédios, por exemplo, foram necessárias áreas imensas para a extração dos fertilizantes e também para o plantio das árvores que, depois, foram processadas em outras áreas das fábricas de celulose, que se somam às das transportadoras e distribuidoras de papel e que comercializaram cada uma das folhas utilizadas.

Emiliano Graziano, gerente de Ecoeficiência da Fundação Espaço ECO®

setor da saúde a se envolver em questões sociais e ambientais, que tenderiam, por sua vez, a melhorar a reputação e intensificar o engajamento de *stakeholders*, ao tornar seus indicadores de performance disponíveis para o público.

Sherif H. Tehemar, consultor maxilo-facial e diretor do Departamento Dental do Hospital Dr. Soliman Fakeeh (DSFH), Arábia Saudita, no artigo *Responsabilidade Social Corporativa na Saúde*, publicado no site healthworkscollective.com, em 2012



IMPACTOS PARA SAÚDE E BEM-ESTAR POR MEIO DA CADEIA DE VALOR

Existem muitas maneiras de impactar a saúde e o bem-estar por meio da cadeia de valor. Por exemplo, no estágio de Pesquisa e Desenvolvimento, as empresas poderiam fornecer uma visão de saúde e bem-estar para as linhas de ações da área em operação, reunindo especialistas internos e externos junto da equipe de P&D e design para obter insights de mercado, identificar futuras tendências e desenvolver sugestões de produtos. Na área de Abastecimento e Matéria-prima, há

oportunidade de as empresas reverem seus padrões e práticas na fabricação terceirizada, a fim de assegurar a saúde e o bem-estar dos empregados envolvidos. Em Manufatura e Produção, seria viável rever os impactos sociais e ambientais locais das operações em relação às práticas estabelecidas.

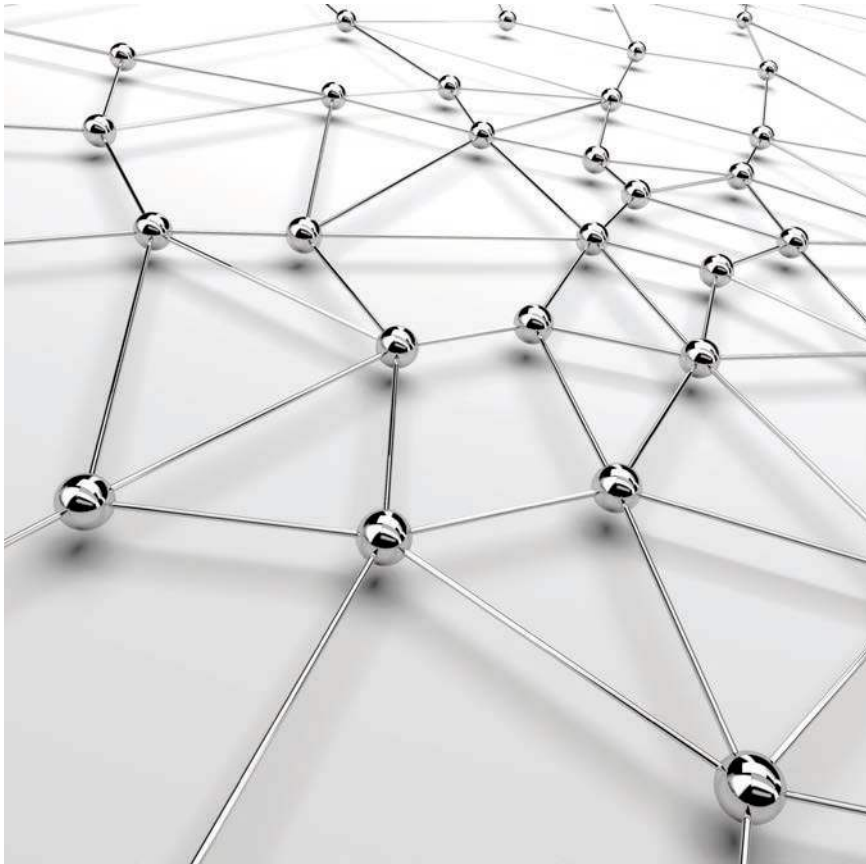
Business for Social Responsibility (BSR), no estudo *A new CSR Frontier: Business and Population Health – Mobilizing CSR to Strengthen Corporate Engagement on Health and Wellness across the Value Chain*, de 2013





Anuncie em Ideia Sustentável (mídia impressa e online) e converse com uma rede de 50 mil formadores de opinião em sustentabilidade. Saiba como em

www.ideiasustentavel.com.br



INDÚSTRIA DA SAÚDE E MEIO AMBIENTE

Mesmo sem considerar as especificidades do tipo de poluentes emitidos, a indústria da saúde pode ser considerada ambientalmente importante apenas por suas próprias características estruturais, tais como: **a) volume de**

produção e consumo — o setor da saúde movimenta, apenas nos sistemas público e suplementar, cerca de **5% a 6%** do Produto Interno Bruto brasileiro, dos quais estima-se que **60%** sejam gastos com pessoal, enquanto o restante se reverte em consumo de produtos, energia, água, equipamentos e tecnologia, implicando vários possíveis impactos ao meio ambiente (dados de 2005); **b) diversidade e complexidade de produtos que oferece** — um hospital médio executa rotineiramente milhares de diferentes procedimentos e utiliza de forma integrada as mais variadas tecnologias que estão em constante evolução. Efluentes químicos, gases, radiações e campos eletromagnéticos são algumas das emissões relativamente comuns em serviços de saúde; **c) distribuição geográfica extremamente descentralizada** — praticamente todas as cidades do país têm ao menos um pequeno hospital ou pronto-socorro. Isto significa que não são desejáveis grandes centralizações na oferta de serviços de saúde, exceto para serviços muito especializados;

d) consumo imediato — como a maioria dos serviços, não é possível estocar atendimentos ou mesmo prever com precisão a demanda, o que exige maior disponibilidade da estrutura, refletindo em maior consumo de insumos.

Vital de Oliveira Ribeiro Filho, coordenador do Programa Estadual de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde do Centro de Vigilância Sanitária da Secretaria da Saúde do



Estado de São Paulo, na dissertação *Gestão Ambiental na Indústria da Saúde no Brasil: A Gestão da Cadeia Produtiva em Favor da Sustentabilidade Ambiental*, de 2005

INDICADORES CORRELATOS

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

6: Assegurar a disponibilidade e a gestão sustentável de água e saneamento para todos.

- ◆ 6.6: Até 2020, proteger e restaurar ecossistemas relacionados com a água, incluindo montanhas, florestas, pantanais, rios, aquíferos e lagos.
- ◆ 6.6b: Apoiar e fortalecer a participação de comunidades locais para o melhoramento da gestão da água e saneamento.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE

Indicadores de Performance de Responsabilidade sobre Produtos

- ◆ PR1: Estágios de ciclo de vida em que os impactos de saúde e segurança dos produtos e serviços são avaliados para seu melhoramento e porcentagem de categorias de produtos e serviços significantes, relativos a tais procedimentos.

Indicadores de Performance de Práticas Trabalhistas e Trabalho Decente

- ◆ LA6: Porcentagem do total de trabalhadores representados por gestões conjuntas formais — comitês de saúde e segurança do trabalho que ajudam no monitoramento e aconselhamento de programas de segurança e saúde ocupacional.

Indicadores de Performance Ambiental

- ◆ EN20: NO, SO e outras emissões significativas por tipo e peso.



PARA SABER MAIS

1. A new CSR Frontier: Business and Population Health — Mobilizing CSR to Strengthen Corporate Engagement on Health and Wellness across the Value Chain, de 2013:
http://www.bsr.org/reports/BSR_A_New_CSR_Frontier_Business_and_Population_Health.pdf
2. Health Care sector report — Covering Global 500, S&P 500 and FTSE 350 respondents, de 2011:
<https://www.cdp.net/CDPResults/2011-G500-sector-report-health-care.pdf>





Tornando a saúde resiliente

Atualmente, temos acesso a entretenimento, notícias e comunicações por meio de nossos dispositivos móveis. Muito da saúde pode ser entregue da mesma forma, não apenas informação e conselho, mas atendimento médico, consultas, testes, prescrições — tudo pelos nossos celulares e tablets. Isto tornará o sistema cada vez mais produtivo e eficiente, já que poderá ser melhor distribuído, contínuo e conveniente para todos.

Sistemas de saúde são frágeis. Eles sobrevivem dentro de uma faixa estreita de circunstâncias. Se pequenos cortes de financiamento colocam uma instituição em risco de uma caótica desconstrução, ela não pode ser, portanto, chamada de robusta. Ao mesmo tempo, crescentes vetores externos poderiam sobrecarregar instituições e sistemas, seja pelo caos climático, por desastres de poluição ou epidemias. Essas concatenações de ameaças têm respostas interconectadas e similares. Se sua instituição se apresenta como um sistema com pouca capacidade de reserva, isso pode estar relacionado à alta dependência de fluxos de rendimentos e de recursos humanos. Em um mundo em constante mudança, a sobrevivência da organização reside em se tornar ecológica, econômica e resiliente.

O número e os tipos de crises que poderiam sobrecarregar nosso sistema estão aumentando. As mais prováveis

incluem epidemias, como mostra o atual surto de Ebola. No entanto, a maior delas não terá o perfil imunológico do Ebola; ela se espalhará mais facilmente pelo ar (espirros, tosses) ou via animal (pugas em ratos, picadas de mosquitos). O vírus

“É possível reduzir a pegada de carbono, o uso de recursos e o descarte de resíduos ao se projetar hospitais e centros médicos mais resistentes a tempestades, incêndios, epidemias e terremotos.”

será capaz de sobreviver por muito tempo e terá um longo período de latência, no qual poderá se espalhar sem que o portador saiba (assim como ocorre com a AIDS/HIV). Não haverá nenhuma vacina ou tratamento efetivo. Não irá matar

a maioria de seus portadores, deixando-os livres para percorrer o mundo e infectar outras pessoas. Como sua instituição está preparada para essa possibilidade?

Ao mesmo tempo, sofreremos desastres decorrentes da poluição por meio de inúmeros vetores, incluindo os subprodutos da mineração e a destruição de florestas na Amazônia, assim como desastres advindos da produção de petróleo. O caos climático global trará tempestades mais frequentes e mais fortes, fazendo com que climatologistas revisem sua análise. O que antigamente era considerado um evento raro — como a ocorrência de uma tempestade a cada 100 anos — agora, pode ocorrer a cada cinco. Em muitas áreas litorâneas, os efeitos das tempestades serão exacerbados, não apenas pela elevação dos mares, mas também pelo aumento de terras.

Atentos a isso, planejadores da saúde nos Estados Unidos, designers e arquitetos têm aprendido muito com os desastres da última década, como o furacão Katrina, em Nova Orleans, e o furacão Sandy, em Nova York e Nova Jersey, o que pode ser visto, por exemplo, nas plantas de energia elevadas construídas para o Centro Médico do Texas. Ou no Hospital de Reabilitação Spaulding, em Boston, projetado pelos arquitetos de **Perkins+Will**, que construíram uma unidade de cogeração a gás que permite ao hospital gerar sua própria eletricidade e sua própria energia

termal, além de ter janelas de fácil abertura, no caso de o AVAC (tecnologia destinada ao controle das condições ambientais, especialmente em termos de temperatura, umidade e de renovação do ar) falhar, como ocorreu no Hospital Charity, após o Katrina, quando a equipe teve que jogar móveis pelas janelas a fim de permitir alguma ventilação nos prédios selados.

A substituição do Veterans Administration Hospital em Nova Orleans foi projetada para continuar operando mesmo quando tudo ao seu redor estiver em meio ao caos. Tem capacidade extra para lidar com o influxo de pacientes e, quando outras instalações falharem, poderá gerar plena energia durante cinco a sete dias em caso de emergência. O Departamento de Emergência possui uma rampa de acesso que pode funcionar como um desembarcadouro para barcos. Além disso, há acesso para helicóptero no teto da estrutura do estacionamento.

Tudo isso é caro. Quando olhamos, porém, para projetos dessa linha sob uma perspectiva que vá além do ciclo de financiamento daquele ano, enormes quantidades de dinheiro poderiam ser poupadas. Além disso, é possível reduzir a pegada de carbono, o uso de recursos e o descarte de resíduos ao se projetar hospitais e centros médicos mais resistentes a tempestades, incêndios, epidemias e terremotos.

Entretanto, como podemos tornar a área da saúde mais ecológica?

No **Center for Health Design**, nossos estudos estão repletos de exemplos que envolvem paisagens integradas, muros verdes, agricultura urbana, luz natural,

“Em um mundo em constante mudança, a sobrevivência da organização reside em se tornar ecológica, econômica e resiliente. O número e os tipos de crises que poderiam sobrecarregar nosso sistema estão aumentando. As mais prováveis incluem epidemias, como mostra o atual surto de Ebola.”

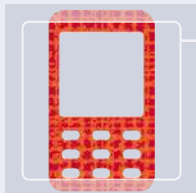
baixa energia AVAC, ventilação natural, proteção solar, colheita diurna, fluxo de resfriamento noturno, energia solar, entre outros. O portfólio de negócios para técnicas de construção ecológica é mostrado no estudo *Fable Hospital 2.0 – Healthcare Design*. Existe um retorno real e mensurável de investimentos em projetos centrados na segurança do paciente e na sustentabilidade.

Alguns lugares estão finalmente levando a sério questões relacionadas à contabilidade e se engajando em custos baseados em atividades orientadas por tempo. Isto é bom para que se identifique o que custa dinheiro e que parte é desperdício, para, depois, convocar grupos da saúde para retrabalhar seus processos. Muitos deles, aliás, nos Estados Unidos, reportaram que poderiam cortar custos de **20% a 25%** ou mais enquanto lidam com mais pacientes a um nível de qualidade maior.

Então, nós podemos reduzir a pegada de carbono e cortar o uso de recursos ao tornar o sistema mais inteligente. Na nova era, não só nos Estados Unidos e no Brasil, mas no mundo todo, a saúde terá que mudar e está mudando para algo profundamente mais resiliente, ecológico e econômico.

Joe Flower é CEO do The Change Project Inc. e autor do livro *Healthcare Beyond Reform: Doing It Right For Half The Cost*, (CRC Press/2012).

6



DESAFIO

Tecnologias mais acessíveis

AMPLIAR O ACESSO A FERRAMENTAS, PROCESSOS E CONHECIMENTOS QUE FOMENTEM A PREVENÇÃO DE DOENÇAS E AGILIZEM DIAGNÓSTICOS E TRATAMENTOS PODE CONTRIBUIR COM UM SISTEMA DE SAÚDE ECONOMICAMENTE VIÁVEL, AMBIENTALMENTE CORRETO E SOCIALMENTE JUSTO

Tão longe, tão perto

Novas tecnologias (conhecimentos, processos, equipamentos, medicamentos) revolucionarão a maneira de diagnosticar e tratar as pessoas e já têm ocasionado mudanças fundamentais na prestação de serviços na área de saúde, com mais praticidade, agilidade e precisão; além de permitir melhor monitoramento de doenças e processamento de grande quantidade de informações. Diagnósticos de bolso e à distância, aplicativos de saúde para celulares, telemedicina, entre outros, vêm mudando a relação médico-paciente

IMPACTOS NO TRIPLE BOTTOM LINE

- Maior agilidade, com diagnósticos mais precisos
- Maior conectividade por meio das redes sociais, com pessoas compartilhando informações sobre as mesmas doenças e sobre como enfrentá-las
- Maior acessibilidade, com tecnologias de saúde pessoal que ajudam os consumidores a se manter saudáveis e gerenciar doenças crônicas
- Com a telemedicina, que possibilita levar recursos avançados para localidades distantes, mudando a relação médico-paciente no tratamento de doenças crônicas, reduzindo o número de internações e o tempo delas

SOCIAL

- Redução das consultas físicas diminui a necessidade de deslocamentos (menos emissões diretas e indiretas de gases de efeito estufa)
- Redução de resíduos gerados devido ao menor uso dos espaços de atendimento
- Redução do consumo de energia nos hospitais e clínicas

AMBIENTAL

ECONÔMICO

- Otimização do sistema de saúde com a ampliação do acesso e a redução de custos futuros
- O setor de aplicativos voltados para a saúde deve movimentar algo em torno de R\$ 4 bilhões na América Latina, crescendo em 61% até 2017

Se, por um lado, a tecnologia é responsável pelo encarecimento dos serviços de saúde, por outro, pode ser justamente a solução para esse problema. Segundo o artigo *Uma Cura para os Custos com os Cuidados com a Saúde*, publicado na revista americana **Technology Review**, do **Massachusetts Institute of Technology (MIT)**, em 2013, se as inovações em medicamentos, testes e tratamentos são o principal motivo para os altos custos, por que, em vez disso, não oferecem maneiras de economizar dinheiro?

“Os computadores estão fazendo as coisas melhores e mais baratas. Mas, nos cuidados com a saúde, novas tecnologias ainda fazem as coisas melhores e mais caras”, diz Jonathan Gruber, economista do MIT, que lidera um grupo de cuidados com a saúde no **National Bureau of Economy Research**. O desafio que se descortina para o setor é, portanto, tornar as tecnologias mais baratas e acessíveis.

Ira Brodsky, pesquisador e autor do livro *A História e Futuro da Tecnologia Médica*, propõe quatro áreas-chave que podem vir a reduzir o custo dos cuidados de saúde no longo prazo: sistemas médicos de alta tecnologia, equipados com melhores recursos de produtividade; soluções remotas, que permitem aos especialistas aplicar suas habilidades à distância; soluções móveis, que possibilitam aos médicos economizar tempo e dinheiro; e tecnologias da saúde pessoal, que ajudam os consumidores a se manter saudáveis e gerenciar doenças crônicas.

Entre as tecnologias já mais acessíveis, destacam-se: telemedicina, ou seja, prestação de serviços à distância pelos profissionais da área da saúde, que permite levar recursos avançados a localidades distantes; os aplicativos para celulares que ampliam o acesso a tecnologias de prevenção, diagnóstico e tratamento de doença; e até as mídias sociais, que podem ser usadas pelos pacientes para manter um controle sobre sua saúde. Para se ter ideia, o programa Telessaúde, do Governo do Amazonas em parceria com a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), gerou uma economia aproximada de **R\$ 7 milhões** para os cofres

públicos em quatro anos. Evitando deslocamentos do interior para a capital — o paciente é atendido por um médico generalista no hospital de sua localidade, e as informações são compartilhadas em tempo real com equipes de especialistas em Manaus —, a iniciativa registrou mais de **100 mil** exames. No box *No Radar*, o leitor confere uma lista de ferramentas acessíveis para a promoção da saúde.

Adotada em 2009 no Brasil, a Política Nacional de Gestão de Tecnologias em Saúde (PNGTS) define gestão de tecnologias em saúde como o conjunto de atividades relacionadas com os processos de avaliação, incorporação, difusão, gerenciamento de utilização e retirada de tecnologias do sistema de saúde. A meta é gerar o máximo possível de benefícios e garantir o acesso da população às tecnologias.

E como tecnologia requer conhecimento técnico e científico e a aplicação deste conhecimento por meio de sua transformação no uso de ferramentas, processos e materiais criados e/ou utilizados a partir dele, os genéricos entram no debate, pois são mais baratos e acessíveis. O genérico custa menos porque os fabricantes, ao término do período de proteção de patente dos originais, não precisam investir em novas pesquisas e estudos clínicos. Segundo a **Associação Brasileira das Indústrias de Medicamentos Genéricos**, em **10 anos**, os consumidores economizaram **R\$ 10,5 bilhões** ao optar pelos genéricos na hora da compra.

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

MERCADO DE APLICATIVOS PARA SAÚDE MOVIMENTARÁ R\$ 4 BILHÕES

Não é novidade para quem costuma ler as páginas de tecnologia a aliança da área com a medicina. Mas a tecnologia não avançou somente com robôs cirurgiões; evoluiu também com os *smartphones*. O mercado de aplicativos cresce de forma acelerada e, segundo projeções da consultoria **PricewaterhouseCoopers** divulgadas no relatório *mHealth's*, o setor promete movimentar o equivalente a **R\$ 4 bilhões**

apenas na América Latina — onde o Brasil tem a maior participação —, crescendo em **61%** até **2017**. Já foi divulgado que somente na loja da Apple existem mais de **25 mil aplicativos** ligados aos temas de bem-estar e saúde, os quais podem auxiliar a vida tanto de médicos, nutricionistas ou dentistas como dos próprios pacientes. Para os médicos, alguns sistemas prometem ajudar a calcular a concentração de oxigênio alvéolo-arterial, determinar os riscos de um AVC, a contagem absoluta de neutrófilos, calcular doses de medicamentos injetáveis, elaborar e acompanhar gráficos de gestação, entre outros. Já para pacientes, os aplicativos são muito utilizados como lembretes: ajudam a tomar o medicamento na hora certa, servem como alertas para beber a quantidade correta de água durante o dia e até mesmo criam uma área na qual o usuário pode deixar seus dados médicos disponíveis em caso de emergência.

Lívia Bispo, jornalista do CliniMKT, blog voltado para profissionais da área de saúde, no artigo *A Evolução da Tecnologia Chega com Força na Área da Saúde*, de 2014



SUPERANDO DISTÂNCIAS COM A TELEMEDICINA

Com a telemedicina, poderemos romper barreiras regionais e culturais e levar para localidades distantes recursos avançados. Os principais benefícios são a mudança da relação médico-paciente no tratamento de doenças crônicas, a redução das internações e do tempo de internação, a disponibilidade de indicadores de saúde contra indicadores de gestão e redução de custos. Segundo a **Organização Mundial de Saúde**, telemedicina é a oferta de serviços ligados ao bem-estar nos casos em que a distância é um fator crítico, a fim de ampliar a assistência e também a cobertura. Tais serviços são fornecidos por profissionais da área por meio de tecnologias de comunicação que possibilitam o intercâmbio de dados para promoção, proteção, redução do risco da doença e recuperação. Também



Embora a Pesquisa Clínica seja uma das principais ferramentas de entrada de novas tecnologias no setor de saúde, o Brasil ocupa a 42ª posição no mundo e faz apenas 1% dos ensaios clínicos globais. No país, são necessários 10 anos para registrar uma patente, o que atrasa a inovação



NO PORTAL

Confira as dicas da médica Denise de Cássia Moreira Zornoff, do Núcleo de Avaliação de Tecnologias em Saúde do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da UNESP-Botucatu, para a aquisição de equipamentos portáteis para controle da saúde. Acesse www.ideiasustentavel.com.br e veja também as cinco tendências digitais para a área da saúde em 2014.

possibilita educar continuamente profissionais, cuidadores e indivíduos em saúde, bem como facilitar pesquisas e avaliações. A telemedicina surge para romper barreiras e encurtar distâncias.

David Basbaum, médico, CEO da empresa Sinais Vitais e conselheiro da Associação Brasileira CIO Saúde (ABCIS), no I Seminário de Integração de TI em Saúde, em 2013



O DESAFIO NO BRASIL

No Brasil, as tecnologias na área da saúde para o diagnóstico e tratamento de doenças não são acessíveis ao público de forma sistemática. Diante desse fato, o país vive em um cenário de busca de redução de custo e maior eficiência na utilização das ferramentas. Enquanto em grande parte do mundo as tecnologias são desenvolvidas e disponíveis, aqui temos uma situação de funil: há vários processos disponíveis, mas nem sempre eles atendem às prioridades de políticas de governo ou sociais. Muitas vezes, as decisões para desenvolvimento e implementação de tecnologias para a saúde são feitas com base somente em dados econômicos, sem contemplar as necessidades dos indivíduos de forma geral.

Carlos Eduardo Gouvêa, secretário executivo da Câmara Brasileira de Diagnóstico Laboratorial (CBDL), em entrevista ao portal Saúde Business 365, em 2011



ACESSIBILIDADE EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

A definição de acessibilidade de tecnologias da saúde que me parece mais adequada é o preço que o mercado

paga. Este, por sua vez, depende da quantidade de dinheiro disponível no mercado e do nível de prioridade do mercado em tecnologia. Em outras palavras, é o comprador em potencial quem define



NO RADAR

Iniciativas e tecnologias de acesso à saúde

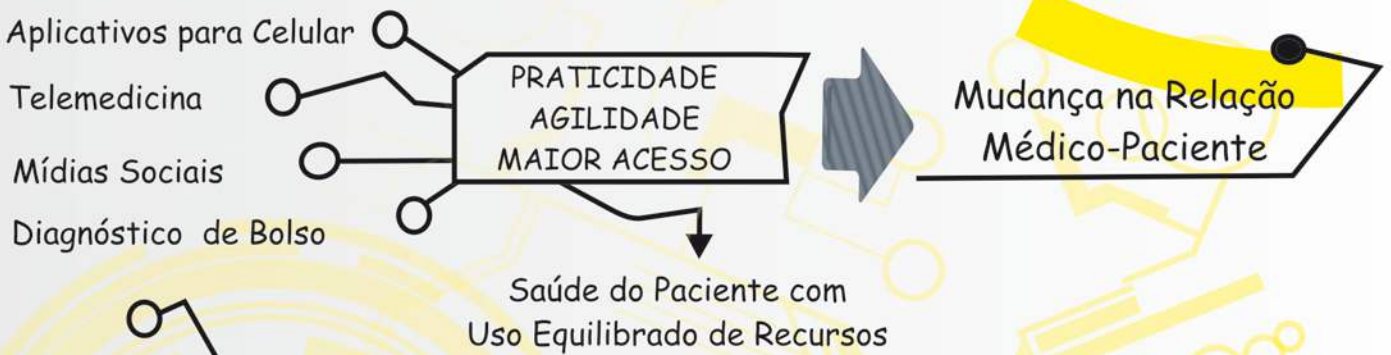
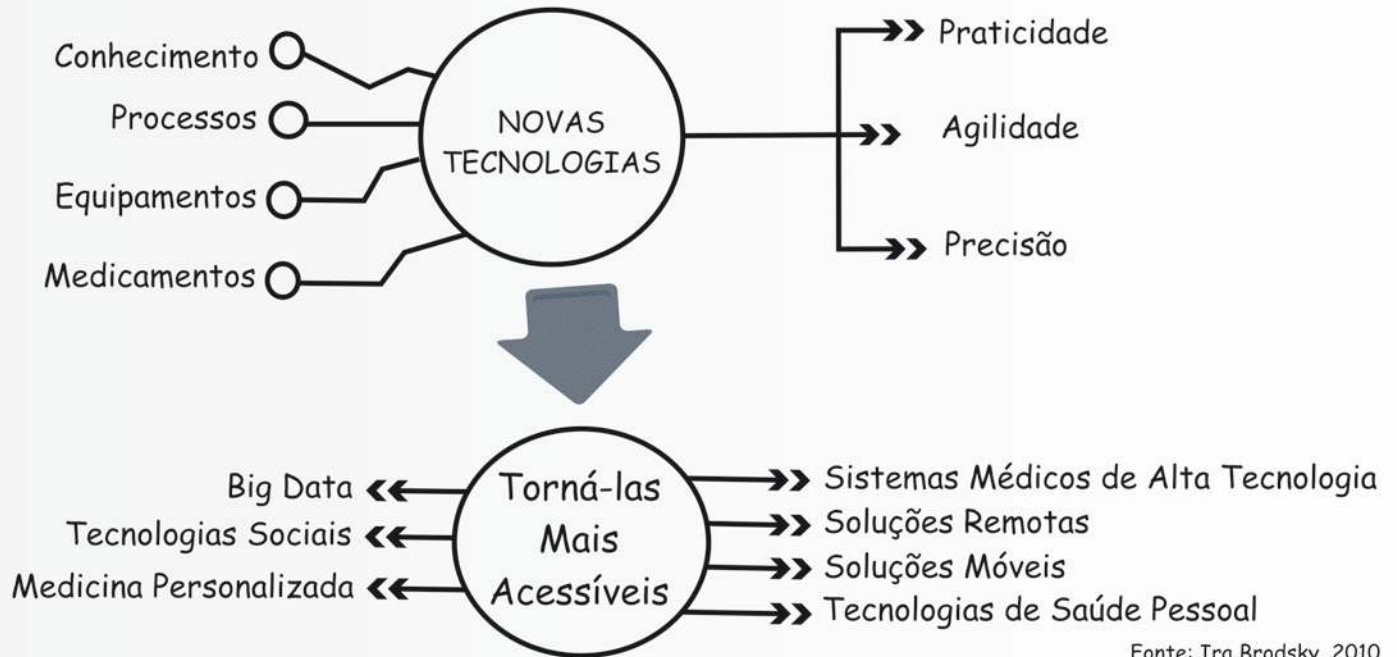
Conheça iniciativas e tecnologias que vêm ampliando e barateando o acesso a serviços de saúde, identificadas pela consultoria Cria Global no estudo *Ecosistema da Saúde no Brasil – Oportunidades de Inovação de Alto Impacto*, de 2013:

- 1. Patients Like Me:** rede social de troca de aprendizados e experiências entre pacientes. O foco é responder a questões como: “Dada a situação atual da pessoa, qual o melhor estado que ela pode atingir e como poderá alcançá-lo?” Para isso, criou-se um ambiente no qual indivíduos com a mesma doença podem compartilhar sintomas, formas de tratamento e seus sentimentos em relação ao problema. A empresa foi fundada em 2004 e conta com mais de 100 mil pessoas cadastradas.
- 2. MyFitnessPal:** aplicativo que ajuda a emagrecer. Visa ao empoderamento, engajamento e encorajamento do indivíduo. Considerado o melhor programa em termos de satisfação pelos usuários, tem mais de 600 mil *likes* no Facebook e auxilia as pessoas por meio do rastreamento do que elas comem e dos exercícios que fazem. Tem um *database* de mais de 2 milhões de comidas e restaurantes, com as informações necessárias para incentivar a mudança e manter a dieta e os exercícios.
- 3. BeClose:** tecnologia simples para monitoramento de idosos. A empresa americana BeClose criou um dispositivo que ajuda famílias e cuidadores a manter contato com a pessoa idosa. Com sensores Wi-Fi na casa e um botão de alerta portátil, BeClose consegue acompanhar a rotina do idoso e, por meio de uma *webpage* segura, os familiares podem checar, a qualquer momento, se está tudo bem. Caso aconteça qualquer problema, o familiar é alertado por telefone, e-mail ou mensagem de texto.

- 4. Connect Living:** rede de conexão entre idosos, cuidadores e família. Criada em 2007 nos Estados Unidos, a plataforma social foi desenhada especialmente para casas de repouso. Atualmente, conecta mais de 20 mil idosos com suas famílias e amigos. Integra *networking*, educação à distância, menus comunitários, calendários e ainda possui um painel administrativo de suporte que ajuda a comunidade inteira a ficar *online*.
- 5. i9Access:** nova interação entre médicos e pacientes (telemedicina). Plataforma de iCareWeb, com diversos serviços, como teleeletrocardiograma, teleultrassom e Mobile Care, que consiste em um *kit* de saúde com sensores e um *tablet*, no qual é possível monitorar as condições do paciente, com alertas de acordo com o perfil e a aferição realizada. Possui uma *joint-venture* com a UnitCare e está realizando um piloto em um hospital em São Paulo com diabéticos. O *kit* facilita a mobilidade médica, pode diminuir os custos e melhorar o atendimento.
- 6. e-Health, no Rio de Janeiro:** *kits* de saúde móveis para diagnósticos médicos em comunidades de baixa renda. O projeto da New Cities Foundation está levando esses *kits* ao morro Santa Marta, para atendimento de grávidas, pessoas com mobilidade limitada ou com doenças crônicas. Eles contam com o aparelho portátil da GE para realização de ultrassom, o que facilita o exame clínico e o diagnóstico do paciente que não pode sair de casa.
- 7. 23andMe:** negócio fundado em 2006 por Linda Avey, Paul Cusenza e Anne Wojcicki, nos Estados Unidos, com o objetivo de analisar informações genéticas para a prevenção de problemas de saúde associados ao DNA e contribuir com avanços médicos. Os resultados ficam disponíveis em até seis semanas e o paciente entende como os genes impactam sua saúde. Já conta com 300 mil clientes e análises de DNA.



TECNOLOGIAS MAIS ACESSÍVEIS



A tecnologia pode encarecer os serviços de saúde; porém, contribui para a maior agilidade e precisão

Desafio: aumentar o acesso e reduzir custos



a acessibilidade. Isso se torna complexo quando se leva em consideração as diversas prioridades e os orçamentos dos compradores de tecnologia para a saúde. Por exemplo, organizações de doadores internacionais, como o Fundo Global de Luta contra Aids, Tuberculose e Malária, que já têm um orçamento específico, geralmente são capazes de adquirir tecnologias de saúde a um preço mais baixo do que o governo de algum país em desenvolvimento, porque podem comprar grandes quantidades por meio de um sistema de aquisição conjunta. No longo prazo, o principal desafio para o desenvolvimento e implementação de tecnologias financeiramente acessíveis em países em desenvolvimento é identificar e apoiar talentos — educar seja no país, seja no exterior. Também se deve criar um ambiente favorável tanto para a pesquisa médica e desenvolvimento como para as empresas que produzem e comercializam as tecnologias.

David Heymann,
 chefe do Centro de
 Segurança Global de Saúde
 na Chatham House, em
 Londres, e presidente da
 Agência de Proteção à
 Saúde, no Reino Unido, em
 entrevista ao site The National Bureau of
 Asian Research, em 2011



NO RADAR

Tecnologias em situações de poucos recursos e tecnologias sociais

Profissionais de saúde, muitas vezes, não têm a tecnologia adequada para diagnosticar pacientes. De acordo com a **Unite for Sight**, rede de organizações estudantis norte-americanas que aprendem sobre inovação e melhores práticas em saúde global, em locais com poucos recursos, a falta de equipamentos de qualidade pode minar o sistema de saúde inteiro. Se os profissionais não podem diagnosticar corretamente a doença, são incapazes de tratá-la de forma eficaz, o que pode torná-la um ponto de partida para as epidemias. Porém, existem novos testes promissores, baratos e portáteis e diagnósticos fáceis de usar, que são adaptações de tecnologias estabelecidas. Há também avanços científicos, como tecnologias moleculares acessíveis e simples para diagnóstico de doenças infecciosas.

Pensando no conceito de “tecnologia social”, a equipe técnica do **Instituto Recriar**, junto a 23 mulheres beneficiárias dos projetos desenvolvidos na organização, criou um sabonete medicinal para o combate a sarnas e piolhos numa região de sérios problemas

de insalubridade do município de Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul, onde falta canalização de esgoto local e infraestrutura. Lá, as crianças são as principais impactadas, pois sofrem com piolhos e escabioses. Segundo professores locais, isso prejudica inclusive o aprendizado, pois a coceira causa irritação, distúrbios do sono e lesões no couro cabeludo. Em casos mais graves, o quadro pode se converter em anemia, já que os parasitas se alimentam de sangue.

A ideia nasceu quando uma das integrantes do grupo apresentou um sabão que sua avó fazia, eficiente para combater piolhos e sarnas. A receita é simples e de custo acessível: usa somente glicerina dissolvida e uma mistura de ervas medicinais. Realizou-se uma ação em conjunto com pais e educadores da escola local, quando as beneficiárias lavaram e pentearam os cabelos das crianças, que foram fotografadas para conferir o “antes e depois”. Após o sucesso da iniciativa, o grupo tem sido convidado a dar oficinas em escolas, igrejas e associações de moradores para disseminar esse conhecimento popular.





CAMINHO DAS PEDRAS

Quais fatores devem ser considerados para que novos produtos de saúde sejam éticos e bem-sucedidos? Confira as perguntas importantes a serem feitas por quem quer desenvolver e/ou implementar quaisquer tipos de tecnologias novas no setor de saúde, países ou instituições. A lista foi elaborada em 2013 pela **Unite for Sight**, organização sem fins lucrativos americana especializada em cuidados de saúde para comunidades ao redor do mundo:

- ◆ **Impacto:** quanta diferença essa tecnologia fará para melhorar a saúde?
- ◆ **Adequação:** a intervenção será acessível, robusta e ajustável para ambientes de cuidados de saúde nos países em desenvolvimento, além de social, cultural e politicamente aceitável?
- ◆ **Responsabilidade:** essa tecnologia abordará as necessidades mais urgentes de saúde?
- ◆ **Viabilidade:** essa tecnologia poderá, realisticamente, ser desenvolvida e implantada em um período de 5 a 10 anos?
- ◆ **Lacuna de conhecimento:** haverá avanços tecnológicos na saúde por meio da criação de novos conhecimentos?
- ◆ **Benefícios indiretos:** essa tecnologia abordará questões como a melhoria do meio ambiente e a geração de renda, que possuem efeitos positivos indiretos sobre a saúde?

GENÉRICOS COMO TECNOLOGIAS ACESSÍVEIS EM SAÚDE

Os genéricos são cópias de medicamentos inovadores cujas patentes já expiraram. Têm a mesma substância ativa, forma farmacêutica, dosagem e indicação que o medicamento original — com preços no mínimo **35%** menores que ele. Muitos brasileiros que não podiam se medicar ou que tinham dificuldade em dar continuidade a tratamentos encontram neles uma alternativa viável e segura para seguir as prescrições médicas corretamente. Eles representam **25%** do mercado nacional (nos Estados Unidos, chegam a **45%** e já estão disponíveis para os consumidores há pelo menos **40** anos).

Dirceu Barbano,
diretor-presidente
da ANVISA, em entrevista
ao portal Diário do
Consumidor, em 2011



Contrate palestras, cursos e workshops da consultoria **Ideia Sustentável** e crie uma cultura de sustentabilidade na sua empresa.

Acesse: www.ideiasustentavel.com.br



PARA SABER MAIS

1. *The History & Future of Medical Technology*, de Ira Brodsky (Telescope Books/2010) – A História e o Futuro da Tecnologia Médica
2. A Importância da Gestão do Conhecimento na Melhoria de Processos – Um Estudo de Caso em Serviços de Saúde (estudo apresentado no IV Congresso Nacional de Excelência em Gestão por Benjamin Salgado Quintans): http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg4/anais/T7_0105_0155.pdf
3. Ecossistema da Saúde no Brasil (Cria Global): <http://pt.slideshare.net/criaglobal/estudo-ecossistema-da-sade-no-brasil>
4. Tecnologia: Dirigir os Custos de Saúde – Tanto para cima quanto para baixo, de Ira Brodsky: <http://www.global-briefing.org/2012/01/technology-driving-health-care-costs-both-up-and-down/>

INDICADORES CORRELATOS

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

3: Assegurar vidas saudáveis e promover bem-estar para todos em todas as idades.

- ◆ 3.9b: Apoiar a pesquisa e desenvolvimento de vacinas e medicamentos para as doenças transmissíveis e não transmissíveis que afetam primeiramente os países em desenvolvimento, fornecer acesso a vacinas e medicamentos essenciais, em concordância com a Declaração de Doha, a qual afirma o direito de países em desenvolvimento de usar a provisão completa no acordo TRIPS, levando em conta flexibilidades para proteger a saúde pública e fornecer a todos o acesso a medicamentos.

17: Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

- ◆ 17.7: Promover desenvolvimento, transferência, disseminação e difusão de tecnologias ambientalmente saudáveis para países em desenvolvimento em termos favoráveis, inclusive termos concessionais e preferenciais, como acordado mutuamente.





Admirável mundo digital

A tecnologia está participando de nossas vidas de uma forma sem precedentes. O admirável mundo digital em que vivemos é formado por *smartphones*, banda larga, mídias sociais, dados armazenados em nuvem e muito mais. No universo da saúde, ele também é formado por sensores pessoais, sistemas avançados de informação, redes sociais e até mesmo *chips* comestíveis. Isso representa a próxima fronteira da revolução digital e que finalmente irá impactar a preservação e o tratamento do nosso bem-estar.

Tome-se, como exemplo, o telefone móvel. Em poucos anos, transformou-se em câmera, GPS, calculadora, relógio, leitor de código de barras, dicionário, tocador de música, televisão e banca de jornal. Sem esquecer que ele ainda envia mensagens e, claro, provê serviços de telefonia. Pois a partir de agora — e cada vez mais — ele será utilizado para armazenar dados vitais, realizar vídeo-consultas e até análises laboratoriais.

O que mais se assemelha a uma arrojada visão futurística da realidade é, na verdade, um caminho sem volta. Diferentemente das primeiras ondas de investimento em tecnologia realizadas pelas empresas de saúde — concentradas no aperfeiçoamento de processos administrativos e operacionais —, dessa vez o alvo serão as necessidades reais dos pacientes.

O momento nunca foi tão favorável. O tempo e o investimento realizado por pessoas do mundo todo na aquisição de equipamentos — como computadores, *smartphones* e antenas *Wi-Fi* — e na


“O que mais se assemelha a uma arrojada visão futurística da realidade é, na verdade, um caminho sem volta. Diferentemente das primeiras ondas de investimento em tecnologia realizadas pelas empresas de saúde — concentradas no aperfeiçoamento de processos administrativos e operacionais —, dessa vez o alvo serão as necessidades reais dos pacientes.”

familiarização com o uso de aplicativos e ferramentas leves abriram o caminho para futuro. Para que se tenha ideia, apenas no Brasil a proporção de domicílios com computadores saltou de **25%** para **50%** nos últimos seis anos — mais da metade da população já tem acesso à internet. Outra importante marca dessa promissora fase é o surgimento de uma nova geração de empresas de tecnologia com a promessa de tornar a prevenção, o diagnóstico e o tratamento de doenças mais acessíveis a todos.

Gigantes como **Apple**, **Google** e **Microsoft** já dão seus primeiros passos para levar ao alcance de seus usuários ferramentas que possam ajudá-los nos melhores cuidados com a saúde. A própria **Organização Mundial de Saúde (OMS)** publicou uma diretriz em que encoraja as nações a desenvolver um ambiente favorável à saúde digital, visando tornar seus serviços assistenciais mais eficientes e sensíveis às necessidades das pessoas.

Talvez ainda seja cedo para uma visão consolidada e definitiva de todo esse novo ecossistema; afinal, são muitas as inovações e elas têm surgido em um ritmo maior do que a capacidade de organizações, médicos, governos e pacientes de avaliar todas as possibilidades. Porém, podemos considerar uma pequena lista com algumas das principais tendências digitais que irão impactar a saúde nos próximos anos:

Sensores e Wearables Devices: a integração de sensores médicos com equipamentos eletrônicos pessoais permite a assistência remota e a maior eficácia



nos programas de medicina preventiva. Alguns exemplos notórios são o sensor portátil *Scanadu*, que analisa sinais como pressão e oxigenação sanguínea e os liga ao *smartphone*, e os sensores digestíveis *Heliu*, que são embarcados em pílulas e ajudam a controlar a ingestão de medicamentos e as respostas do organismo.

Aplicativos de Saúde e Bem-estar: oferecem serviços relacionados à saúde em *smartphones*, *tablets* e outros dispositivos de comunicação. As categorias mais populares envolvem dieta e nutrição, análise do ciclo de sono, redução do estresse e aconselhamento médico.

Connected Health: refere-se a um modelo no qual a tecnologia ajudará a prestar serviços sem que o paciente e o profissional de saúde estejam presentes no mesmo local. Alguns exemplos são as plataformas americanas *Doctor on Demand*, *HealthTap* e *MDLive*.

Prontuários Eletrônicos: repositórios onde todas as informações de saúde de uma pessoa são armazenadas. Dentre as vantagens da adoção dessa tecnologia, destacam-se o acesso rápido aos problemas de saúde do paciente e a melhoria na efetividade do cuidado. Exemplos bem conhecidos de plataformas desse segmento são *Practice Fusion* e *Drchrono*.

Personal Genomics: com ela, as informações genéticas individuais estarão cada vez mais acessíveis às pessoas comuns, que poderão tomar suas decisões sobre saúde de maneira mais assertiva. Um bom exemplo de como essa tecnologia estará disponível para todos daqui em diante vem da empresa americana

23andMe, que envia pelo correio um kit para coleta de saliva do consumidor e, poucas semanas depois, oferece o resultado online dos testes genéticos.

Redes sociais: uma nova geração de redes sociais de saúde está surgindo para permitir que pacientes do mundo todo se

“Uma nova geração de empresas de tecnologia surge com a promessa de tornar a prevenção, o diagnóstico e o tratamento de doenças mais acessíveis a todos.”

reúnam à distância, troquem experiências a respeito de seus sintomas e tratamentos médicos e possam entender melhor o caminho para sua recuperação.

Numa pesquisa realizada junto a **15 mil** usuários espalhados em **12** países diferentes, foi possível notar que as formas preferidas pelas pessoas para se relacionar com conteúdo especializado em saúde são eminentemente sociais.

Segundo o estudo, nada menos do que **70%** da população mundial conectada já utilizaram ferramentas como blogues, fóruns online e painéis de *reviews* para compartilhar suas experiências, dar e receber apoio e habilitar-se para lidar com questões antes acessíveis apenas ao conhecimento de médicos, em artigos científicos publicados em jornais especializados.

Uma das plataformas pioneiras no preenchimento dessa lacuna, tanto do lado dos pacientes quanto do lado da comunidade científica, foi a consagrada rede social americana *Patients Like Me*. Por meio de uma plataforma altamente especializada, pacientes do mundo todo podem manter um prontuário pessoal que irá permitir que eles comparem de forma rápida como outros pacientes com um perfil parecido ao seu reagem a determinados tratamentos.

Como pode se perceber nesse rápido panorama, mais do que nunca as esperanças na tecnologia devem se manter em alta. O ecossistema que está se formando à nossa frente é desafiador em sua complexidade e maravilhoso em suas possibilidades. A revolução digital, que já ajudou a melhorar o acesso a itens como compras, viagens, entretenimento e comunicação pessoal, será o pivô de uma transformação para melhor na nossa saúde e na qualidade de vida do mundo como um todo. Os pacientes aguardam — conectados — e de braços abertos! 🚀

Istvan Camargo é CEO da Rede Social Cidadão Saúde, criada para ajudar organizações de saúde a interagir com grupos de pacientes por meio da internet.



DESAFIO

Novos produtos e serviços

AUMENTAR A OFERTA DE INOVAÇÕES VOLTADAS À SAÚDE, COM CADA VEZ MAIS PRODUTOS E SERVIÇOS FOCADOS EM MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA, VAI GERAR IMPACTOS POSITIVOS TANTO PARA O BEM-ESTAR DE INDIVÍDUOS QUANTO PARA O MEIO AMBIENTE

Estilos de vida que combinam saúde com sustentabilidade

A crescente oferta de produtos e serviços voltados ao bem-estar e consciência social tem um impacto positivo na saúde e no meio ambiente. Já existe um segmento de mercado — reconhecido nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e em países asiáticos, como Japão, Singapura e Taiwan — com foco em fitness, desenvolvimento pessoal, vida sustentável e justiça social chamado LOHAS, sigla para Lifestyles of Health and Sustainability, isto é, Estilo de Vida de Saúde e Sustentabilidade. Além disso, aumenta a demanda por alimentos orgânicos e cultivados localmente, bicicletas para a cidade, edifícios verdes, investimentos socialmente responsáveis, medicina alternativa e preventiva, entre outros

IMPACTOS NO TRIPLE BOTTOM LINE

- Ascensão de um novo tipo de consumidor que toma suas decisões de compra baseado em valores como saúde familiar e comunitária, crenças pessoais, respeito ao meio ambiente e justiça social
- Novos produtos e serviços, como medicina alternativa, ioga e alimentos naturais, contribuem para a promoção da saúde e bem-estar e o melhor controle das doenças

- Além de contribuir para a saúde e qualidade de vida, novos produtos e serviços ajudam a reduzir a pegada ecológica

AMBIENTAL

SOCIAL

ECONÔMICO

- Ampliação do mercado do tipo LOHAS, que tende a aumentar em resposta às crescentes demandas das pessoas
- Ao auxiliar na promoção da saúde e na prevenção de doenças, esses novos produtos e serviços reduzem os custos do sistema de saúde

De acordo com uma pesquisa lançada em 2013 pelo **Instituto Akatu**, *Rumo à Sociedade do Bem-estar*, **66%** dos brasileiros entrevistados associam a felicidade à saúde; **60%**, ao convívio social; e **36%**, à qualidade de vida. Isso deixa evidente o *pool* de oportunidades para inovações ligadas a *fitness*, alimentação saudável, inclusão social por meio de serviços e práticas que levam ao bem-estar físico, mental, emocional e espiritual. Com essa demanda sistêmica, a sustentabilidade ganha força no dia a dia das pessoas e na economia, como forma de garantir a qualidade de novos modelos de produção e o uso responsável de recursos naturais e financeiros.

Modernizar com base na mentalidade de criar negócios sustentáveis vem se demonstrando uma opção lucrativa para as empresas e altamente positiva para as comunidades. Inovar na área da saúde e desenvolver produtos e serviços destinados ao atendimento de populações da base da pirâmide pode extrapolar os objetivos iniciais e resultar em vantagens de longo prazo para o meio ambiente.

O oposto também é válido, pois maus tratamentos ao meio ambiente geram retornos negativos à saúde humana. As consequências da mudança climática afetam aspectos sociais e ambientais da saúde, como ar limpo, água potável e segurança alimentar. Já os custos dos danos diretos à saúde — excluindo os de setores relacionados como agricultura, água e saneamento — estão estimados em torno de **US\$ 2 a US\$ 4 bilhões/ano** até 2030, segundo estimativas da **Organização Mundial da Saúde (OMS)**.

De acordo com uma pesquisa sobre comportamento de compra, realizada pelo **LOHAS Consumer Trends Database (LCTD)**, em 2010, os consumidores, em geral, estão fazendo escolhas cada vez mais ecológicas. Estima-se que esse segmento movimenta **US\$ 290 bilhões** no mercado americano para produtos e serviços voltados à saúde, meio ambiente, justiça social, desenvolvimento pessoal e vida sustentável. Só no Brasil, o setor de *fitness* e academias, por exemplo, movimenta mais de **R\$ 2 bilhões**;

e o de bicicletas cresceu **300%** em cinco anos (são mais **70 milhões** de unidades, mais do que a soma da frota de veículos e motos).

Esses consumidores têm dado preferência para produtos verdes e incorporado atitudes mais ecológicas, mas não se limitam a adquiri-los: **45%** deles acreditam que comprar menos já é uma forma de reduzir os impactos ambientais. Além disso, há diversas outras maneiras de abrandar a pegada ambiental, como utilizar o transporte público ou levar uma sacola retornável para o supermercado.

Nesse sentido, há uma crescente preocupação em adquirir produtos que possam reduzir os gastos de energia, água e até resíduos. Enquanto tais atitudes geram benefícios diretos para os administradores de hospitais, outros tipos de iniciativas trazem vantagens para os pacientes e para as equipes de trabalho, como a aquisição de produtos de limpeza não tóxicos, equipamentos e medicamentos com menores quantidades de componentes químicos pesados e até a escolha de alimentos mais saudáveis.

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

SEGMENTO DE ORGÂNICOS MOVIMENTA US\$ 64 BILHÕES

As estatísticas do crescimento populacional mundial apontam para um acréscimo de 2 bilhões de habitantes, subindo a atual marca demográfica para 9 bilhões de habitantes em 2050. Os métodos que usamos para alimentar a população atualmente se demonstrarão cada vez mais inviáveis. A alimentação orgânica surge nesse contexto como uma solução para diminuir os custos de produção e oferecer mais saúde e bem-estar às pessoas. Em 2013, o segmento de orgânicos faturou **US\$ 64 bilhões** no mundo todo, segundo dados da BioBrazil Fair, o maior evento do setor no país. A principal parcela cabe aos Estados Unidos (**US\$ 35 bilhões**), seguidos pela Alemanha (**US\$ 7 bilhões**) e Canadá (**US\$ 4,4 bilhões**). O Brasil, no mesmo período, teve crescimento em torno de **35%** — de 2013

para 2014 —, com faturamento de **R\$ 2 bilhões**.

Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), em informações publicadas no site da organização, em 2014



NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS E INVESTIMENTO SOCIAL RESPONSÁVEL

Inovações mercadológicas para a saúde também podem — e devem — atender às populações da base da pirâmide. Os investimentos socialmente responsáveis alavancam os negócios de empresas preocupadas em atuar com essa parcela de mercado ainda pouco trabalhada. Inovações que visam ao bem-estar e à salubridade representam ganhos incalculáveis para a população em geral. Quando visam às populações mais pobres, os benefícios se tornam imensuráveis. Um exemplo de negócio sustentável é o trabalho realizado pela empresa **NOTS Impact Enterprises**. Sua meta é tornar sustentável a iluminação e a produção de carvão na África até 2025, fornecendo energia solar nas regiões rurais de grande parte do continente e desenvolvendo soluções sustentáveis para a produção. Em poucos anos, com a venda de lâmpadas solares, a NOTS impactou mais de **325 mil** vidas e compensou **30 mil** toneladas de CO₂. Iniciativas voluntárias também constituem ações de diversas empresas. Algumas delas podem ser encontradas na Plataforma de Conhecimento em Desenvolvimento Sustentável da ONU (*UN Sustainable Development Knowledge Platform*), que tem um portfólio com mais de **100** iniciativas corporativas de investimento social responsável voltadas para a saúde em todo o mundo.

Business Call to Action, iniciativa da Organização das Nações Unidas para agregar ações de empresas que estão desenvolvendo modelos de negócios inclusivos, em informações do site da instituição, em 2014



Cerca de 13% a 19% dos adultos nos Estados Unidos são atualmente considerados consumidores LOHAS

EDIFÍCIOS VERDES E SUSTENTÁVEIS

A construção de edifícios mais verdes traz vantagens adicionais à saúde de todos que frequentem ou morem nesses lugares. Uma iniciativa aplicada em escolas americanas, chamada **Healthy Schools Campaign (HSC)**, tem entre seus programas a busca pelo aprimoramento da educação por meio da promoção do bem-estar e da saúde de alunos, professores e demais profissionais. As novas gerações correm o risco de se tornar as primeiras a viver menos tempo e com menos saúde do que a de seus pais. Ao se pensar em sustentabilidade, não é possível separar saúde e natureza, pois estão interligadas. Educadores, estudantes e meio ambiente saem ganhando quando são tomadas atitudes para reduzir a exposição a potenciais produtos químicos tóxicos, limitar o uso da água, eletricidade e descarte de resíduos. Tais preocupações e as soluções a que elas levam podem estar presentes não somente em ambientes escolares, mas também em hospitais, edifícios comerciais e residenciais. A escolha por produtos de limpeza à base de água e por tecnologias de autolimpeza são inovações que reduzem os custos com mão de obra e a exposição a potenciais produtos tóxicos.

Mark Bishop, vice-presidente do Healthy Schools Campaign (HSC), em entrevista ao NEXT



HOMEOPATIA: SAÚDE, VITALIDADE E BEM-ESTAR

Os cidadãos europeus reconhecem, cada vez mais, os benefícios de uma abordagem holística para a saúde. Nesta perspectiva, o paciente é considerado como um caso único, o que requer tratamento e avaliação individuais. Como em uma entidade integrada, o tratamento homeopático inclui os aspectos físico, mental, emocional, espiritual, social e qualquer outro da totalidade da pessoa. Indivíduos são vistos como sistemas vivos que se autocuram, autorrenovam e são homeostáticos e adaptativos. A saúde não é simplesmente a ausência de doença, mas a



NO RADAR

Unindo forças

O **Healthcare Without Harm** é uma coalizão internacional que conta com mais de 500 membros — em 53 países — preocupados em promover a saúde das pessoas e do meio ambiente. Em um trabalho conjunto, busca transformar o setor da saúde em todo o mundo sem comprometer a segurança e os cuidados do paciente, de modo a tornar seus serviços ecologicamente sustentáveis e criar alternativas saudáveis para práticas que impactem o meio ambiente e contribuam com doenças.

Muitos hospitais e instituições de saúde ao redor do mundo estão tomando medidas simultaneamente para reduzir sua pegada ambiental, contribuir para a saúde pública e poupar dinheiro. Hoje, segundo a OMS, ao menos 25% das doenças e mortes no mundo podem ser atribuídos a fatores ambientais, como **baixa qualidade da água, falta de saneamento, mau uso da terra e mudanças climáticas.**

A ordem para o setor da saúde é prevenir e curar doenças. No entanto, a entrega dos serviços de saúde — principalmente, em hospitais — contribui para problemas causados por fatores ambientais. Hospitais geram significativos impactos ambientais derivados da entrega de serviços, dos recursos naturais e produtos que consomem, além dos resíduos produzidos. Eles podem promover a sustentabilidade, maior igualdade na saúde e o bem-estar ambiental por meio de investimentos em edifícios verdes, compras sustentáveis e implantação de operações ecoeficientes.

habilidade de um sistema — por exemplo, a célula, o organismo, a família e a sociedade — em responder adaptativamente a diversos desafios do ambiente. A doença é considerada o resultado de um estado de desequilíbrio do indivíduo em sua totalidade (corpo e mente) em vez de um distúrbio local. A homeopatia estimula os poderes de cura do próprio corpo para gerar saúde, vitalidade e bem-estar. Não desenvolve tratamentos para apenas se livrar dos sintomas, mas busca a cura do paciente de dentro para fora. Os remédios homeopáticos visam melhorar o nível de saúde ao estimular o mecanismo de autorregulação. Eles são naturais, preparados a partir de uma diversidade de ervas,

produtos minerais e animais. Frequentemente, o tratamento pode ser usado como uma primeira opção em determinadas condições médicas, deixando os tratamentos tóxicos e mais caros como uma segunda opção.

Comitê Europeu para a Homeopatia (ECH), no artigo *Homeopathy: a Holistic Approach*, publicado no site



www.homeopathyeurope.org, em 2010

MERCADO DE FITOTERÁPICOS FATURA US\$ 5 BILHÕES NA EUROPA

O mercado de fitoterápicos está em plena ascensão. De acordo com a publicação científica *The New England Journal of Medicine*, somente na Europa, chega a se gastar **US\$ 5 bilhões** em um ano, sendo a Alemanha e a França os países onde a procura é maior. O governo alemão gastou **US\$ 283 milhões** ao investir na prescrição desse tipo de medicamento. A França segue o mesmo ritmo. Segundo projeções do Instituto Brasileiro de Plantas Medicinais (IBPM), o mercado de medicamentos fitoterápicos movimentará de **US\$ 400 milhões a US\$ 500 milhões** por ano no Brasil. No mundo, estima-se que o gasto com plantas medicinais chegue à cifra de **US\$ 27 bilhões** (em torno de 7% do mercado mundial de medicamentos). Enquanto o mercado farmacêutico cresce de 3% a 4% ao ano no mundo, o fitoterápico sobe de 6% a 7% e vem ganhando *share*.

Alex Botsaris, médico especializado em Medicina Complementar e autor do livro *Medicina Ecológica – Descubra como Cuidar da sua Saúde sem Sacrificar o Planeta*, de 2010, em artigo para o portal UOL, em 2010



BICICLETAS PARA A CIDADE

Uma crescente expectativa que se descortina é o incentivo do uso da bicicleta nas cidades. Os benefícios para a saúde são atingidos direta ou



NOVOS PRODUTOS E SERVIÇOS

LOHAS - Lifestyles of Health and Sustainability
(Estilos de Vida de Saúde e Sustentabilidade)



- Alimentos saudáveis e cultivados localmente
- Produtos de higiene pessoal
- Carros híbridos e elétricos
- Bicicletas para a cidade
- Edifícios verdes e sustentáveis
- Ecoturismo

- Produtos eletrônicos eficientes em energia
- Investimentos socialmente responsáveis
- Produtos naturais para o lar
- Medicina alternativa e preventiva
- Comércio justo
- Literatura para mente-corpo-alma



CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

+

INOVAÇÃO

=

SATISFAÇÃO SAÚDE BEM-ESTAR



Cidades mais limpas



Mobilidade urbana
(+ saúde | - poluição)



Cultivo de alimentos saudáveis



Dispositivos móveis (celular, tablet)



Energia barata e sustentável



Serviços rápidos e eficientes



Edifícios verdes



Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), o ecoturismo é o segmento turístico que mais cresce no mundo, com taxas entre 15% e 25% ao ano

Expansão das ciclovias em São Paulo eleva procura por aluguel de bicicletas em 20%

indiretamente, combatendo as doenças consequentes da obesidade, diminuindo congestionamentos nos grandes centros urbanos e contribuindo para reduzir a poluição do ar. Além disso, a bicicleta foi eleita pela ONU como o transporte ecologicamente mais sustentável. Os principais benefícios do uso da bicicleta como atividade física ou transporte são tanto físicos quanto mentais. Estudo feito por pesquisadores do Instituto de Ciências de Avaliação de Riscos, da Universidade de Utrecht, e da Agência Holandesa de Avaliação Ambiental demonstrou que os benefícios advindos do uso da bicicleta são maiores que os riscos de pedalar em relação ao de dirigir. Portanto, pedalar ainda é mais seguro do que dirigir e pode gerar menos acidentes de trânsito.

Dr. Ingo Froböse,
presidente do Centro de Saúde da Universidade Alemã do Esporte, no relatório *Cycling and Health – Compendium*, de 2006



LOHAS: A REVOLUÇÃO DOS CRIATIVOS CULTURAIS

LOHAS é um acrônimo para *Lifestyles of Health and Sustainability*, uma definição demográfica para um segmento de mercado focado em estilos de vida



CAMINHO DAS PEDRAS

Nova abordagem para a saúde

A ascensão de consumidores cada vez mais conscientes, que buscam soluções ao mesmo tempo ambientalmente saudáveis, economicamente eficazes e capazes de melhorar a qualidade de vida e o bem-estar, traz desafios para as empresas da área da saúde. A partir dos estudos *Consumo e Ações Individuais no Contexto do LOHAS: Uma Perspectiva Global*, de 2010, e *Agenda de Saúde Ambiental para Hospitais e Sistemas de Saúde ao Redor do Mundo*, do **Healthcare Without Harm**, o NEXT identificou quatro passos para as empresas atenderem adequadamente esses mercados.

- 1. Consumir com valores:** o mercado LOHAS preconiza o cultivo da espiritualidade — sem dogmatismos —, o uso de tecnologias e da prosperidade econômica, desde que não seja às custas de explorações do meio ambiente e da comunidade. A busca pela saúde e bem-estar tende a envolver cada vez mais o consumo de produtos e serviços imbuídos de valores.
- 2. Investir em soluções ecológicas para hospitais:** hospitais podem se adaptar às exigências das mudanças climáticas ao promover sustentabilidade, maior equidade e saúde ambiental por meio de investimentos em construções

mais saudáveis, compras ecológicas e operações sustentáveis.

- 3. Preparar lideranças na área da saúde:** a integração da saúde pública com a sustentabilidade ambiental coloca enfermeiros, médicos, hospitais, sistemas de saúde e até ministros da Saúde no centro das soluções dos desafios atuais. Abrir espaço para o surgimento de lideranças que possam transformar suas instituições e se tornar defensores de políticas e práticas de promoção da saúde pública e ambiental pode poupar recursos financeiros.
- 4. Melhor prevenir do que remediar:** cada vez mais, instituições de saúde reformulam o modo como lidam com substâncias perigosas — produtos químicos, por exemplo —, eliminam riscos de ameaças suspeitas e procuram alternativas mais seguras. Entre os benefícios, destacam-se as reduções de custos e a maior segurança de funcionários, pacientes e comunidades vizinhas. Quanto mais hospitais e outras grandes instituições passarem a lidar com estes problemas, mais rápida a mensagem chegará às principais indústrias.





Ideia Sustentável tem três linhas de atuação: consultoria, educação e conteúdos. Saiba mais sobre os serviços da empresa em

www.ideiasustentavel.com.br

sustentáveis. Os consumidores LOHAS tomam suas decisões de compra baseados em seus valores em relação à saúde familiar e comunitária, crenças pessoais, sustentabilidade ambiental e justiça social. Medicina alternativa, ioga e produtos naturais são exemplos de mercados criados para atender essa população. Os valores



PARA SABER MAIS

1. Business Call to Action:
<http://www.businesscalltoaction.org/>
2. LOHAS:
<http://www.lohas.com/>
3. UN Sustainable Development Knowledge Platform:
<http://sustainabledevelopment.un.org/index.php?section=1004&type=12&page=view&nr=391&menu=1348&str=&27=on>
4. Green Clean Schools. Healthy Schools Campaign:
<http://www.healthyschoolscampaign.org/programs/green-clean-schools/>
5. How Bicycling Cuts Health Care Costs for Businesses:
<http://www.triplepundit.com/2013/08/bicycling-cuts-health-care-costs/>
6. Keeping the Pulse of the Planet: Using Big Data to Monitor Our Environment:
<http://www.triplepundit.com/2014/08/keeping-pulse-planet-using-big-data-monitor-environment/>
7. Phillips Healthcare Services Ltd. (PHSL):
<http://www.businesscalltoaction.org/news-highlights/2014/08/phillips-healthcare-services-ltd-phsl/>
8. The Growing Importance of More Sustainable Products in the Global Health Care Industry:
<https://www.jnj.com/sites/default/files/pdf/JNJ-Sustainable-Products-White-Paper-092512.pdf>
9. The Potential for a New, Emerging Culture in the U.S., de Paul H. Ray:
<http://www.wisdomuniversity.org/CCsReport2008SurveyV3.pdf>
10. The Cultural Creatives – How 50 Million People Are Changing the World, de Paul H. Ray (Broadway Books/2001)



são capazes de oferecer previsões sobre comportamentos e não dependem da psicologia pessoal. Ao contrário, eles se

INDICADORES CORRELATOS

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

8: Promover crescimento econômico sustentável, sustentável e inclusivo, empregos integrais e produtivos e trabalho decente para todos.

- ◆ 8.4: Melhorar progressivamente, até 2030, a eficiência global de recursos no consumo e produção e empenhar para desacoplar o crescimento econômico da degradação ambiental de acordo com a estrutura de 10 anos de programas sobre consumo e produção sustentável, com os países desenvolvidos na vanguarda.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE

Indicadores de Performance de Responsabilidade sobre Produtos

- ◆ PR1: Estágios de ciclo de vida em que os impactos de saúde e segurança dos produtos e serviços são avaliados para seu melhoramento, e porcentagem de categorias de produtos e serviços significativos, relativos a tais procedimentos.

diferenciam em três subculturas: 1) tradicional; 2) moderna; e 3) transmoderna. A terceira é exatamente aquela na qual se encontra a população dos chamados 'criativos culturais'. Esta parcela da população defende valores ecológicos, espirituais e psicológicos que fazem a diferença no estilo de vida das pessoas. Estamos assistindo ao surgimento de uma cultura planetária. Os valores e a visão de mundo dos criativos culturais estão convergindo entre as nações para criar uma cultura transmoderna. Dessa forma, ela será capaz de superar conflitos e divisões entre pessoas e religiões, a fim de integrar os valores modernos e tradicionais com algo que ainda está em processo. É uma cultura mais sábia, que sustenta as pessoas mais do que as elites. É uma nova base surpreendente para a integração planetária e para a criação de um mundo sustentável.

Paul H. Ray, diretor de pesquisa do Institute for the Emerging Wisdom Culture e autor do livro *The Cultural Creatives*, de 2001, no relatório *O Potencial para uma Nova e Emergente Cultura nos Estados Unidos*, de 2008





Alimentação saudável, um mercado novo e promissor

Nos dias de hoje, o comportamento dos indivíduos mostra-se bastante complexo e, por vezes, até paradoxal. Ao mesmo tempo que cresce a procura por produtos de luxo e de alta tecnologia, nota-se também a maior consciência social e ambiental. E isso se reflete do mesmo modo na indústria de alimentos.

Mas, afinal, o que o consumidor deseja? A resposta é ampla, mas pode ser resumida da seguinte forma: viver mais, bem e feliz.

O leitor deve estar pensando que isso é evidente, mas nem tudo que parece óbvio consegue ser facilmente equacionado; principalmente, quando falamos em alimentação. Um exemplo: apesar de diversas estatísticas comprovarem o aumento do índice de obesidade da população e doenças relacionadas a essa verdadeira epidemia mundial, não é esse fator, por si só, que leva o consumidor a buscar uma alimentação mais equilibrada.

O que faz crescer de forma significativa a demanda por produtos voltados ao bem-estar nas gôndolas dos supermercados é a maior consciência da população sobre a importância de hábitos alimentares na promoção da saúde física, qualidade de vida e, principalmente, longevidade.

AS PESSOAS QUEREM VIVER MAIS

Os alimentos funcionais e os nutraceuticos são exemplos desse movimento de consumo. Indicados para a manutenção da saúde e redução do risco de doenças, agregam substâncias que promovem benefícios para o organismo, como o ômega-3 dos peixes marinhos, ômega-6 dos azeites, fitoestrógenos e isoflavonas dos

“Não é apenas sua própria saúde que move o consumidor; a do planeta e as causas sociais do seu entorno também se refletem em seus hábitos. Por isso, tornou-se uma tendência de alimentação o consumo de produtos orgânicos, ou seja, aqueles produzidos com base no respeito à preservação da saúde ambiental.”

produtos à base de soja, licopeno dos produtos feitos com tomate, fibras dos cereais, probióticos dos leites e iogurtes, entre muitos outros. Os alimentos *Diet* e *Light*, por exemplo, representam apenas uma pequena parte desse universo.

Outro segmento da indústria de alimentação que também cresce é o dos alimentos *free*, livres de determinadas substâncias e específicos para quem tem restrições alimentares e alergias, como os produtos sem glúten, açúcar, lactose, corante e gordura.

Oferecer pratos especialmente elaborados para os consumidores com restrições alimentares é uma tendência consolidada na Europa e nos Estados Unidos, onde é muito comum ver opções *free* no cardápio não apenas dos restaurantes e lanchonetes, mas também no serviço de bordo dos aviões e até em banquetes e festas. O Brasil desperta agora para essa realidade e necessidade de consumo.

AS PESSOAS QUEREM VIVER BEM

Não é apenas a própria saúde que move o consumidor; a saúde do planeta e as causas sociais do seu entorno também se refletem em seus hábitos. Por isso, outra tendência da alimentação na atualidade é o consumo dos produtos orgânicos, ou seja, aqueles que, além de isentos de qualquer tipo de contaminantes que possam colocar em risco o bem-estar do consumidor, são produzidos com base no respeito à preservação da saúde ambiental.

Diversas pesquisas de mercado apontam que o consumidor valoriza produtos e marcas que adotam práticas de negócios éticos e sustentáveis. Essa consciência, já bastante consolidada nos países desenvolvidos, cresce também nos emergentes, onde, além do consumo dos orgânicos, percebe-se um maior reconhecimento dos produtos regionais que contribuem para a sustentabilidade social local.

A própria **Organização das Nações Unidas (ONU)** elencou a Qualidade de Vida e o Respeito ao Meio Ambiente, no ano 2000, como um dos 8 Objetivos do Milênio, a ser atingidos até 2015. Muitas indústrias do setor de alimentação, atentas a essa preocupação mundial, engajam-se e promovem ações de responsabilidade social, relacionando suas marcas a práticas sustentáveis e ao equilíbrio do meio ambiente.

Nos Estados Unidos, há um aplicativo de celular — o *GoodGuide* — que dá sugestões de produtos seguros, saudáveis, verdes e socialmente responsáveis, avaliados com base em informações científicas. Ele também informa dados de mais de **210 mil** produtos por meio da leitura do código de barras. Em apenas alguns segundos, é possível saber se o item pesquisado causa danos à saúde, se em sua produção é utilizada mão de obra escrava, se há alguma ilegalidade em sua cadeia produtiva.

De forma geral, a indústria alimentícia também mobiliza esforços em novos modelos de produção baseados no *Ecodesign*, em que são considerados os aspectos sustentáveis nos processos de concepção e desenvolvimento do produto, priorizando, por exemplo:

- ♦ Escolha de materiais de baixo impacto ambiental
- ♦ Eficiência energética
- ♦ Qualidade e durabilidade
- ♦ Modularidade (objetos com peças intercambiáveis, que possam ser trocadas em caso de defeito, evitando a troca de todo o produto)
- ♦ Reutilização/Reaproveitamento

“Nos Estados Unidos, há um aplicativo de celular — o *GoodGuide* — que dá sugestões de produtos seguros, saudáveis e socialmente responsáveis por meio da leitura do código de barras. Em segundos, é possível saber se o item pesquisado causa danos à saúde e se há ilegalidades em sua cadeia produtiva.”

AS PESSOAS QUEREM SER FELIZES

Na contramão do ritmo de vida frenético das grandes cidades e da tendência dos chamados “produtos de conveniência”, de rápido e fácil preparo, o consumidor busca, nas horas de lazer, reunir-se à mesa com sua família ou amigos. Assim, movimentos gastronômicos surgem em defesa da redescoberta do prazer do momento da refeição.

É o caso do *comfort food*, que despontou nos Estados Unidos e pode ser

chamado como “comida do coração” ou *pleasant food* (comida prazerosa); essa tendência valoriza receitas de família, aromas e sabores que remetem à infância ou a momentos em que se teve a sensação de segurança emocional. Quem não tem na vida o desejo de comer algo que só uma avó, mãe ou tia preparava? Algumas pessoas definem o *comfort food* como comida caseira. Entretanto, é bem mais do que isso: é a comida da alma.

Outro movimento que valoriza sabores tradicionais é o *slow food*. Criado na Itália como uma resposta ao conceito de *fast food*, propõe despertar o consumidor para a celebração do momento da refeição, desde a escolha dos alimentos e a forma de produção — respeitando o meio ambiente e os produtores artesanais — até a mesa, onde a convivência e o compartilhar são fundamentais.

Como se vê, mais do que uma simples refeição, as pessoas desejam vivenciar o alimento como uma experiência. A experiência também pode passar pela descoberta de novos sabores, como os étnicos ou exóticos; pela sofisticação da gastronomia e dos produtos *premium* (linhas de produtos com formulações mais sofisticadas) e *gourmets* (com características de alta gastronomia); e pela embalagem e apresentação inovadora.

Comer é uma necessidade básica de todo indivíduo; entretanto, esse ato pode (e deve) propiciar prazer. É isso que o consumidor deseja!

Adélia Gambaro Chaves é diretora-editora da revista e do portal *Nutrinews – A Vitrine do Mercado Food Service*, vice-presidente para a América do Sul e diretora Brasil da Organização Mundial de Imprensa e Divulgação Gastronômica (OMPG-Press).



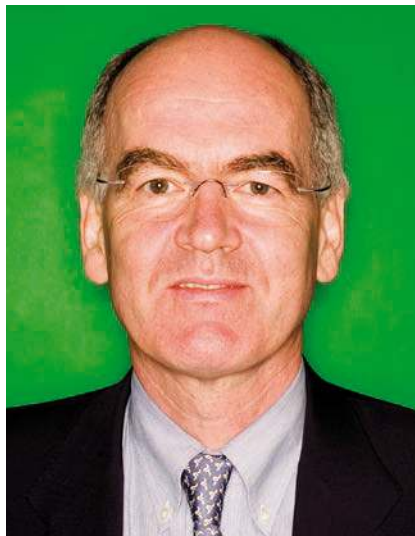
Onde a saúde encontra o *triple bottom line*

Um dos grandes erros do movimento da sustentabilidade tem sido o fato de tentar chamar a atenção das pessoas para a questão da energia, por exemplo, quando o que realmente motiva é a saúde. É hora de aprofundar os vínculos da relação entre os aspectos ambientais, sociais e econômicos da agenda da saúde e conseguir um melhor engajamento das indústrias que estão por trás de tudo isso.

Faz exatamente 20 anos que eu trouxe à tona a noção de *triple bottom line*, acompanhada no ano seguinte, 1995, pelo slogan *People, Planet & Profit*. Desde então, temos visto uma série de outros conceitos superficiais, incluindo “*double bottom line*”, “valor combinado” e “valor compartilhado”, mas também uma série de organizações, como o **Global Reporting Initiative (GRI)** e o **Índice Dow Jones de Sustentabilidade (Dow Jones Sustainability Index – DJSI)**, adotarem o *triple bottom line* ao sugerir como as empresas podem incorporar a agenda da sustentabilidade — e também quando avaliam o progresso (ou a falta dele) de companhias e setores específicos.

O GRI, por exemplo, examinou o setor da saúde e as questões que deverão ser consideradas nessa área no futuro. Ele tem chamado a atenção para o descarte de resíduos tóxicos, o acesso a remédios e outras formas de cuidados da saúde, a gestão de medicamentos. Já o DJSI, ao rever o progresso relativo à sustentabilidade de mais de 20 setores em seu mais recente *ranking* de equipamentos e fornecedores de serviços da saúde (publicado no ano passado), destacou os **Laboratórios Abbott** como a indústria líder.

Poucas pessoas, porém, se interessam por análises como essas; muito frequentemente, temos nossa saúde como certa — até ficarmos doentes ou sofreremos um acidente. Quando isso acontece — seja conosco, um membro da família ou um amigo próximo —, nos tornamos um pouco mais cientes da indústria da saúde. Por trás de enfermeiros, médicos e



farmacêuticos, existe um vasto ecossistema de atores econômicos que fornecem os bens e serviços necessários para tratar os pacientes com um espectro adequado de cuidados para a cura, prevenção, reabilitação e cuidados paliativos.

Devemos lembrar que, mesmo estando fora de nosso radar a maior parte do tempo, a indústria da saúde é atualmente uma das maiores do mundo e a de maior crescimento. De fato, ela consome 10% do Produto Interno Bruto (PIB) na maioria das nações desenvolvidas — uma fatia considerável.

De vez em quando, contudo, o mundo desperta para esse setor e seu papel tanto na economia quanto na sociedade. Por exemplo: nós desenvolvemos um grande interesse por novos medicamentos e sua viabilidade quando uma doença chama a atenção, como ocorreu com o HIV/AIDS nos anos 80 ou quando houve temores de que a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) pudesse impactar a economia global em 2002 e 2003. Agora temos os recentes surtos de Ebola. E o interessante sobre ao menos duas dessas doenças — SARS e Ebola — é que elas tiveram sua origem em interações intensas entre homem e natureza.

Na medida em que a densidade populacional cresce, as pessoas procuram habitats ainda não perturbados,

“A indústria da saúde é atualmente uma das maiores do mundo e a de maior crescimento. Ela consome 10% do Produto Interno Bruto (PIB) na maioria das nações desenvolvidas — uma fatia considerável.”

expondo-se a novas espécies e a novas doenças. Ao mesmo tempo, como o SARS nos mostrou, nossa espécie também se expõe sem querer a uma ampla gama de doenças infecciosas pelo modo como concentra animais, como porcos e frangos, dentro de fazendas intensivas, e pelo modo como coloca várias espécies selvagens em contato com pessoas, por meio da venda em mercados e restaurantes ou servindo animais selvagens.

Pela primeira vez na história humana, a maioria da população mundial vive em cidades ou em áreas urbanas. Até 2030, a previsão é de que **60%** de nós vivamos em cidades. E até 2050, esta proporção poderá aumentar para **70%**. E há outros fatores em ação. A maneira como nosso mundo está conectado por sistemas de transporte em massa e viagens aéreas significa que uma variedade de doenças infecciosas pode se deslocar com muito mais rapidez. Mesmo que um risco se manifeste em um lugar longínquo, ele pode vir para casa e se alastrar em muito pouco tempo.

A **Organização Mundial da Saúde (OMS)** apontou que o risco de transmissão do Ebola durante viagens aéreas permanece baixo. O Ebola, como informado, não é transportado pelo ar e só pode ser transmitido por meio do contato direto com os fluidos corporais de uma pessoa que esteja contaminada com a doença. Na baixa possibilidade de alguém no avião estar contaminado com o Ebola, a probabilidade de outros passageiros terem contato com seus fluidos corporais é pequena. A OMS, por esse motivo, tem advertido contra a proibição de viagens para e de países afetados.

“Há um foco crescente nas maneiras como a mudança climática pode impactar os problemas de saúde. Indústrias de seguro e resseguro investigam os custos de longo prazo para combater os riscos futuros de saúde, desde problemas relacionados a estilos de vida, como obesidade, passando pelos efeitos do envelhecimento até os riscos de pandemias.”

A maioria das doenças, porém, se constrói lentamente ao longo dos anos, por décadas. O que torna tão interessantes intervenções de novos atores como a **Fundação Bill & Melinda Gates**, que

estabelece parcerias para distribuir ferramentas comprovadas — como vacinas, medicamentos e diagnósticos — e descobrir soluções inovadoras, acessíveis e confiáveis. A OMS e outros *players* importantes ajudaram a conduzir a varíola a uma extinção parcial, mas agora, alguns dos novos investidores de impacto desejam levar uma diversidade de doenças a “zero”; dentre elas, o verme da Guiné, a poliomielite e a malária. Tais atores são a vanguarda da corrida para obter soluções de saúde para os mais necessitados.

Há um foco crescente nas maneiras como a mudança climática pode impactar os problemas de saúde. Indústrias de seguro e resseguro investigam os custos de longo prazo para combater os riscos futuros de saúde, desde problemas relacionados a estilos de vida, como obesidade, passando pelos efeitos do envelhecimento até os riscos de pandemias.

Tal tendência vem elevando os ânimos de discussões sobre o uso excessivo de antibióticos, o acesso a remédios em sociedades em que o preço dos medicamentos é muito alto e — um assunto suscitado durante o último surto de Ebola — o problema de medicamentos “órfãos” (aqueles destinados a doenças raras e, portanto, pouco interessantes do ponto de vista comercial), esta última relacionada à má vontade de grandes empresas farmacêuticas.

Além de ONGs como a **Oxfam**, destacam-se nesse segmento empreendedores sociais como o Dr. Paul Farmer, do **Parceiros na Saúde (Partners in Health)**, cujo trabalho em comunidades pobres no Haiti tem atraído amplos elogios e atenção, e Gary Cohen, do **Saúde Sem Danos**

(**Health Care Without Harm**), cuja missão é retirar materiais tóxicos como mercúrio e dioxinas dos hospitais.

Algumas das maiores empresas da saúde têm tentado expandir seu papel em relação aos desafios sistêmicos do setor. Uma com que tenho me envolvido de diversos modos desde o final dos anos 80 é a dinamarquesa **Novo Nordisk**, produtora global de insulinas e outros produtos de cuidados para o diabetes. Ela também lidera posições no tratamento da hemofilia, na terapia de hormônios de crescimento e de reposição hormonal. Um de seus experimentos mais interessantes foi quando tentou aprender com as campanhas de saúde da Oxfam — e se reuniu com ONGs, a OMS e universidades como **Oxford** e **Yale** — para lançar a **Oxford Health Alliance**. A ideia era construir uma campanha de saúde pública para alertar o mundo sobre os perigos de doenças crônicas.

A aliança pode não ter se desenvolvido como a Novo Nordisk imaginara, mas sinaliza um grande problema de saúde global. Aproximadamente **60%** das mortes no mundo hoje se devem a quatro epidemias de doenças crônicas — diabetes, doença cardiovascular, doença pulmonar crônica e alguns tipos de câncer —, e **80%** das mortes causadas por epidemias de doenças crônicas ocorrem em países em desenvolvimento, sendo que elas poderiam ser prevenidas pela abordagem de três fatores de risco principais — consumo de cigarro, dieta pobre e sedentarismo.

Mesmo alianças de empresas, ONGs e agências internacionais não serão capazes de impedir esse tipo de problema. Os governos também precisarão ser

“O próximo estágio da aventura da sustentabilidade será muito mais interessante.

A linha de fundo de amanhã nos levará muito além do *triple bottom line*, devido ao aumento do foco em questões nas quais todos estamos interessados: nossa saúde, nossa família e nosso planeta.”

envolvidos em todos os níveis, desde trabalhar para conter as emissões de gases de efeito estufa até desintoxicar hospitais no mundo todo para assegurar o acesso aos cuidados de saúde.

E ainda há (muito) mais por vir em termos de tecnologia médica. Os esforços atuais para desenvolver medicamentos e outras intervenções que podem ser difundidas entre as populações — e sucessos alcançados, como no caso da varíola

— demonstram o quão sortudos alguns de nós têm sido por crescer na era moderna.

Um aspecto do rápido avanço da ciência médica e da tecnologia é o teste do genoma humano, o qual — dentre outras coisas — é desenhado para explorar a base genética de muitas doenças. Eu tive meus genes testados há um ano por uma empresa californiana, a **23andMe**, um pouco antes de o governo americano banir o uso de seus serviços até que novas pesquisas fossem realizadas. Mas a experiência abriu meus olhos para aonde o mundo pode estar se direcionando em termos de cuidados de saúde personalizados.

Dentre outras coisas, aprendi que meus ancestrais vieram da Escandinávia (os vikings), muito antes do território basco, que hoje é a Espanha (onde os humanos aguardaram a última Era do Gelo) e Mesopotâmia (o que explica porque eu fui “reconhecido” nas ruas quando eu estava na Síria há uma década ou mais). Aprendi também sobre quais doenças tendo a ser vulnerável e para quais sou resistente.

A lição de tudo isso é que o próximo estágio da aventura da sustentabilidade será muito mais interessante. A linha de fundo de amanhã nos levará muito além do *triple bottom line*, devido, entre outras coisas, ao aumento do foco em questões nas quais todos estamos interessados: nossa nutrição e nossa saúde, nossa família, nossa comunidade e, finalmente, nosso planeta. ■

John Elkington é presidente executivo da Volans e cofundador da SustainAbility.



Novos vídeos da Plataforma Liderança Sustentável já foram vistos por mais de 120 mil pessoas

Palestras dos executivos recém-integrados ao movimento ampliam repercussão da iniciativa, que contabiliza, ao todo, mais de 850 mil views

Imagine uma plateia de **120 mil** pessoas. Esse é o público atingido até agora pelas vídeo-palestras da **Plataforma Liderança Sustentável – Executivos**, principais ferramentas de disseminação da mensagem do movimento em empresas, escolas de negócio, universidades e associações classistas. Gravadas com qualidade de cinema, elas registram, na íntegra, as apresentações realizadas por **11** dos principais executivos de sustentabilidade do Brasil durante evento no Tucarena, em São Paulo, nas quais eles contam como transformaram em prática as macrodiretrizes e visões dos CEOs de suas empresas.

Os vídeos são os recursos educacionais mais importantes da **Plataforma Liderança Sustentável**, lançada em 2011 para reunir as histórias de presidentes de empresas consagrados na inserção da sustentabilidade na cultura organizacional — com o objetivo de conectar, inspirar e educar jovens líderes em torno dos valores socioambientais — e ampliada em 2014 para mostrar como os executivos “põem a mão na massa” e trabalham o conceito no dia a dia corporativo. São cerca de **70** gravações audiovisuais, que

somam **530** minutos de conteúdos e mais de **850 mil** views. Além delas, compõem o “arsenal” de conteúdos do movimento: livros, portal, eventos educativos regionais e nacionais, palestras, workshops e cursos de apoio à educação de lideranças.

Os livros que inspiram as etapas do movimento — *Conversas com Líderes Sustentáveis* (Senac-SP/2011), *Escolas de Líderes Sustentáveis* (Elsevier/2013) e *Líderes Sustentáveis com a Mão na Massa* (Ideia Sustentável/2014), de Ricardo Voltolini, diretor-presidente da consultoria **Ideia Sustentável** e idealizador da Plataforma — já contabilizam **10 mil** exemplares vendidos ou distribuídos no Brasil. Pelo portal, que potencializa a disseminação dos conteúdos do movimento, passam mais de **25 mil** visitantes únicos por mês. Nas mídias digitais sociais, como Facebook, Twitter e LinkedIn, mais de **80 mil** pessoas acompanham as novidades da iniciativa.

Os eventos educativos, por sua vez, já levaram a Plataforma às **cinco** regiões do país, além de apresentações na Argentina, Portugal, França, Canadá e Espanha. São mais de **195** realizados, entre encontros anuais, regionais, palestras, workshops e treinamentos, que atingiram diretamente

50 mil participantes. Em 2014, ainda será promovido o encontro regional do Rio de Janeiro, no dia 27 de novembro, no Centro de Convenções da FIRJAN.

Vale ressaltar que **129** instituições educacionais receberam materiais — sejam eles livros, vídeos ou exemplares da revista *Ideia Sustentável* — com os *cases* práticos das empresas participantes da Plataforma Liderança Sustentável, cuja **Rede de Educadores**, formada por profissionais que adotam os conteúdos do movimento em suas aulas, cursos ou palestras, tem 220 integrantes.

Em outubro, a Plataforma realiza seu primeiro programa internacional, em parceria com o Instituto Toposofia: o *Journées d'études à la Sorbonne 2014 – Liderança Sustentável para uma Nova Economia*, que levará líderes brasileiros para um curso especial com alguns dos principais pensadores da atualidade, como Edgar Morin, Michel Maffesoli, George Blanc, Michel Puech e Stéphane Hugon. Além disso, haverá visitas a projetos sustentáveis de empresas francesas, passeios culturais e até um guia gastronômico. Acompanhe as novidades do movimento em www.ideiasustentavel.com.br/lideres.

Que marca a sua empresa vai deixar na história



Apoio:



da sustentabilidade?



Conheça a Plataforma Liderança Sustentável e saiba como participar em: www.ideiasustentavel.com.br/lideres

PLATAFORMA LIDERANÇA SUSTENTÁVEL

Líderes que entregam resultados e valores

Realização

ideia SUSTENTÁVEL
ESTRATÉGIA E INTELIGÊNCIA EM SUSTENTABILIDADE

consultoria

educação

conteúdos

20 anos
educando para a sustentabilidade



Operadora oficial:



Gerando sustentabilidade para o próximo nível: desafios econômicos para grandes farmacêuticas

O mundo das grandes farmacêuticas é competitivo, volátil e enfrenta inúmeros obstáculos econômicos para a integração da sustentabilidade a seus modelos de negócios. Algumas megatendências significativas vêm afetando a indústria ao longo das últimas duas décadas:

- ♦ Forte crescimento na demanda devido ao envelhecimento da população e aumento da consciência de saúde;
- ♦ Reestruturação da indústria depois de fusões e aquisições;
- ♦ Aumento de preços e de lucros;
- ♦ Aumento da demanda devido à crescente preocupação com o manejo da saúde, que resulta em pressão dos compradores sobre os preços;
- ♦ Aumento dos custos de desenvolvimento de novos medicamentos;
- ♦ Validade de muitas patentes de grande sucesso, enquanto comerciantes de medicamentos genéricos têm participação crescente no mercado;
- ♦ Aumento de desafios em torno de doenças, como AIDS, malária, gripe aviária e, mais recentemente, Ebola.

Essas grandes tendências requerem massa crítica em P&D; já a comercialização de novos medicamentos pede escala global para que os investimentos façam sentido. Há um risco elevado no processo de desenvolvimento de medicamentos, e empresas globais são avessas ao risco. Enquanto elas lutam para estabilizar a economia volátil, as expectativas das partes interessadas no desenvolvimento sustentável são maiores do que nunca. Isso ocorre porque, embora o impacto

ambiental das empresas farmacêuticas seja relativamente baixo, o impacto social dessa indústria em comparação com outras é muito alto. A saúde é uma das necessidades mais básicas da humanidade.

Desde o início, a indústria química farmacêutica (originalmente, um único setor) foi confrontada com as consequências e

“Existe uma tendência cada vez maior de experimentação entre farmacêuticos, dispositivos médicos e nutricionistas de empresas para lidar com a saúde e encontrar oportunidades de negócios para salvar e prolongar a vida.”

os riscos de suas operações sociais e ambientais. Até o começo dos anos 70, a pressão externa foi branda — o setor operava “abaixo do radar”. Isso mudou a partir de meados daquela década, após uma

série de incidentes. Um deles, o vazamento de gás tóxico da fábrica de pesticidas da empresa norte-americana Union Carbide, em Bhopal, na Índia, em 1984, responsável por mais de 3.800 mortes. Quando a pressão externa chegou a um nível crítico, as empresas adotaram uma perspectiva ambiental.

Durante a última década, porém, o foco mudou para a responsabilidade social — não devido especificamente ao sucesso das empresas em iniciativas antipoluição, mas também à separação entre a indústria química e a indústria farmacêutica. Hoje em dia, portanto, se considerarmos fatores como relevância econômica, ameaça ao modelo de negócios e análise da cadeia de valor, por exemplo, as questões de sustentabilidade mais prementes são todas relacionadas com responsabilidade social.

Algumas perguntas que devem ser feitas: qual é a responsabilidade da indústria no fornecimento de acesso a cuidados de saúde em áreas pobres de países emergentes e desenvolvidos? É correto suspender o tratamento dos setores mais carentes da sociedade devido às condições de proteção da propriedade intelectual/patentes? O que precisa de atenção em economia da saúde para que mais pessoas se beneficiem de inovação?

A propagação do HIV nos anos 80 e 90 ajudou a evidenciar a urgência dessas questões. Todas precisam de atenção imediata, têm pressão externa enorme e representam uma ameaça ao modelo de negócios das empresas farmacêuticas, muitas das quais baseiam suas pesquisas

e atividades em P&D principalmente no desenvolvimento de drogas para combater “doenças de primeiro mundo” — desafios, por exemplo, cardiovasculares, de distúrbios do sistema nervoso central e de estilo de vida —, enquanto doenças como a malária permanecem negligenciadas. Os processos de tomada de decisão em P&D puramente baseados nos resultados financeiros e no *know-how* existente não levam em conta as necessidades urgentes das sociedades.

As empresas farmacêuticas devem investir mais em P&D nos países em desenvolvimento. Entretanto, a partir de uma perspectiva de negócios, ressalta-se que os limites para o retorno do investimento no tratamento de doenças como a malária deixam claro que a indústria por si só não pode ficar esperando para financiar o nível necessário de pesquisa para novos medicamentos.

Uma solução rápida é contar com doações filantrópicas. Existem inúmeras parcerias nesse sentido entre a área da saúde pública com empresas, mas isso não deixa de indicar uma falta de

“maturidade” do “acesso à medicina” nas agendas corporativas. Porém, muitas organizações se engajam cada vez mais em parcerias público-privadas focando a atividade de P&D nas necessidades do mundo em desenvolvimento, com uma lógica empresarial de atender as necessidades dos potenciais mercados.

“É necessária a mudança de perspectiva das farmacêuticas — da geração de receita para uma mais holística, orientada por oportunidades, redução de custos e estímulo à inovação.”

Dois exemplos são o modelo de parceria rentável da **Novartis** para entregar medicamentos na Índia rural e a iniciativa *Fazer Recuar o Paludismo* na Região Africana, composta por mais de 500 parceiros do setor privado e outras partes interessadas.

No entanto, as visões predominantes da empresa farmacêutica média sobre sustentabilidade e gestão de responsabilidade social e ecológica continuam a ser de curto prazo. Embora algumas vejam o tema como uma forma de reduzir custos em determinadas áreas, muitas ainda o entendem como motivo de redução de

receitas. A maioria das empresas farmacêuticas ainda não considera de forma holística razões econômicas de longo prazo da gestão sustentável. Baseiam-se basicamente na geração de valor de curto prazo para os acionistas.

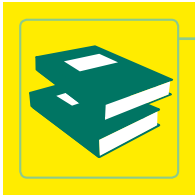
Com o apoio de suas lideranças, empresas como Novartis e **Novo Nordisk** são mais facilmente reconhecidas por gerar demanda da parte dos clientes, pacientes e até mesmo dos mercados financeiros para a entrega de “valor compartilhado”, com base em uma perspectiva orientada para o longo prazo. Os exemplos citados acima refletem uma tendência maior de experimentação entre farmacêuticos, dispositivos médicos e nutricionistas de empresas para lidar com a saúde e encontrar oportunidades de negócios para salvar e prolongar a vida.

As farmacêuticas precisam de uma abordagem mais abrangente para a liderança em sustentabilidade corporativa e gestão. Mais progresso em questões críticas de sustentabilidade por meio do aumento de parcerias público-privadas estimularia a pressão do grupo e da concorrência. A mudança de perspectiva da geração de receita para uma mais holística, orientada por oportunidades, também é necessária.

Necessária e crucial, uma vez que a mensuração é um dos principais obstáculos para o investimento em valor compartilhado, e a conjugação de resultados econômicos com sociais é essencial. Isto irá acelerar o ritmo, reduzir os custos e provar o valor desses investimentos, ao mesmo tempo que estimulará a inovação para o bem das pessoas e do planeta. 🌱

Aileen Ionescu-Somers é diretora do Centro de Estudos de Sustentabilidade Corporativa da escola de negócios suíça IMD.





Liderança, um imperativo para o setor da saúde

A sustentabilidade já permeia diversos setores e indústrias que lutam para a aplicação do *triple bottom line*; na área da saúde, especificamente, tal preocupação despontou em meados dos anos 2000. Segundo Carrie Rich, Knox Singleton e Seema Wadhwa, autores de *Sustainability for Healthcare Management: A Leadership Imperative* (Sustentabilidade para a Gestão da Saúde: Um Imperativo de Liderança), publicado em 2012 pela Editora Routledge, relacionar os temas não é uma tarefa fácil, embora primordial.

“Sustentabilidade não é um imperativo estrito da saúde, mas um veículo único na promoção de valores para a saúde”, escrevem os pesquisadores. É a partir dessa visão que os líderes do setor são convidados a se indagar a respeito das implicações de suas decisões. O livro explora as prioridades de uma liderança e as relaciona à sustentabilidade por meio de um líder imaginário. Assim, a obra torna-se mais didática e pode ser utilizada tanto em salas de aula quanto em treinamentos empresariais.

Cada capítulo inclui ferramentas de liderança, dicas e dados para a formulação de *cases*, exemplos práticos e reais da incorporação da sustentabilidade em instituições de saúde e reflexões de líderes sobre a superação de desafios. Além disso, o livro oferece sugestões de leitura e outros recursos para professores.

É um desafio — e também uma necessidade — preparar os líderes do setor de saúde para pensar a partir de uma perspectiva econômica, social e ambiental. Não se trata de permanecer no lugar comum do “ser verde”, mas de ir além e engajar médicos e empregados, aplicar uma gestão de riscos e de custos de efetividade, gerenciar as metas existentes e transformar a maneira como se pensa o futuro da saúde.

Claro que não é uma tarefa fácil, principalmente para os líderes que ainda

precisam ser educados para a sustentabilidade. Para os jovens da chamada Geração Y, no entanto, esses valores parecem universalmente conhecidos, o que os instiga a se comportar como se sustentabilidade fosse algo óbvio — ou que, ao menos, deveria ser.

“É um desafio e uma necessidade preparar líderes do setor de saúde para pensar a partir de uma perspectiva econômica, social e ambiental. Não se trata de permanecer no lugar comum do ‘ser verde’, mas de engajar médicos e empregados, aplicar uma gestão de riscos e de custos de efetividade e gerenciar metas existentes.”

Conforme afirmam os autores, a aplicação da sustentabilidade na saúde constitui-se em táticas operacionais conhecidas também em outros setores. É preciso pensá-la levando em conta as expectativas dos clientes — nesse caso, pacientes, médicos, clínicos, comunidades,

contribuintes e empregados — e, para isso, faz-se essencial conhecê-los. O papel dos líderes, nesse contexto, é conectar tais expectativas aos planos estratégicos, ao orçamento e à cultura da organização.

Outros três aspectos integram o quadro de importância da sustentabilidade como uma preocupação dos líderes da saúde: as exigências regulatórias em relação à sustentabilidade; promover uma cultura organizacional que reflita os princípios da sustentabilidade; e liderar atitudes que incutem o comprometimento nos funcionários, ligadas aos valores da sustentabilidade.

Segundo *Sustainability for Healthcare Management*, um líder da saúde que esteja realmente imbuído dos valores da sustentabilidade tem a capacidade de reunir os colegas que retêm o poder de conduzir a integração das metas dentro da organização. Ele tem também a capacidade e as habilidades para auxiliar os empregados a traduzir aqueles princípios na atribuição de seus trabalhos individuais. Para isso, precisa extrapolar a missão e visão da instituição e, saindo de sua zona de conforto, ser capaz de incorporar a sustentabilidade no desempenho operacional em todos os níveis.

Marília Ferreira é pesquisadora do NEXT – Observatório de Tendências em Sustentabilidade da consultoria Ideia Sustentável: Estratégia e Inteligência em Sustentabilidade.



Sustainability for Healthcare Management: A leadership imperative

Carrie Rich, Knox Singleton e Seema Wadhwa
Editora Routledge, 224 págs.
US\$ 44,60 (livro impresso)
US\$ 34,54 (livro digital)

NEXT

OBSERVATÓRIO DE TENDÊNCIAS
EM SUSTENTABILIDADE

PARA SABER ANTES
O QUE VEM DEPOIS

SE VOCÊ QUER SABER AS TENDÊNCIAS DE SUSTENTABILIDADE
QUE VÃO IMPACTAR O SEU NEGÓCIO, CONTRATE O **NEXT**:

andressa@ideiasustentavel.com.br

(11) 5579.8012

**ideia**
SUSTENTÁVEL



**NOSSA EMBALAGEM
PRESERVA A NATUREZA.
E NÃO ESTAMOS FALANDO
SÓ DO LADO DE DENTRO.**

A Tetra Pak® é especialista em proteção de alimentos. Do lado de dentro da nossa caixinha, você sempre vai encontrar um alimento seguro, saudável e protegido por seis camadas que preservam suas características nutricionais.

E, do lado de fora, o compromisso de cuidar das pessoas e preservar o meio ambiente, produzindo embalagens 100% recicláveis, feitas a partir de matérias-primas renováveis, como papel proveniente de florestas certificadas pelo FSC® (Forest Stewardship Council®) e o plástico derivado da cana-de-açúcar, que compõe as tampinhas e as camadas internas das embalagens.

**Tetra Pak®. Protege o que é bom.
Protege o que a vida tem de mais gostoso.**



A marca do manejo florestal responsável

